



CIVIS CONSCIENTES

UMA MANEIRA INTEGRAL DE PENSAR
NO CUIDADO DA VIDA COLETIVA

Daniel Caporale



CIVIS CONSCIENTES

UMA MANEIRA INTEGRAL DE PENSAR
NO CUIDADO DA VIDA COLETIVA

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Dom José Gislon

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Gelson Leonardo Rech

Vice-Reitor:
Asdrubal Falavigna

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
Everaldo Cescon

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitora de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico:
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

André Felipe Streck
Alexandre Cortez Fernandes
Cleide Calgaro – Presidente do Conselho
Everaldo Cescon
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Guilherme Brambatti Guzzo
Jaqueline Stefani
Karen Mello de Mattos Margutti
Márcio Miranda Alves
Simone Côrte Real Barbieri – Secretária
Suzana Maria de Conto
Terciane Ângela Luchese

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Universitá degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
Escuela Interdisciplinaria de Derechos Fundamentales Praeeminentia Iustitia/Peru

Juan Emmerich
Universidad Nacional de La Plata/Argentina

Ludmilson Abrita Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
Universidad Nacional del Centro/Argentina

Nathália Cristine Vieceli
Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra





CIVIS CONSCIENTES

UMA MANEIRA INTEGRAL DE PENSAR
NO CUIDADO DA VIDA COLETIVA

Daniel Caporale



© dos autores

1ª edição: 2025. Primeira Edição Física Limitada – Distribuição Gratuita (Prefeituras, Organizações sociais e/ou empresariais – Academia)

Preparação de texto: Giovana Letícia Reolon

Editoração: EDUCS

Capa: EDUCS com colaboração de Leandro G. Caporale

Imagen de capa: Imagem de capa: LA PLATA ARGENTINA. Imagem aérea disponibilizada pela Direção de Comunicação e Imprensa da Municipalidade de La Plata. Argentina, 1998-99. p. 08.

Revisão preliminar de conteúdos: Cleide Paiva Godoy

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Universidade de Caxias do Sul

UCS – BICE – Processamento Técnico

C246c

Caporale, Daniel

Civis conscientes [recurso eletrônico] : uma maneira integral de pensar no cuidado da vida coletiva / Daniel Caporale. – Caxias do Sul : Educus, 2025.

Dados eletrônicos (1 arquivo)

Modo de acesso: World Wide Web.

Apresenta bibliografia.

ISBN 978-65-5807-419-9

1. Conscientização social. 2. Cidadania. 3. Desenvolvimento sustentável. 4. Sociedade de consumo. I. Título.

CDU 2. ed.: 316.64

Índice para o catálogo sistemático

1. Conscientização social	316.64
2. Cidadania	342.71
3. Desenvolvimento sustentável	502.131.1
4. Sociedade de consumo	64.033

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197

Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

RUMO A UMA
CULTURA CIDADÃ
CONSCIENTE!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Um convite: Por que ler esta obra?

Palavras-chave: Sociedade consciente — Leitura — Sustentabilidade

Pela Profa. Dra. PhD. Valneide Luciane Azpiroz

[PÁGINA 11](#)

DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale, Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente

[PÁGINA 14](#)

PREFÁCIO

Rumo a uma cultura cidadã consciente

Palavras-chave: Cidadania — consciência — economia liderança — ecossistema — coletivo

Pelo MBA em Gestão Empresarial Solon Stahl, Diretor-executivo da Sicredi Pioneira

[PÁGINA 23](#)

INTRODUÇÃO

O cuidado integral com a vida coletiva

Palavras-chave: vida coletiva — paisagem integral

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale, Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente

Conteúdo do capítulo

Reflexões finais

[PÁGINA 32](#)

[PÁGINA 43](#)

CAPÍTULO I

Sobreviverão as sociedades aos paradigmas do Século XXII?

Palavras-chave: mundo global — cultura local

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale, Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente

Conteúdo do capítulo — Narrativa reflexiva

PÁGINA 46

Pelo Prof. Arq. Urb. Pedro A. Alves de Inda, Professor adjunto do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul

Reflexões finais

PÁGINA 55

CAPÍTULO II

A cidade da insustentabilidade

Palavras-chave: Insustentabilidade — assimetrias — fragmentação — exclusão

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale, Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente

Conteúdo do capítulo

PÁGINA 62

Pela professora Cleide P. Godoy, Diretora da GB Comunica-arte

Reflexões finais

PÁGINA 87

CAPÍTULO III

Caminho para a integração de Civis Conscientes

Palavras-chave: Civis Conscientes — Cívitas integradas

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale, Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente

Conteúdo do capítulo

PÁGINA 92

Pelo Lic. em Economia Maximiliano Scarlan, Diretor do Grupo Utopia Urbana

Reflexões finais

PÁGINA 103

CAPÍTULO IV

As novas diretrizes para a universalização de uma vida coletiva íntegra e consciente

Palavras-chave: Vida coletiva consciente — comunidade integrada — cultura cidadã consciente

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale, Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente

Conteúdo do capítulo

PÁGINA 108

Pela Arq. e Urb. Dóris Baldissara, Diretora da Área do Conhecimento de Artes e Arquitetura da Universidade Caxias do Sul

Reflexões finais

PÁGINA 123

CAPÍTULO V

Comprovação dos conceitos realizados

Palavras-chave: Comunidades transformadoras — Coautoria comunitária e liderança — Consciência social — Modelo Formativo de desenvolvimento integral

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale, Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente

Conteúdo do capítulo

PÁGINA 127

Por Daniela Garcia, Estrategista em ESG/Negócios, CEO Capitalismo Consciente, Brasil

Reflexões finais 1

PÁGINA 140

Por Hugo Bethlem, Conselheiro em ESG/Empresas, Presidente do Conselho Capitalismo Consciente, Brasil

Reflexões finais 2

PÁGINA 142

CAPÍTULO VI

As recomendações surgidas da aprendizagem

Palavras-chave: Aprender fazendo e refletindo — Associatividade — Propósito coletivo — Pensamento evolutivo

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale, Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente

Conteúdo do capítulo

PÁGINA 147

Reflexões finais do autor

PÁGINA 150

POSFÁCIO

Mensagem consciente no tempo

Palavras-chave Cidade — Cidadania — Coletividade — Educação

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale, Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente

Apresentação Preliminar

PÁGINA 155

Pelo Prof. Gestor Escolar Everton Augustin, Ex-diretor do Instituto Educativo Ivoi RS

Reflexões finais 1

PÁGINA 156

Pela PhD em Cultura Eliane Davila, Pesquisadora CEO da Inspire Global Group, colíder do Capitalismo Consciente, Filial RS

Reflexões finais 2

PÁGINA 159

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale, Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente

Encerramento do documento

PÁGINA 161

MINIBIOGRAFIAS

Autor

PÁGINA 164

Coautores

PÁGINA 165

MATERIAL DE CONSULTA

Bibliografia e fontes digitais

PÁGINA 176

Glossário

PÁGINA 178

UM CONVITE: POR QUE LER ESTA OBRA?

APRESENTAÇÃO

Profa. Dra. PhD. Valneide Luciane Azpiroz

APRESENTAÇÃO

Um convite: Por que ler esta obra?

Palavras-chave:

Sociedade consciente — Leitura — Sustentabilidade

Profa. Dra. PhD. Valneide Luciane Azpiroz

e-mail: profa.valneide@gmail.com

Ler é uma atividade de grande importância para o desenvolvimento pessoal e social, pois proporciona, entre outros, a ampliação do pensamento crítico, um aprendizado contínuo, o fortalecimento da empatia, além de uma conexão com a história e a cultura. Por esses motivos, ler é um exercício multifacetado e enriquecedor, capaz de oferecer reflexões edificantes e mudanças de comportamento. Essas são algumas razões pelas quais recomendo a leitura da obra **Civis Conscientes**.

“Plantar uma árvore, ter um filho, escrever um livro: três coisas que toda pessoa deve fazer durante a vida”, essa frase foi cunhada e difundida pelo poeta cubano José Martí.

Julgo ser incrivelmente apropriado iniciar esta apresentação com essa citação, uma vez que todos os elementos mencionados por Martí vêm ao encontro do propósito da obra que tenho orgulho em apresentar-lhes.

Em um mundo altamente conectado, que vive em uma velocidade vertiginosa, que visa ao consumo desenfreado, que ignora espaços de convivência, que expulsa populações para cinturões à margem das metrópoles, a obra **Civis conscientes** é um sopro de esperança e de possível conscientização das pessoas e de organizações público-privadas. Para tal, é lícito trazer à luz o que rege o art. 225 da Constituição Federal de 1988: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

A preocupação do autor — um sujeito incansável na busca de soluções para as cidades — ao organizar esta obra significa, ao mesmo tempo, desafio e oportunidades. Indubitavelmente, para levar adiante algumas das tantas propostas aqui mencionadas, faz-se necessário, para além da conscientização, o financiamento de infraestruturas verdes. Isso é disruptivo, pois quebra a lógica do consumo exacerbado e traz um olhar crítico acerca de mudanças necessárias ao *status quo*. Quanto às oportunidades, obvia-

mente almeja-se uma melhoria na qualidade de vida das populações, bem como um aumento da resiliência às mudanças climáticas.

Inegavelmente, cidades que adotam políticas e práticas sustentáveis estão na vanguarda da luta contra as mudanças climáticas e servem de modelo a outras localidades no mundo todo. A obra traz exemplos bem-sucedidos que convidam à leitura, à reflexão e a uma tomada de decisão.

Nesse sentido, **cidades conscientes** são aquelas que adotam uma abordagem holística em relação ao desenvolvimento sustentável, integrando aspectos ambientais, sociais e econômicos, a fim de promover uma melhor qualidade de vida a seus cidadãos.

Tanto o Prefácio, escrito por Solon Stahl, quanto a Introdução, produzida pelo Me. Arq. Daniel Caporale, antecipam a riqueza da obra que se tem em mãos e reverberam a preocupação constante por uma sociedade consciente, pela equidade, sem ignorar o progresso e a evolução da sociedade. Os seis capítulos que integram a obra foram organizados de tal forma que o leitor irá encontrar uma riqueza de informações e conteúdos relevantes.

Em suma, o propósito desta obra consiste em apontar as melhores práticas relacionadas ao meio ambiente e à governança, de maneira a conscientizar e replicar ações que conduzam à qualidade de vida, que contribuam para mudanças sociais efetivas.

Boa leitura.



Foto 1 — Valneide Luciane Azpiroz, diretora da empresa Comunicação assertiva: Dicção e Oratória Ltda.

Fonte: Arquivo pessoal de Valneide.

DEDICATÓRIA E AGRADECIMENTOS

DEDICATÓRIA

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale

Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente
e-mail: danielcapo56@gmail.com

“O silêncio é a gentileza do perdão, que permanece calado e permite que a natureza do tempo se manifeste. O transcendente é importante; portanto, ser é, a partir da firmeza da paz”
Lao Tsé.

Como transformar nossa prática individual em um compromisso coletivo?

Este documento representa anos de construção conceitual e comprovações concretas desenvolvidas a partir de uma caminhada coletiva com muitas pessoas que interagiram ao longo do tempo: líderes sociais, acadêmicos, colegas profissionais, empresários, gestores públicos, entre outros.

Por isso, a dedicatória central deste livro está direcionada a todas **essas comunidades e sociedades silenciosas** que têm a necessidade, convicção e decisão de projetar sua própria razão de ser, com o intuito de construir, paulatinamente, uma cultura de paz em seus territórios e cidades, entendidas como espaços para a convivência harmônica.

Civis conscientes pretende tornar-se uma referência orientadora para todos aqueles com a capacidade de transformar a realidade de maneira benéfica. Esta dedicatória inclui todos esses líderes mobilizadores de comunidades e sociedades organizadas, bem como gestores públicos que compreendem o papel de responsabilidade que devem assumir para o bem-estar das populações e seus lugares de vida.

Este é um legado genuíno, compartilhado de maneira sincera e humilde, com a consciência de que se trata de um pensamento em construção permanente, que precisa se transformar em coletivo para se tornar universal.

Sejamos parte consciente da construção deste destino épico!

AGRADECIMENTOS

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale

Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente
e-mail: danielcapo56@gmail.com

Todas as experiências vividas, sejam elas geradoras de alegrias ou, às vezes, de tristezas, sempre representam uma grande oportunidade para nosso aprendizado e evolução ao longo da caminhada da vida.

Por essa razão, o agradecimento deve ser compreendido como um ato de reconhecimento, consideração e compreensão, tanto para com os outros quanto para conosco.

Esta obra literária foi idealizada como um documento construído a partir da **produção social de saberes e experiências compartilhadas**. Trata-se de um trabalho que visa apresentar um **estilo multipropósito de participação de conteúdo** e, paralelamente, **de multileitura**, resultado da coautoria de um grupo prestigioso de participantes oriundos de diferentes áreas de atuação (lideranças profissionais, acadêmicas, empresariais e, por último, da sociedade organizada).

Aproveito este momento para expressar um profundo agradecimento a todos os colaboradores que contribuíram para que esta produção se tornasse uma realidade com o poder de reflexão e transformação.

Um reconhecimento afetuoso para a família

Nesse sentido, gostaria de expressar minha profunda gratidão à **minha amada família** — minha esposa Cleide e nossos filhos Leandro e Giuliano —, que esteve sempre ao meu lado, com suas distintas contribuições e apoio, em prol de apresentar a melhor versão deste material.

Em particular, quero ressaltar minha esposa, cuja revisão literária minuciosa foi fundamental para o resultado final do livro. Sou igualmente grato ao Leandro, cuja contribuição nas pesquisas de cada temática foi essencial. E, por fim, agradeço ao Giuliano, que participou ativamente em todos os aspectos da divulgação e comunicação.

Sem o apoio e dedicação de cada um de vocês, este projeto não teria alcançado o propósito que hoje celebra.



Foto 2 — Família Caporale.

Fonte: Arquivo pessoal de Daniel.

Um especial agradecimento para meu mentor e querido amigo

A essência genuína dos conteúdos de toda a pesquisa e subsequente elaboração deste documento emergiu dos conceitos aprendidos durante minha formação profissional e acadêmica, sob a orientação do **Dr. Arq. Urb. Ruben Pesci**, mentor e querido amigo.

Por isso, expresso minha profunda gratidão por todos os conhecimentos compartilhados, que abrangeram desde conceptualizações teóricas e diálogos reflexivos até a comprovação prática em cada uma das experiências vividas ao lado do meu mestre.

Aproveito para estender minha gratidão a toda a equipe da **Cepa Consultora** (setor empresarial), à **Fundação Cepa** (setor filantrópico) e à rede **FLACAM** (Fórum Latino-Americano em Ciências Ambientais). Essas entidades, idealizadas e conduzidas pelo

Rubén, foram um privilégio para mim, e tive a honra de fazer parte delas durante uma década, desempenhando diversas funções (executivas, acadêmicas e projetuais).

Meu caro *maestro* Rubén teve a notável capacidade de me ensinar os valiosos conteúdos que sustentam uma nova forma de ver, compreender e abordar a realidade, o que chamamos de “cultura da sustentabilidade”. Ele também soube contagiar-me com esse sonho épico e coletivo, essa filosofia de vida que une pensamento e ação e que deve ser universalizada em cada canto do mundo.

Em outras palavras, aproveito esta oportunidade para prestar uma homenagem sincera que vem do meu coração a esse grande mestre que, sem dúvida, marcou um antes e um depois em minha vida.

Muchas gracias, querido amigo y maestro, por tus conocimientos y experiencias compartidas!



Foto 3 — Rubén Pesci e Daniel Caporale, Agenda Estratégica D.S de Gramado RS
Fonte: Arquivo pessoal de Daniel.

Um agradecimento profundo pelas valiosas contribuições de amigos e parceiros

Na continuação, meu agradecimento sincero a cada um dos que contribuíram com seus textos, todos de grande valor para provocar, ao leitor, momentos de reflexões e questionamentos, a partir de um processo criativo que entendemos como inconcluso, pois se trata de um pensamento em construção permanente diante da dinâmica de nossa realidade.

À vista disso, meu primeiro reconhecimento vai para nossa querida parceira e amiga **Valneide L. Azpiroz**, com quem compartilho uma longa caminhada de múltiplas atividades desde o início da década de 2000. Sou imensamente grato pela honra de ter nosso livro apresentado com tanta elegância e estilo, características de alguém que domina com maestria a expressão profissional e a qualidade literária.

Neste contexto de valorizações, não poderia deixar de reservar um profundo agradecimento ao meu amigo **Solon Stahl**, pelo prefácio tão referencial e reflexivo. Ele aborda conceitos relevantes e provocadores no desafio de pensar em Civis Conscientes, fundamentado na compreensão da ideia de liderança e do coletivo como um ecossistema.

Reitero minha gratidão à minha esposa **Cleide**, que, com muita coragem, se atreve a compreender o funcionamento integral das cidades e a questionar o futuro delas diante da realidade de insustentabilidade urbana que estamos vivendo.

Agradeço também a **Pedro Alves de Inda**, que de maneira questionadora aborda a sobrevivência das cidades no futuro e sua relação com o sentido de prosperidade.

Com o mesmo espírito, é necessário agradecer ao amigo e compatriota **Maximiliano Scarlan**, que nos coloca em um novo cenário ao indagar sobre o futuro das cidades, sendo consciente das mudanças climáticas e da importância da conscientização pública.

Na sequência, agradeço à querida colega acadêmica **Dóris Baldissera**, que nos traz um conceito reflexivo ao apresentar a cidade como a forma real de vida política por excelência, destacando o sentido da convivência em termos coletivos.

Quando se fala das lideranças conscientes e protagonistas das transformações em cada comunidade, destacamos a competente intervenção dos grandes líderes do movimento Capitalismo Consciente, **Daniela Garcia e Hugo Bethlem**.

Quase encerrando esta lista de reconhecimentos, gostaria de incluir um agradecimento especial ao colega e amigo **Vinicius Barreiro**. Por iniciativa própria e com grande

interesse, ele participou com suas reflexões no último capítulo do livro, reforçando vários dos conceitos desenvolvidos ao longo deste documento.

Por último, nosso profundo agradecimento vai para aqueles que assumiram a responsabilidade de escrever o Posfácio deste livro, deixando uma mensagem final inspirada no aprendizado como produto de todas as experiências vividas.

Muito obrigado a **Eliane Dávila** e **Everton Augustin**, pelo esforço de síntese conclusiva para encerrar este documento.

Os acompanhamentos institucionais e patrocinadores

Além de todas as contribuições afetivas, conceituais e orientadoras que este documento recebeu, é importante abrir um espaço para agradecer às entidades e instituições, tanto públicas quanto privadas, que vêm acompanhando esta iniciativa e contribuindo com informações e manifestações como mostra de confiança neste trabalho sustentado por 40 anos de experiência.

À vista disso, menciono os prefeitos de **Ivoti (Martin)** e de **Estância Velha (Diego)**, ambos do período 2021-2024; assim como no âmbito civil/privado, ressalto o acompanhamento dos movimentos socioempresariais através de seus líderes, **MOVE**, de Monte Verde, **Nova 2050**, de Nova Petrópolis, **Ivoti 100**, de Ivoti, e **Estância 360°** de Estância Velha.

Manifestamos também nossa alegria e gratidão por saber que, nesta jornada épica que persegue um propósito coletivo, tivemos a participação dos principais líderes do movimento internacional **Capitalismo Consciente**, representado por sua matriz no **Brasil** e sua filial no **Rio Grande do Sul**.

Um capítulo especial de agradecimento vai para dois parceiros estratégicos: por um lado, a **Sicredi Pioneira**, que sempre acreditou em nossas ideias e proposições, estando presente em vários casos apresentados neste documento. Por outro lado, à **Universidade de Caxias do Sul**, e em especial sua editora, **EDUCS**, representada pela sua Coordenadora, Dra. Simone Côrte Real Barbieri, que acreditou em nossa proposta, permitindo a edição deste livro. Foi uma honra muito grande conseguir esse apoio que facilitou a operacionalização do trabalho, permitindo que ele chegassem a todos os seus destinatários, sejam eles públicos, privados, acadêmicos ou da sociedade civil.

Para completar, agradecemos de coração o patrocínio da **Rede de Supermercados Kern** e do empresário ivotense Marcos A. Kern, a gestão generosa do arq. **Derson Casagrande** para somar o apoio da empresa de Taquara **LC Incorporações e Empreendimentos** e seus sócios Leandro dos Santos, Cassiana dos Santos e Enio Stein Filho; e a confiança do eng. **José C. Silveira** (ex-presidente do Conselho do Plano Diretor de Gramado). Muito obrigado a todos!

A homenagem pelo comprometimento de todos os líderes das comunidades

É de destacar neste espaço uma especial consideração para cada um dos líderes conscientes de cada comunidade que participaram do documento, contribuindo com suas apreciações, comentários e reflexões, todos baseados nas experiências vividas em cada cidade.

Em particular, cada uma das manifestações desses líderes no Capítulo V do livro foi uma fonte de aprendizado e inspiração, pois surgiram da própria essência do saber cotidiano, gestado em cada uma das comunidades envolvidas.

Por essa razão, manifesto aqui uma profunda gratidão a cada um desses líderes e aos grupos sociais que representam, tanto pela dedicação desinteressada quanto pelas contribuições que enriqueceram significativamente o conteúdo desse capítulo especial, que teve como objetivo enfatizar as próprias comprovações dos atores, convertidos em coautores de cada processo.

Assim, concluo transmitindo todo o nosso respeito para **Rebecca Cerello Wagner Ciscato, Valmor Heckler, Donato Dilly, Jeferson Zatti, Victor Ferrari, Ricardo Pecin, Derson Casagrande, José Silveira e Eduardo Cansi**.

Cada uma dessas pessoas contribuiu, a partir de seu compromisso social, para deixar um legado identitário que, sem dúvida, refletirá no futuro de suas cidades e, portanto, de suas sociedades, em termos de bem-estar e cuidado da vida coletiva.

O valor da equipe interna

Para encerrar esta série de agradecimentos, aproveito a oportunidade para expressar nossos maiores afetos para toda a equipe interna de trabalho, direto e indireto de

nossa organização, que contribui com a **SG Cultura Cidadã Consciente**, por estar presente durante todo este percurso, alguns deles, de maneira permanente, colaborando com orientações, ajustes de textos, desenho da capa, e outras questões operativas da comunicação.

Mais uma vez, obrigado à família, **Cleide, Leandro e Giuliano**.

E a outros que, por diferentes razões de logística ou tempos operativos, não conseguiram estar presentes de forma prática, mas que têm meu carinho por sempre estarem disponíveis para uma palavra de apoio, força emocional e entusiasmo para que este sonho pudesse se concretizar e ser realidade.

Grande abraço para meus amigos **Vinicius**, já mencionado pela sua contribuição no Capítulo VI, **João Baptista Juniors**, por todas as orientações vinculadas com as questões da revisão jurídica do documento, assim como das formas gestão que terminam se concretizando na figura da “Agência” e que aparecem abordadas em diversos momentos deste livro, **Susiê Ghelsa**, pelas sugestões sobre algumas referências bibliográficas incluídas no Capítulo I, quando se aborda a dimensão da narrativa histórica, e, por último, **Raoni Gonçalves**, pela proposição de ser abordado o conceito do ambiente como fundamento da vida em coletividade, incluído finalmente na Introdução deste livro.

Por último, uma lembrança para meus amigos e irmãos da vida, Marcelo Bertolotti (*in memoriam*) e Gabriel Minghinelli, por estarem presentes em todos os momentos!



Figura 1 — Logo SG Cultura Cidadã Consciente

Fonte: SG C.C.C.

POR UMA CULTURA CIDADÃ[~] CONSCIENTE

PREFÁCIO

Por Solon Stahl

PREFÁCIO

Rumo a uma cultura cidadã consciente

Palavras-chave:

Cidadania — consciência — economia liderança — ecossistema — coletivo

Civis Conscientes, um guia para lideranças

Pelo MBA em Gestão Empresarial Solon Stahl

Diretor-executivo da Sicredi Pioneira

e-mail: solon_stahl@sicredi.com.br

Nossos ancestrais inventaram a agricultura há cerca de 11 mil anos. Com isso, evoluíram de coletores e caçadores nômades, cujo objetivo único era a sobrevivência, para uma vida sedentária, fixando-se em territórios onde podiam plantar frutas e vegetais e criar animais para alimentação. Essas pioneiras e pequenas **aglomerações humanas** foram o **embrião** das cidades.

Com a segurança física proporcionada por uma comunidade — como, por exemplo, um pequeno exército armado para defender plantações e criações, consideradas a riqueza da época, e proteger o território de invasores e animais selvagens —, a segurança psicológica nascia da criação de laços mais fortes entre os vizinhos, formando uma rede de apoio e cooperação. Além disso, a segurança alimentar era garantida pelas culturas agrárias, permitindo ao homem sair do **modo de sobrevivência**, melhorando sua nutrição e saúde.

Dessa forma, surgiu lenta e gradualmente uma nova consciência, **migrando do objetivo único de sobreviver para o de viver**.

Nesse contexto, acompanhada pela evolução biológica do cérebro humano, que nos transformou em *Homo sapiens* com capacidades cognitivas que nos permitem articular relacionamentos e criar soluções, nasceram as **comunidades**. Entendidas como locais de convivência para a trocas de experiências sociais e econômicas, de satisfação de necessidades coletivas, além de espaços para expressão lúdica, elementos que formaram o que hoje chamamos de **cultura**, a amalgama e identidade dessas primeiras comunidades.

Assim, do **sobreviver**, passamos para o **viver** e, posteriormente, para o **conviver**.

No contexto histórico do final do século XIX, no sul do Brasil, levas de colonos europeus, na sua maioria alemães e italianos, chegaram para povoar a região serrana e os vales no nordeste do Rio Grande do Sul. Refugiados de uma situação precária na Europa, onde não possuíam terras suficientes para desenvolver sua atividade agrária e garantir seu sustento, assolados pela fome, pelas pragas e pelas guerras que marcavam a época no continente europeu, buscavam um novo mundo, uma oportunidade de melhorar a vida e a de suas famílias por meio da posse de terras agricultáveis. Novamente, temos a agricultura como fator preponderante na história.

Ao chegar nessa região, encontraram apenas matas, animais selvagens e indígenas, os moradores originais do território. Instalaram-se e precisaram construir tudo do zero, pois, das promessas feitas pela Coroa brasileira — terras, sementes, ferramentas e crédito —, somente as terras foram entregues. Assim, sobreviviam em um ambiente de muita insegurança física devido a conflitos com os nativos e os animais, já que haviam invadido esse espaço alheio, além de insegurança alimentar por conta da escassez de recursos e insegurança psicológica pelo isolamento da civilização que experimentavam.

Com o passar do tempo, começaram a construir pequenos povoados liderados pela autoridade religiosa, pois é inegável o papel fundamental das igrejas católica e protestante no suporte a esses primeiros imigrantes.

Além de dar conforto espiritual, organizaram as primeiras escolas, hospitais e associações da região. Não é à toa que os professores e curandeiros pioneiros dessa região foram padres e pastores.

Em torno da pequena igreja, da escolinha e da sociedade que promovia o canto e a dança — traços marcantes desses imigrantes europeus que preservavam sua identidade cultural no novo mundo —, o aglomerado de pequenas casinhas ia aumentando. Em seguida, surgiram pequenos comércios, serviços como ferreiros e barbeiros, algumas indústrias rudimentares de equipamentos básicos para a agricultura, pequenas fábricas de banha, de vinho, de cerveja e de gasosa. Criaram-se associações e até cooperativas de crédito para dinamizar a economia ainda incipiente, e vimos, assim, comunidades continuarem nascendo.

Nesse cenário, foi novamente na **formação de uma comunidade que as pessoas retomaram a segurança** em todos os seus aspectos, o que permitiu aos imigrantes evoluírem do modo sobreviver para o modo viver. E outra vez, repetindo os ancestrais, é nesse momento do viver que uma cultura e uma identidade vão se formando em torno do salão

de baile, da escola comunitária, da sociedade de tiro ao alvo, do culto ou da missa dominical. Esse é o marco do surgimento das pequenas cidades do interior do estado, com traços tão típicos e até hoje visíveis aos olhos de todos e ao coração dos descendentes daquela gente brava. Sim, a história se repete: do **sobreviver** para o **viver** e, enfim, para o **conviver**.

Foi nessa ainda precária vida comunitária que os mais velhos ensinavam os mais jovens sobre os segredos do sobreviver e do viver em ambientes hostis, tanto da saudosa terra natal na Europa como do novo lar que estava sendo construído. Em torno de fogueiras na boca da noite ou em casebres iluminados por velas, a tradição oral se formou através de histórias e estórias que eram contadas, criando laços identitários, e dessa forma fomos aprendizes do conviver.

Hoje em dia, temos espaços para que histórias sejam compartilhadas, lendas locais sejam cultuadas e heróis do passado sejam reverenciados. Somos nutridos pelo passado ao forjar um novo futuro usando a inteligência coletiva. Mas, nesse caldeirão ético-moral-cultural, como cultuar o conviver?

Será que estamos retornando ao modo de sobreviver sem nos sensibilizarmos quanto a esse retrocesso?

Somos animais sociais, não afeitos à solidão; precisamos do convívio de outros humanos, precisamos pertencer a um grupo que nos dê identidade e proporcione segurança. As comunidades cumprem desde sempre esse papel fundamental que os humanos anseiam. É da nossa natureza humana o conviver!

Cidades, sinônimos de segurança e identidade cultural, de espaços de conviver, chegam no século XXI ameaçadas. As cidades seguem afetadas, seja pelo desequilíbrio ambiental que as assola com catástrofes climáticas, seja pelos desequilíbrios do capitalismo que geram anomalias e criam uma brecha entre ricos e pobres, aumentando as vilas nas periferias. São impactadas por governanças ultrapassadas, limitadas pela consciência de nossos representantes que insistem em manter o *status quo* de um sistema político arcaico baseado em trocas de verbas por vantagens e favores. Comércios locais fecham por conta da explosão das plataformas mundiais de comércio digital, nos dando a falsa impressão de que isso é desenvolvimento e que não podemos ficar de fora.

O trânsito cada vez mais caótico gera não só acidentes muitos fatais e desperdício econômico com engarrafamentos, mas também danos mentais e sociais pelo tempo perdido dentro de um automóvel.

Essa análise caótica e outros desafios são temas abordados pelo **amigo Daniel** nesta obra que está em suas mãos. Daniel, um entusiasta e estudioso das **cidades inteligentes e integrais**, que preservam a vida em todos os níveis, propõe uma governança local mais **consciente e sistêmica**, unindo o público por meio das forças vivas das comunidades junto ao Poder Público que possui o mandato legítimo para conduzir as cidades, potencializando a **inteligência coletiva para a busca de soluções integradas**, as quais urgem, mas não são simples, pois não são problemas isolados. São todas questões ligadas direta ou indiretamente, conectando-se como partes do mesmo ecossistema.

Logo, as soluções terão que ser integrais e não fragmentadas. Temos que sair do modelo de soluções de curto prazo que tapam um buraco, mas não tratam o problema geológico dos terrenos; que alteram a mão de uma via, mas não discutem a necessidade de um anel viário que melhore o fluxo de veículos; que constroem praças, mas não estabelecem mecanismos de ocupação destas, e por isso, com o tempo, as vemos abandonadas ou ocupadas por indivíduos em situação de vulnerabilidade; que criam distritos industriais, mas não questionam a matriz econômica para que esteja alinhada com o novo século. Resolver um problema de forma isolada é efêmero e de baixo impacto, por isso problemas se repetem e levam ao descrédito do Poder Público. Mas, principalmente, não têm potencial de transformação real, de impacto positivo relevante em fazer de nossas cidades espaços de cura e de convívio das pessoas e não de mais dores. **A vida não deveria se adaptar às cidades, as cidades que deveriam se moldar à vida em todas as suas manifestações.**

Precisamos encontrar soluções integradas que respeitem todos os atores do **ecossistema**, incluindo métricas de sucesso que vão além das econômicas. Cidades que tenham desenvolvimento econômico — necessário e inegociável —, mas que conciliem o desenvolvimento social, educacional e cultural, respeitando o meio ambiente e a diversidade da vida. Tratar cidades como um ser vivente que tem várias necessidades, não somente as econômicas.

Difícil encontrar estas soluções? Sim. Onde encontrá-las, então?

Essas **soluções deveriam vir de dentro das próprias cidades**. Comunidades são como organismos vivos e, por isso, possuem a capacidade inata de se adaptarem, moldarem, crescerem, sofrerem e aprenderem, assim como qualquer ser vivo, cumprindo a profecia científica de Darwin na sua teoria da evolução das espécies.

Conforme Fritjof Capra ensina em seu livro *A visão sistêmica da vida*, uma das características de um organismo vivo é ser **auto-organizador**. Ou seja, o sistema reconhece o que lhe faz mal e o que lhe faz bem, por isso tem condições de encontrar suas próprias soluções. Os seres vivos, portanto, aprendem e se autodesenvolvem. Cidades também possuem essa capacidade de aprender com erros e construir um futuro desejado, moldando-se às condições econômicas, sociais e ambientais do território que ocupam. Basta criarmos espaços e condições para que a inteligência coletiva se manifeste e expresse suas necessidades e desejos de forma autônoma.

Há muitos erros detectados para corrigir nas cidades: alguns pequenos, outros grandes; alguns recentes, outros que vêm de muito tempo. Independentemente de natureza, tamanho ou tempo, o fato é que a grande maioria deles nasce do **modelo econômico de desenvolvimento** baseado em indústrias que são movidas principalmente por fontes de energia fóssil, produtoras de gás carbônico e geradoras do efeito estufa.

As implicações desse modelo no ecossistema têm levado a um desequilíbrio ambiental traduzido em catástrofes climáticas e anomalias sociais.

Isso não é uma crítica ao modelo de desenvolvimento industrial, que foi fundamental para que o mundo saísse das trevas e experimentasse um nível inimaginável de qualidade de vida em 200 anos. Apenas demonstramos o quanto esse modelo precisa ser reverenciado: de 1800 até hoje, a expectativa de vida de um homem passou de 33 para 75 anos. A abordagem, nesse cenário, é outra: é sobre o **prazo de validade**. O modelo demonstra esgotamento. É hora de evoluir a fonte de energia dos parques fabris, e soluções verdes já existem e estão cada vez mais acessíveis.

Além disso, temos outras intercorrências mais frequentes, como as pandemias, a exemplo da Covid-19, vivenciada nos anos 2020 e 2021 no Brasil. A crise sanitária gerou milhares de mortes, além dos desdobramentos econômicos negativos por conta do isolamento social, que exigiu o fechamento de indústrias, comércios e serviços, cujos efeitos sentimos até hoje. A pandemia ainda colapsou o modelo de globalização da economia, pois, com portos e aeroportos fechados por meses, muitas cadeias globais de fornecimento foram quebradas. Lembremos que a indústria automotiva nacional parou por falta de *chips* que vinham da China durante o isolamento social.

Tratada como um cisne negro, há uma certeza sobre a pandemia: ela se repetirá. No livro *Antifrágil*, Nassim Taleb discorre sobre a diferença entre ser **resiliente** e ser **antifrágil**. O resiliente reage às crises retomando sua atividade no mesmo nível, sem ter gerado

aprendizados que possam minimizar crises futuras similares. Já o antifrágil reage às crises a partir do aprendizado gerado pela dor, ampliando sua consciência, adotando novas práticas, estabelecendo um “novo normal”, e por isso consegue retomar sua atividade em um patamar superior ao anterior à crise.

Então, fomos somente resilientes ou realmente aprendemos algo nos tornando anti-frágeis, preparados para minimizar os impactos de uma nova pandemia?

Pandemias, crises climáticas e efeitos da globalização são reflexos nascidos direta ou indiretamente da crença no crescimento perpétuo da economia, em que a métrica de sucesso das nações é o PIB. Criado na década de 1930, foi adotado após a Segunda Guerra Mundial como forma de medir a retomada econômica mundial. Teve seus méritos e sua importância, mas tinha um olhar mecanicista, simplista e reducionista, não levando em conta que crescimento econômico vai além de fórmulas e modelos matemáticos e, fundamentalmente, deve considerar a vida em todos os seus aspectos e não só no marco da economia. Os economistas se esqueceram de que, além das leis econômicas, há leis invisíveis do comportamento humano e leis visíveis da natureza que determinam que os recursos naturais são finitos. O homem e a natureza não foram considerados na medição do sucesso das nações.

A lógica da busca pelo crescimento infinito, impulsionado por energias poluidoras, principalmente as fósseis, e alimentado pelo consumo desenfreado, não é coerente com um planeta de recursos finitos. Segundo cientistas americanos, em agosto de cada ano o planeta entra no **cheque especial ambiental**, ou seja, já está consumindo recursos que não são mais regenerados naturalmente. Isso significa que nossa geração, para manter o presente modelo de vida, está consumindo o futuro das próximas gerações. Definitivamente, não é sustentável, e falar de *Environmental, Social and Governance* — ESG, que corresponde às práticas ambientais, sociais e de governança de uma organização, nesse contexto terá resultados pífios, **pois não age na causa, mas nas consequências**.

Para um verdadeiro impacto, precisamos reconfigurar nossa consciência sobre a adoção de **práticas conscientes** sociais, ambientais e de governança. Mudar o *mindset*, ou “configuração da mente”, é papel da governança “**não pensar no que podemos extrair da natureza, mas no que podemos aprender com ela**”, como disse Janine Benyus, naturalista americana criadora da expressão biomimética e autora do livro *Biomimética: inovação inspirada pela natureza*. A biomimética, ou “imitação da vida”, nos ensina que a natureza é o maior exemplo de ecossistema que conhecemos, autorregulando-se e aprendendo

continuamente ao longo de bilhões de anos de evolução, fornecendo a fonte de energia para a vida florescer. Prova cabal de que a tecnologia e o “planejamento” da natureza é muito mais eficaz que qualquer tecnologia ou planejamento humano, que, em suma, é o que defende a biomimética.

Essa visão ecológica e sustentável de nossas cidades exigirá um planejamento que não trate apenas das dimensões econômicas, como atrair novas empresas ou ser um ótimo ambiente para investimentos, mas que também inclua o cuidado com a diversidade da vida que compõe o ecossistema existente nas comunidades, e não apenas as pessoas.

Leonardo da Vinci foi um exemplo de biomimética ao projetar vilas e palácios pensando nesses espaços como organismos vivos, no quais as pessoas fluem naturalmente, respeitando toda a vida do local e tornando suas construções saudáveis ambientalmente. Podemos imaginar cidades que copiem organismos vivos, respeitando a vida e dando fluidez ao movimento das pessoas, automóveis e cargas, tornando-as mais leves e saudáveis?

Essa é a pergunta que devemos nos fazer ao planejar o futuro de nossas cidades: como podemos criar espaços que não apenas sustentem a vida, mas também a celebrem e a respeitem em todas as suas formas?

Precisamos de um Da Vinci para planejar nossas cidades? Ou será que já temos a consciência, a inteligência e os mecanismos necessários para, como cidadãos, assumirmos essa tarefa coletivamente?

O livro do amigo Daniel é uma fonte importante para refletirmos sobre o futuro de nossas **cidades como locais de convivência**, geração de prosperidade e felicidade, respeito à diversidade da vida e ambientes saudáveis com fluidez natural. Ele destaca o uso da inteligência coletiva como instrumento da sociedade na busca por comunidades vivas, dinâmicas e auto-organizadas em prol do bem maior que possuímos: a vida em todas as suas manifestações. Além dos conceitos apresentados, Daniel traz consigo uma vasta experiência em planejamento inteligente de cidades. Isso ficou evidente em nosso trabalho conjunto em movimentos de planejamento estratégico de cidades como Nova Petrópolis (Nova 2050), Ivoti (Ivoti 100) e Estância Velha (Estância 360), apoiados pela Sicredi Pioneira, que visavam exatamente transformar essas cidades em lugares melhores para viver e conviver.

Daniel combina o melhor de dois mundos: o conhecimento acadêmico profundo e a experiência prática aplicável na realidade.

Civis Conscientes se habilita como um guia que apresenta, explica e provoca um novo mindset.

Um guia que oferece caminhos para que lideranças formais e informais, preocupadas com o futuro sustentável de nossas cidades, possam se municiar de conceitos norteadores e ferramentas práticas, ampliando o time de pessoas que acreditam na possibilidade de um mundo melhor, constituído por cidades melhores, com a clareza de que boa parte dessa utopia — e são elas que movimentam o mundo — é nossa responsabilidade como cidadãos conscientes do nosso papel de viajantes passageiros da nave Terra, que coabitam o mesmo espaço.

A nave Terra, que não tem plano B, é um presente divino sem similar em nenhum outro planeta até hoje detectado. **Cidadãos conscientes** são a síntese da resposta que devemos dar para todos os problemas que enfrentamos como sociedade global.



Foto 4 — Solon Stahl, diretor-executivo da Sicredi Pioneira RS
Fonte: Arquivo pessoal de Solon.

O CUIDADO INTEGRAL COM A VIDA COLETIVA

INTRODUÇÃO

Por Daniel Caporale

INTRODUÇÃO

O cuidado integral com a vida coletiva

Palavras-chave:
vida coletiva — paisagem integral

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale

Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente
e-mail: danielcapo56@gmail.com

Estamos vivenciando uma sociedade global, porém sem comunidade. Será esse o novo desafio das sociedades locais?

É de nosso conhecimento que o novo panorama global nos lança diante de desafios enormes quando falamos sobre entender o verdadeiro significado do cuidado abrangente em relação à vida na Terra. Estamos vivenciando, no contexto atual, uma era diferente, em que a **sociedade do hiperconsumo e da hiperc Comunicação** está aos poucos diluindo o conceito de “**comunidade**” — aquele baseado no valor social das relações e na riqueza proporcionada pela diversidade delas.

Por conta disso, estamos testemunhando os espaços comunitários perdendo as características fundamentais que os originaram. Desde o início, eles serviram como locais de encontro, interação, negócios, amizades e construção de relacionamentos. Um exemplo vívido disso são as antigas “ágoras” gregas, nas quais as pessoas se reuniam para ouvir os grandes sábios, aqueles filósofos que enriqueciam suas vidas com sua sabedoria.

Da mesma forma, mais tarde surgiram os “burgos” medievais, que funcionavam como espaços públicos onde o comércio prosperava sem perder o aspecto relacional. E, assim por diante, poderíamos seguir essa narrativa até os dias atuais.

No entanto, o enredo mudou: a tecnologia da comunicação agora ocupa o centro do palco, levando as pessoas a perderem o valor e o interesse em se reconhecerem

como seres sociais de relações tangíveis, substituindo interações pessoais por espaços dominados pela virtualidade.

As praças e ruas que costumavam ser centros de socialização estão se tornando estacionamentos, com grandes rodovias projetadas para levar até os centros comerciais, que priorizam apenas a velocidade do consumo, em vez de resgatar o aspecto social das pessoas e o valor da vida coletiva. Dessa reflexão, surge uma pergunta crucial:

Será que as sociedades e suas comunidades locais sobreviverão como as conhecemos até agora?

Dessa forma, como agentes ativos e não meros observadores passivos, é nosso dever questionar o atual modelo socioeconômico que prioriza a acumulação excessiva de bens em detrimento do desenvolvimento pessoal.

O cenário cruel que vivenciamos nas relações interpessoais nos leva a buscar cada vez mais a **posse de objetos, paradoxalmente nos distanciando ainda mais das pessoas**.

Onde isso se evidencia? Em nosso cotidiano, quando discutimos sobre as sociedades fragmentadas e o desperdício de recursos e energia decorrente do consumo desenfreado, gerando uma fragmentação social que resulta em **insustentabilidade**.

Essa desconexão gera conflitos entre bolsões de riqueza e extrema necessidade, ameaçando a coesão social e induzindo à anomia — a perda de valores e normas essenciais para a convivência em sociedade.

Portanto, é essencial resgatar a sabedoria acumulada ao longo da história das comunidades para reconstruir relações físicas e humanas que fortaleçam o tecido social, sem sucumbir às consequências negativas dessa corrida desenfreada.

Nosso desafio é compreender a complexidade da realidade para encontrar soluções abrangentes e cooperativas. Os espaços públicos destinados ao convívio e à interação podem contribuir para promover a ideia de comunidade, valorizando a diversidade individual enquanto se prioriza o bem comum.

Se não entendermos verdadeiramente o significado de “comunidade”, corremos o risco de nos perdermos em soluções superficiais para problemas cujas raízes estão mais profundas. Por isso, é urgente questionar:

É possível cultivar uma cultura consciente de vida comunitária em que haja generosos espaços coletivos, mas preenchidos com conteúdo social significativo?

Imagine, por um momento, que “comunidade” não seja apenas uma palavra isenta de significado, mas sim a fusão vibrante entre cidades pulsantes e sociedades interligadas.

Nesse cenário, vislumbramos uma cultura cidadã universal, consciente da importância da sustentabilidade e do zelo pela vida em nosso planeta.

Para trilhar esse caminho, precisamos de uma **economia** que seja não apenas eficiente, mas também **consciente de valores éticos para uma prática responsável**. Uma **sociedade** que valorize a **equidade e a reciprocidade**, e uma **forma de governança** que convide a todos para participar ativamente na construção do bem coletivo. Esses pilares são essenciais para cultivar a consciência coletiva que tanto almejamos.

**Mas qual seria, então, o verdadeiro significado de ser um cidadão social não apenas neste século, mas também nas gerações que virão?
É viver para habitar ou construir para transformar?**

Essas são as questões que exigem nossa atenção imediata, pois estamos diante de uma mudança de paradigma que não podemos ignorar.

Assim, o propósito deste documento é responder ao desafio de construir uma **cultura cívica consciente e integrada**, que promova uma **economia consciente** baseada em valores éticos e orientada para o **bem da vida coletiva**. Nossa objetivo é orientar as sociedades e suas cidades em direção a uma abordagem mais equitativa e consciente, que leve em consideração tanto a dimensão urbana como a rural de forma integral.

**É uma meta grandiosa!
Somos impulsionados a enfrentar os
desafios do novo cenário global.
Nossa ação coletiva pode transformar
essa visão em realidade.**

A proposta **Civis Conscientes** busca criar uma maneira de viver coletiva, vista como uma evolução social contínua, inspirada por uma abordagem dinâmica das sociedades e suas formas de habitar, em constante transformação.

Você já se perguntou de **onde vem a palavra “civis” do termo latim?** Bem, ela nos leva à ideia sociológica de sociedade, civilização e indivíduo, através da interseção entre o espaço urbano (*urbis*), a civilidade das relações sociais (*civis*) e os mecanismos institucionais que articulam esses laços (*polis*), ou seja, abrange o sentido integral de cidadão (*civicus*).

Para alcançar esse modelo, é essencial cultivar novas lideranças com consciência social, capazes de moldar uma nova realidade em benefício do bem coletivo das sociedades.

É por isso que **Civis Conscientes** propõe uma abordagem múltipla, simultânea e dialógica, que nos leva a refletir sobre os conceitos integradores entre cultura, ambiente, diversidade e relações. Esses são os pilares que impulsionam a vida em comunidade.

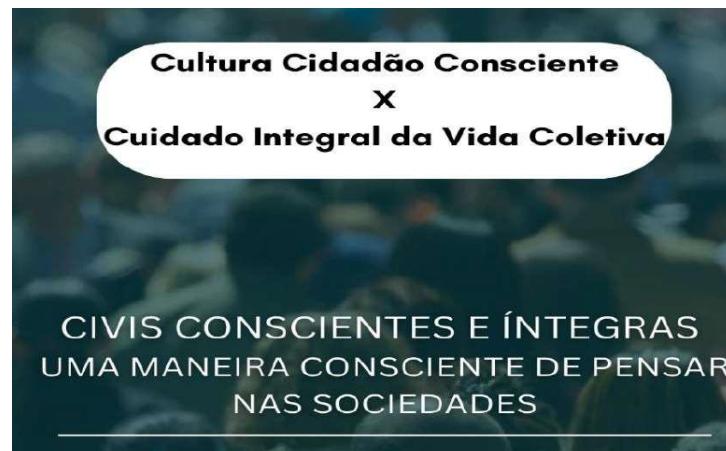


Figura 2 — Cultura Consciente Cidadã

Fonte: Post SG-CCC.

As cidades devem ser vistas como locais de convivência para as sociedades, não podendo se tornar arenas de disputas e conflitos que corroem o sentido original de encontro e valorização das relações sociais em grupo em detrimento do indivíduo.

Nesse contexto, tomar consciência, por meio de exemplos e casos concretos que oferecem espaços urbanos educativos, surge como o eixo central para construir uma vida em comunidade mais recíproca e empática.

As sociedades se adaptam aos paradigmas Globais através de abordagens temáticas.

Capítulo I

Reflexões sobre a diversidade cultural diante da ruptura paradigmática

Iniciaremos nossa jornada com uma profunda reflexão sobre a interseção entre o mundo globalizado, marcado pela hiperconectividade e o hiperconsumo, e as culturas locais, assim como o papel fundamental das cidades como espaços de diversidade e interação.

É fascinante observar como as fronteiras entre as identidades regionais e a homogeneização cultural se tornam cada vez mais tênues. Nosso desafio reside em compreender até que ponto essa interação pode ameaçar as características únicas das comunidades locais.

Qual seria a fronteira entre as identidades regionais e a mundialização das culturas?

Se persistirmos nesse **paradigma de confronto**, no qual as cidades se transformam em **campos de batalha** em vez de serem locais de convívio e trocas, enfrentaremos questões complexas que demandarão respostas urgentes.

Sendo assim, estaremos diante de cenários globais que podem comprometer a preservação das culturas locais e suas identidades singulares.



Figura 3 — Sociedade Global sem Comunidade

Fonte: Post SG-CCC.

Capítulo II

Rumo a uma convivência mais consciente

Adentrando o segundo capítulo, vamos explorar o desenvolvimento do conceito de **Civis Conscientes e integradas**. O objetivo é promover a reflexão sobre a universalização de uma ética coletiva nas comunidades, um caminho essencial para uma convivência mais harmoniosa e consciente.

Através da análise de casos e exemplos concretos, buscamos compreender melhor como podemos contribuir para a construção dessa mentalidade coletiva em constante evolução.

Estamos diante de uma transição do pensamento tradicional para uma abordagem mais integral na produção coletiva das sociedades territoriais.



Foto 5 — Processo Participativo Estância Velha 2050

Fonte: Estância 360°.

Capítulo III

Enfrentando os desafios urbanos: a sociedade/cidade da insustentabilidade

Ao partirmos para o terceiro capítulo, deparamo-nos com os desafios prementes das nossas cidades contemporâneas. Resultado do modelo de desenvolvimento produtivista do século XX, essas cidades enfrentam profundas **assimetrias sociais**, expressas na disparidade entre áreas urbanas ricas e periferias empobrecidas.

A expansão horizontal desordenada ameaça as potencialidades das áreas rurais e paisagísticas, gerando fragmentação e exclusão social. É urgente repensar nossas cidades, reconhecendo suas fronteiras e contextos, para construirmos um ambiente urbano mais sustentável e inclusivo.

Nesse contexto, surge a questão fundamental: **quais são as novas diretrizes necessárias para promover uma vida coletiva íntegra e consciente em nossas comunidades?**

É hora de refletirmos e agirmos em busca de respostas que atendam às demandas das nossas cidades do século XXI.

Capítulo IV

Explorando urbitetura e Civis Conscientes

Nesse próximo estágio da nossa jornada, vamos adentrar no conceito de **Civis Conscientes** e sua relação com o que chamamos de **urbitetura**. Aqui, destacaremos a importância dos contextos sociais e sua conexão com um propósito coletivo integrador.

Imaginemos as cidades não apenas como espaços físicos, mas como **ecossistemas integrados** inspirados por uma economia consciente e uma sociedade recíproca, em harmonia com sua matriz natural e cultural. Tudo isso impulsionado por uma governança participativa que integra esforços públicos e privados.

Nesse momento, temos a oportunidade de construir conceitos por meio de questionamentos propositivos e proativos, buscando soluções que beneficiem a todos.

Vamos nos permitir questionar, refletir e agir em direção a um futuro mais consciente e integrado.



Figura 4 — Urbanismo Consciente

Fonte: Post SG-CCC.

Capítulo V

Experiências e princípios da cultura cidadã consciente

Momento de apresentar os princípios fundamentais dessa nova **cultura cidadã consciente**, baseados em experiências concretas e comprováveis. É hora de reconhecer o valor de um pensamento cidadão integrado e consciente, em que a comunidade se torna coautora do processo.

Vamos destacar a importância de uma gestão integrada que valorize parcerias público-privadas, trazendo *insights* de líderes comunitários e gestores públicos, ambos com consciência do novo papel transformador que devem assumir. Essas experiências nos mostrarão como é possível transformar comunidades e criar um modelo estratégico para o desenvolvimento dos territórios.



Figura 5 — Lideranças Conscientes

Fonte: Post SG-CCC.

Capítulo VI

Reflexões e aprendizados

Será a oportunidade para mergulhar nas reflexões geradas pelos casos concretos apresentados, verificando os conceitos elaborados ao longo da nossa jornada. Nosso objetivo é consolidar um pensamento evolutivo e contínuo, focado no bem coletivo e na construção de uma sociedade mais equitativa e justa.

Por meio de narrativas inspiradoras, vamos motivar o leitor a se engajar nesse processo de produção social do conhecimento, buscando sempre aprender, refletir e colaborar para um futuro melhor.



Foto 6 — Reflexões Finais Estância 360°

Fonte: Estância 360°.

Posfácio

Rumo a uma cultura cidadã consciente

Por fim, reforçaremos a importância do pensamento reflexivo e da constante construção e transformação, compreendendo o verdadeiro significado da expressão **cultura cidadã consciente**. É hora de sair da nossa zona de conforto e reaprender a enxergar e abordar a complexidade da realidade.

Manifestaremos o sonho de **universalizar essa nova ética**, inspirada na cultura da vida coletiva íntegra e na prática concreta do cuidado com o nosso planeta e com todos os seres que nele habitam.

É o desafio de contribuir para a construção de uma sociedade consciente, capaz de promover a paz e a harmonia em todos os níveis da vida coletiva.



Foto 7 — Gabinete do Prefeito
Fonte: Prefeitura de Estância Velha.

A mensagem final pretenderá abranger a dimensão institucional da gestão, bem como a dimensão educativa formativa, ambas tão significativas para produzir uma verdadeira transformação benéfica nas sociedades.

Provocando a reflexão...

O “ambiente consciente”, fundamento da vida em coletividade?

A introdução pretendeu apresentar a temática a ser abordada da maneira mais abrangente possível, sendo ciente de que a questão central será compreender o **ambiente**, em termos sistêmicos e integrais, como um ecossistema dinâmico, vivo, aberto e, portanto, de transformações permanentes.

Por isso, é necessário enfatizar a necessidade de trabalhar na tomada de **consciência** desse conceito como forma concreta e prática de interagir com o cuidado da vida na Terra de maneira íntegra. Por meio desse caminho reflexivo que nos leva à compreensão da expressão **ambiente consciente como fundamento da vida em coletividade**, busca-se a percepção da importância da relação entre todos os seres vivos com o território como um todo, em termos de biodiversidade e de priorização do cuidado do bem coletivo.

Precisamos focalizar no valor do grupo, do conjunto, em detrimento dos interesses estritamente individuais. Compreender que a sociedade e o indivíduo são indivisíveis, um se nutre do outro. Nessa construção constante, quando incorporamos o território, e a partir da significância que os seres vivos lhe dão, através de suas intervenções, podemos falar de **paisagem** (país de camponeses formado por um espaço em que atua a mão humana).

Dessa maneira, compreender-se-á o termo **paisagem** como mobilizador de um conceito integralista e benéfico de transformação permanente, sempre com o sentido coletivo de tutelar e zelar pela vida íntegra em todo o planeta Terra.

Civis Conscientes pretende se apresentar como um documento provocador que nos permita refletir sobre todas essas questões para que vejamos capazes de produzir uma transformação benéfica para todos que fazemos parte deste planeta.

Essa nova cultura consciente promoverá a paz nos territórios, nas cidades, nas famílias, e não apenas em termos bélicos, senão, e principalmente, nas maneiras que adotamos para interagir com cada espaço de vida entre os seres vivos, com cada habitat que compartilhamos, com cada maneira de produzir, seja na ruralidade, seja na cidade.

Será o desafio de contribuir para a construção de novas sociedades e civilizações conscientes desse novo cenário, pensando e projetando novas maneiras de intervenção

de forma integrada, capazes de edificar paisagens articuladas, conectadas, que promovam o diálogo positivo entre a natureza e a ação antrópica do ser humano.

Dessa forma, será possível construir contextos de vida plena, inspirados na sabedoria de saber sentir, pensar, habitar, construir e transformar, mas sem perder de vista o central, o cuidado da vida, sendo conscientes de que habitamos um ambiente em coletividade!



Figura 6 — Cultura Ambiente
Fonte: Rede Flacam, Mestrado D.S.

Um ambiente como sistema aberto, vivo e dinâmico, no qual prevaleça a ética das relações, inspirada no respeito pela diversidade.

Disso se trata falar de ambiente: é falar de cultura, em termos de construção permanente e social, e, portanto, de uma vida em convivência e de alcance coletivo!

SOBREVIVERÃO AS SOCIEDADES AOS PARADIGMAS DO SÉCULO XXII?

CAPÍTULO I

Por Daniel Caporale
Reflexões finais por Pedro Inda

CAPÍTULO I

Sobreviverão as sociedades aos paradigmas do Século XXII?

Palavras-chave:
mundo global — cultura local

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale

Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente
e-mail: danielcapo56@gmail.com

Vamos começar este capítulo com uma pergunta que nos instiga a pensar:

**Será que podemos criar cidades onde as “comunidades” são mais humanizadas,
com laços e relações que valorizam o encontro coletivo?**

Este é o grande desafio que temos pela frente: construir um estilo de vida inspirado na diversidade e no cuidado com a vida na Terra.



Figura 7 — Comunidade locais no Século XXII

Fonte: Post SG-CCC.

“Habitar” é apenas viver em um lugar?

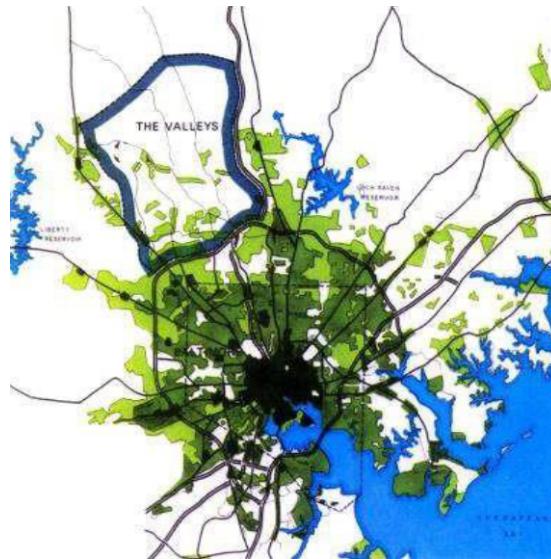
Mesmo com todos os avanços tecnológicos e materiais num cenário cujo modelo socioeconômico é o de acumulação superlativa de bens, focado na questão material e tecnológica, parece que estamos perdendo algo importante: os laços que nos unem uns aos outros.

Paradoxalmente se enfraquecem cada vez mais os vínculos e as relações com os outros. Nesse sentido, se perde a verdadeira razão de ser da humanidade como “uni-dade”: seres sociais com sentido coletivo. É interessante notar que os antigos filósofos gregos, como Sócrates e Aristóteles, já discutiam essa questão. Eles viam a verdadeira felicidade não apenas em acumular bens, mas no compartilhar sabedoria e experiências com outros. É uma reflexão profunda sobre o ser acima do ter.

A sociologia da cultura nos oferece uma visão interessante, em que “habitar” vai além de simplesmente existir em um espaço físico. Envolve também a apropriação simbólica desse espaço, criando uma linguagem que representa a relação entre território e cidade (Velez, 2013).

Isso nos leva a refletir sobre o cenário atual de hiperconsumo e desperdício, que não só falha em promover justiça social como também gera **inequidade, exclusão e desigualdade**. O resultado disso é a fragmentação social e urbana, que acaba por tornar nossas cidades cada vez mais **insustentáveis**. Um exemplo claro desse fenômeno é o êxodo rural e a ocupação desenfreada das áreas urbanas. Infelizmente, isso muitas vezes resulta na formação de periferias carentes nas grandes cidades latino-americanas (como Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro e Bogotá) e, mais recentemente, também nas metrópoles europeias, que têm recebido um grande fluxo migratório de países periféricos.

Você consegue imaginar como será o futuro das nossas cidades se não abordarmos essas questões de forma séria e consciente?



Mapa 1 — Plano *The Walley's*, Baltimore USA

Fonte: Wallace/Mc Harg's.

Como as cidades estão evoluindo ao longo do tempo? Parece que, ao invés de serem espaços de harmonia e acordo, elas estão se transformando em arenas de conflito entre os poderosos e os necessitados. As cidades **deixam de ser espaços de articulação social para o consenso e o acordo para se converterem em espaços de disputa e conflito de interesses.**

E essa divisão está gerando um verdadeiro caos social, em que a **riqueza convive lado a lado com a extrema pobreza**, desafiando a identidade de cada lugar. É como se as regras e normas que regiam nossa convivência estivessem sendo questionadas, deixando as cidades em um estado de confusão e instabilidade.

Historicamente, vemos como as sociedades antigas, como os gregos e latinos, entendiam a importância dos laços sociais concretos. No entanto, nos tempos modernos, parece que estamos perdendo essa conexão em favor do consumo desenfreado, o que só **agrava os problemas de identidade e pertencimento**.

Mas será que podemos mudar isso? Será que podemos transformar a escassez em abundância para todos, mantendo em mente o bem maior: a vida em harmonia na Terra?

É aqui que entra o nosso papel. Precisamos compreender como os ecossistemas locais podem nos ajudar a fortalecer nossa identidade e nossas relações nas cidades. Os espaços urbanos devem ser mais do que simples locais de moradia; devem ser verdadeiras plataformas para promover encontros e conexões, onde a diversidade de cada indivíduo seja valorizada em prol do bem comum. Ou seja, precisamos **compreender a importância da matriz ecossistêmica como agente mobilizador de identidade**.

Nesse sentido, os espaços de vida cidadã devem ser verdadeiras interfaces para a promoção de relações e encontro; fortalecendo a ideia essencial de **comunidade — unidade do coletivo** —, nas quais a diversidade e a potencialidade de cada indivíduo se colocam a serviço de um bem supremo, o cuidado do público (res-pública).

Então, vamos juntos explorar como as culturas locais podem nos inspirar a construir comunidades mais fortes e unidas.

Culturas locais: sobreviver ao mundo da economia global ou ser parte ativa da mundialização das identidades regionais?

A pergunta que nos fazemos sobre o destino das comunidades, cidades e sociedades no século XXII não é apenas uma questão acadêmica distante. É um alerta que ecoa em nossas próprias vidas, em meio a um mundo globalizado, em que territórios estão cada vez mais interligados e interdependentes, moldados por forças econômicas globais poderosas.

Mas, enquanto nos deparamos com essa realidade global em constante mudança, não devemos esquecer das identidades locais, das culturas que dão cor e significado às nossas comunidades. Elas não devem ser subjugadas pela pressão do global, mas integradas a essa nova dinâmica, preservando suas características únicas que as tornam diferentes — ou, melhor ainda, diversas — em meio ao turbilhão do cenário global.

Então, como podemos garantir que as comunidades locais não só sobrevivam, mas prosperem nesse contexto de mudança constante? Essa é uma questão que exige não apenas reflexão, mas também ação. É hora de nos unirmos e explorarmos juntos as possibilidades de um futuro no qual a diversidade cultural e a interconexão global coexistam harmoniosamente.

Qual seria a fronteira entre as identidades regionais e a mundialização das culturas?

O desafio à frente é formidável: **como podemos fortalecer os valores e as identidades locais enquanto fazemos parte de uma região que está se consolidando e se integrando de forma estratégica para se destacar no palco global?**

Precisamos nos apresentar como uma unidade diversa, repleta de oportunidades e atrativos para o mundo contemporâneo, sem comprometer nossa essência única.

Em essência, precisamos criar um “guarda-chuva” protetor contra a enxurrada de uniformidade que caracteriza um mundo sem fronteiras ou identidades claras.

Nesse sentido, a integração territorial, tanto social quanto produtiva, abre portas para um caminho promissor em direção ao desenvolvimento integral e colaborativo.

É uma chance única de nos inspirarmos na força da vida em comunidade, em que cada um contribui com seus recursos únicos para impulsionar nosso progresso coletivo.

E o mais importante: é uma oportunidade de preservar nossa autenticidade diante das forças avassaladoras da globalização, mantendo vivas nossas tradições e identidades locais.

Então, vamos nos unir nessa jornada rumo a um futuro no qual a integração territorial não apenas fortaleça nossas comunidades como também nos permita prosperar em harmonia com o mundo ao nosso redor.



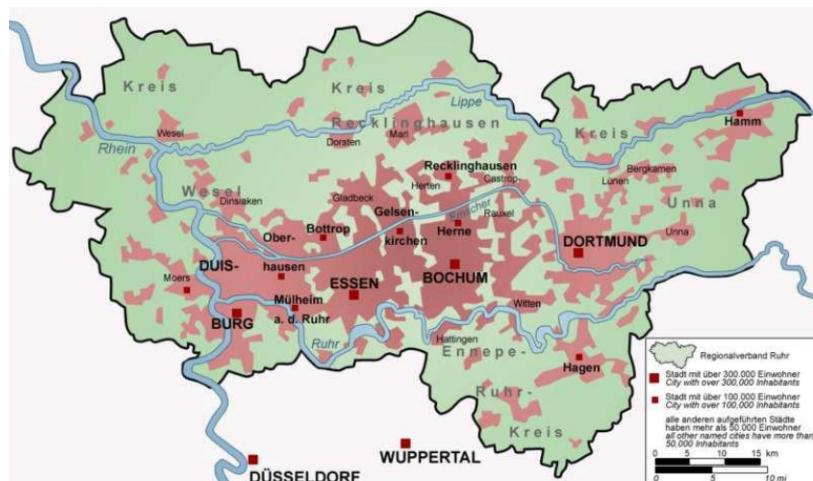
Figura 8 — Mundo Global/Cultura Local

Fonte: Post SG-CCC.

Quando buscamos referências para trilhar novos caminhos, podemos nos inspirar em lugares como a encantadora Região do Vêneto ou o Vale do Rio Pó, ambos na Itália, o pitoresco Vale do rio Ruhr, na Alemanha, os majestosos Palácios do Vale do rio Loire, na França, e o histórico Caminho do Gaúcho, que perpassa Buenos Aires, na Argentina, o Uruguai e o Rio Grande do Sul, no Brasil. Todos esses locais possuem uma amplitude regional que impressiona e inspira.

Além disso, não podemos esquecer das preciosidades em escala mais local, como a encantadora Rota Romântica na Serra Gaúcha, no Rio Grande do Sul, Brasil, ou a deslumbrante paisagem do Parque da *Cinque Terre*, situada na província italiana da Spezia.

Esses são apenas alguns exemplos que nos mostram como é possível criar e preservar identidades únicas em diferentes escalas territoriais. Que esses lugares sirvam de inspiração para explorarmos novos horizontes e fortalecermos nossas comunidades locais.



Mapa 2 — Vale do Rio Ruhr, Alemanha
Fonte: Wikimedia Commons. Threedots Daniel Ullrich.

Todos esses exemplos buscam harmonizar interesses locais com uma visão regional rica em diversidade, em que o valor da vida em comunidade desempenha um papel central. São experiências que ressaltam a importância da colaboração e parceria, garantindo benefícios equitativos para todos os envolvidos.

Mapa 3 — Região de *La Spezia*, Itália

Fonte: Parco Nazionale delle Cinque Terre (2020).



Foto 8 — Escala urbana

Fonte: Arquivo pessoal R. Pesci.

E para encerrar este capítulo inicial, vamos mergulhar em uma análise histórica que nos ajudará a compreender melhor alguns dos processos sociais que moldaram e continuam a moldar o nosso mundo ao longo do tempo.

A narrativa histórica...

Por que algumas sociedades prósperas podem entrar em colapso através do tempo?

Por que certas cidades perduram e outras desaparecem? (Diamond, 2005). Qual é a resposta para essa pergunta?

Segundo o geógrafo estadunidense Jared Diamond, o colapso de uma sociedade depende de cinco fatores que podem afetá-la: o dano ambiental, a mudança climática, os vizinhos hostis ou agressivos, a perda de parceiros comerciais, a capacidade de relacionamento e, por último, as próprias resistências da sociedade para encontrar respostas proativas aos problemas ecológicos e/ou ao caos social.

Como exemplos de sociedades que entraram em colapso ao longo do tempo, destacam-se os famosos e conhecidos **vikings**, que na Groenlândia não conseguiram encontrar

soluções diante de desafios ambientais. Isso ocorreu devido a uma sociedade que havia desenvolvido um sentido de desapego em relação aos territórios inóspitos onde viviam. Esse modelo social não cultivava raízes nos lugares, então necessitava constantemente buscar novas terras ricas em recursos para sobreviver.

Por outro lado, menciona-se o caso de **Ruanda**, um país africano que enfrentou grande caos social devido ao excesso populacional, criando uma grave crise humanitária com importantes repercussões sociais e de saúde.

Diante disso, surge o questionamento sobre a importância da capacidade de **gestão pública** e de **lideranças conscientes** em cada realidade nos tempos atuais.

Para alcançar esse objetivo, é necessário aprofundar os conceitos de **governança** dos processos sociais e **governabilidade** dos cenários políticos, que devem promover uma cultura do diálogo inspirada na construção da paz entre o social e o territorial.

Nesse contexto, emerge a figura de uma pensadora contemporânea, a filósofa e jornalista alemã Svenja Flasspohler (2021), que discute a necessidade das sociedades de desenvolver uma sensibilidade social para enfrentar coletivamente as mudanças, articulada com o desafio intrínseco da **resiliência individual** de cada ser. Segundo a pensadora, essa condição decorre da vulnerabilidade inerente a cada indivíduo, em termos da necessidade de **evolução pessoal**, sempre associada aos estímulos que cada época oferece para a construção de cenários capazes de provocar uma **revolução social**.

Ambas as questões se apresentam como complementares, ao contrário do que alguns podem pensar, considerando-as excludentes ou opostas.

Por fim, o filósofo francês Eric Sadin (2022), em consonância com muitos dos conceitos anteriores, aborda o tema do fim do mundo coletivo. Em outras palavras, Sadin retoma questões centrais que podem levar uma sociedade ao caos e, consequentemente, à sua destruição.

Assim como Jared Diamond discute cinco fatores que podem desencadear um colapso social. O filósofo francês afirma que atualmente existem duas circunstâncias ou causas que levam uma sociedade ao que ele define como **estado de emergência emocional**.

Por um lado, enfrentamos o **caos migratório** que assola diversos territórios da Europa e dos Estados Unidos, resultante do processo de globalização — uma descompensação entre regiões ricas em oportunidades e outras que enfrentam extrema necessidade humanitária.

Além disso, testemunhamos processos semelhantes dentro dos próprios países, como as migrações do campo para a cidade, que geram as grandes periferias pobres das metrópoles, como Buenos Aires, São Paulo, Bogotá, Medellín, Monterrey, entre outras.

Por outro lado, deparamo-nos com **desastres de natureza ecológica ou ambiental**, como o aquecimento global e modelos produtivos insustentáveis, que se manifestam em todo o planeta. Esses são produtos de práticas econômicas que priorizam o lucro de forma descontrolada, ignorando as externalidades causadas por padrões produtivos pouco amigáveis ao ambiente e à natureza, como desmatamentos desenfreados, processos industriais poluentes, expansão ilimitada da fronteira agropecuária, avanço urbano horizontal sobre áreas rurais, aumento contínuo da frota automotiva, gerando grandes problemas de mobilidade urbana e consumo excessivo de energia e recursos, entre outros casos.

De acordo com Sadin, esses problemas geram grande desconfiança social e aprofundam um individualismo que ele define como tirano, resultado da insatisfação das sociedades. Essa situação de angústia nos conduz a um cenário de ingovernabilidade, anomia — falta de códigos e regras de convivência — e, por fim, caos que ameaça todos os direitos coletivos.

Assim, lamentavelmente, testemunhamos uma fissura no mundo coletivo, evidenciada pela fragmentação social e pela perda de normas nas sociedades, resultando em cidades que se manifestam como uma soma de subjetividades e agregados desarticulados.



Foto 9 — Vista aérea de Florianópolis, SC, Brasil

Fonte: Florianópolis [...] (2024).



Foto 10 — Vista aérea de Monterrey, México

Fonte: Cepa Consultora.

Para encerrar, surge um questionamento para partilhar com todos:

Como superamos esse cenário ilusório de destruição (“Thanatos”) e atomização social, de falta de confiança com os líderes locais e, por conseguinte, de ameaça das próprias instituições representativas de uma sociedade manifestas nas suas cidades e começamos a construir (“Eros”) um modelo social inspirado na cultura do diálogo, do consenso, que respeite as diversidades e as diferenças, em prol de recuperar a essência que mobilizou as sociedades mais prósperas na história, que sempre tiveram o intuito de fortalecer as relações e, assim, o cuidado da vida coletiva nos territórios? A título de continuar ponderando o raciocínio desenvolvido neste capítulo, partilharemos as considerações do Arq. Urb. Pedro Alves de Inda, sempre sendo cientes de que se trata de um pensamento em construção coletiva que, portanto, precisa desse tipo de questionamentos de alcance social.

O sistemas de espaços abertos e a cidadania consciente

Pelo Prof. Arq. Urb. Pedro A. Alves de Inda

Professor adjunto do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul

E-mail: paainda@ucs.br

Ao olharmos para o futuro e tentarmos construir cidades nas quais a cidadania seja real e praticada, é essencial que desenvolvamos uma **cidadania consciente**. Para isso, precisamos entender como as cidades possibilitam ou não essa prática. Em outras palavras, como elas podem ser estruturadas para que as pessoas se conectem e, no convívio cotidiano, estabeleçam conceitos comuns que levam à compreensão da cidadania e do pertencimento ao lugar. Quando ganha um significado único e não é apenas o resultado da urbanização voltada para funções básicas de sobrevivência, a cidade se transforma em algo mais significativo.

Para isso, é importante definir brevemente o que entendemos por cidade. De forma simplificada, pode ser vista como um **espaço de trocas**. Mais do que um mero local, ela adquire um significado especial para seus habitantes e possibilita uma série de atividades diversas. Michel de Certeau (1998) define isso como um “espaço praticado”, mas em uma escala urbana.

Por que falamos em trocas? Porque nesses espaços urbanos, além das funções primordiais da cidade definidas por Le Corbusier (2000) — habitar, trabalhar, circular e recrear —, o convívio entre as pessoas permite a socialização e a troca de tudo, desde

mercadorias nas feiras até conhecimentos nas escolas. Essas interações estabelecem laços, fortalecem amizades e rivalidades, geram paixões e distanciamentos e possibilitam o aprendizado mútuo. Assim, nascem **espaços especializados de trocas que emergem desses convívios**.

A cidade oferece a oportunidade de realizar uma infinidade de atividades cotidianas com outras pessoas, o que potencializa o desenvolvimento humano muito além do que é possível no mundo rural. No ambiente rural, a vida é marcada por uma rotina rígida de trabalho do nascer ao pôr do sol, com apenas um dia da semana reservado para a espiritualidade e um contato social mínimo para arranjar casamentos e constituir o núcleo familiar.

Portanto, a cidade emerge de núcleos urbanos que são, por definição, o oposto do rural. Ela vai além das funções básicas de sobrevivência, sendo flexível e evoluindo constantemente por meio das trocas entre seus habitantes, numa escala e velocidade muito maiores que no mundo rural, que é mais estratificado e rígido. Isso contribui para o desenvolvimento de sociedades sofisticadas, em que cada indivíduo é reconhecido como único, em vez de apenas parte de uma massa de servos ou trabalhadores. É assim que surge a cidadania.

Mas, estruturalmente, em que o mundo rural difere do urbano?

A diferença fundamental está no conjunto de espaços abertos. Compreender esse ponto é crucial para construir cidades que permitam a emergência e a prática da cidadania consciente no cotidiano.

Os espaços abertos, que vão além dos espaços públicos, são aqueles em que há menos restrições ao seu uso pela população em geral. Isso facilita trocas mais efetivas e espontâneas entre pessoas de diferentes grupos e classes sociais.

A diversidade é que gera a inovação e o desenvolvimento, as trocas somente entre os mesmos grupos geram um crescimento endógeno, que conduz a polarização e o radicalismo, contrários aos conceitos do convívio democrático.

Assim, os **espaços abertos nas cidades** iniciam por bons passeios públicos, que, além do ato de circular, permitem as conversas na frente das lojas, os cafés, os encontros casuais; se estruturam nos largos e praças, que, além do espaço para as feiras e a troca

de mercadorias, permitem o lazer e muitas outras possibilidades de encontros, incluindo aqueles que preocupam os pais, como namoros e amizades dos seus filhos que começam a sair para a rua e explorar o mundo; e se consolidam nos parques, que ampliam as trocas numa escala para toda a cidade.

Esses espaços não têm restrições, todos podem conviver, e neles moradores de distintas regiões e grupos sociais podem se conhecer e estabelecer o sentido de pertencimento, que, apesar de suas diferenças, permite que se reconheçam como cidadãos da mesma cidade.

Por emergir esse sentimento, a sociedade se organiza e constrói equipamentos institucionais, que são espaços abertos um pouco mais restritos, pois são mais especializados, e leva as cidades ao seu aperfeiçoamento. Geralmente começam pelos mercados, templos e fóruns; seguem pelas bibliotecas, os teatros, os museus; e se consolidam nas escolas e universidades, podendo estes serem públicos ou privados, desde que com permissão do acesso a todos os grupos sociais, seja pela gratuidade, seja pelos programas de incentivo.

Assim, evidencia-se a importância desses espaços de trocas ao observar que, ao longo dos anos, **as cidades que nasceram e continuam a se desenvolver têm algo em comum: elas foram se estruturando em torno de seus espaços abertos**. Essas cidades qualificaram e aperfeiçoaram esses espaços ao longo do tempo, criando novos à medida que se expandiam e mantendo-os vivos e em uso.

Cidades como Roma, Veneza, Paris, Amsterdam, Copenhagen, Londres e Berlim, admiradas em todo o mundo, são o resultado dos seus passeios públicos, praças e equipamentos institucionais de qualidade que fazem a cidade vibrar.

Esse conjunto de espaços, quando organizado em um sistema coerente, potencializa as trocas e, consequentemente, o desenvolvimento e a cidadania. Rubén Pesci (1999) explica paradigmaticamente a importância dos sistemas de espaços abertos. Ele utiliza o traçado de La Plata, na Argentina (Figura 9), para ilustrar como uma estrutura bem planejada pode traduzir para seus moradores os conceitos republicanos de democracia e cidadania que emergiram, principalmente, a partir dos ideais da Revolução Francesa.

No seu tabuleiro estruturado por grandes avenidas que permitem ampla acessibilidade a todos os setores da cidade, Pesci (2003) descreve como La Plata organiza seus espaços de trocas através de passeios largos e arborizados, transformando os eixos de circulação em locais memoráveis. Em seus cruzamentos, formam-se largos e praças

dedicados ao lazer em diferentes escalas. Grandes parques e edificações institucionais, distribuídos ao longo das avenidas, atendem toda a população.

Há muito mais a explorar sobre La Plata, como Pesci fez em suas numerosas obras, mas para esta reflexão esse aprendizado é suficiente.

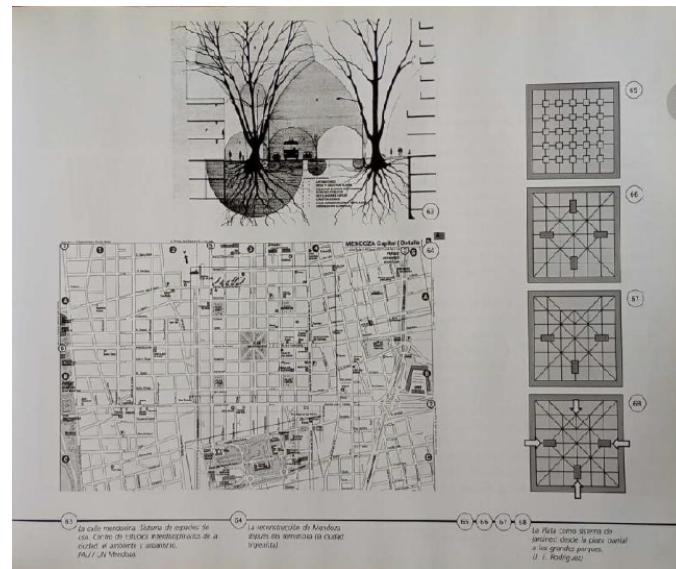


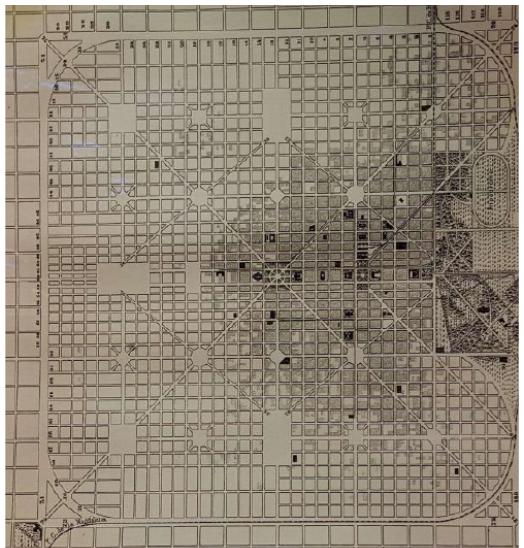
Figura 9 — Sistema de Espaços Abertos de La Plata

Fonte: Pesci, 2003, p. 45.

Muitos autores já contestavam o modelo de crescimento das cidades na primeira metade do século XX, como Jane Jacobs (2000), Françoise Choay (2000) e Kevin Lynch (1999), em busca de respostas e soluções. Jaime Lerner (2003) aponta caminhos para redesenhar e planejar nossas cidades por meio de “acupunturas urbanas”, que inserem espaços abertos de qualidade em toda a cidade, em um planejamento que coloca o cidadão como protagonista. Curitiba, onde se pôde aplicar essas ideias, é um exemplo notável de planejamento e desenho urbano.

Nessa linha, Jan Gehl (2010), em sua obra *Cidades para pessoas*, resgata a cidade na escala humana, após ter sido dominada por carros e pelo funcionalismo que prevaleceu no planejamento do século XX. Gehl mostra como, ao devolver a cidade aos seus moradores, ela pode retomar seu papel primordial de ser um espaço de trocas, e não

apenas uma sequência interminável de autopistas e edificações desconexas resultantes do crescimento desenfreado.



Mapa 4 — Traçado de La Plata

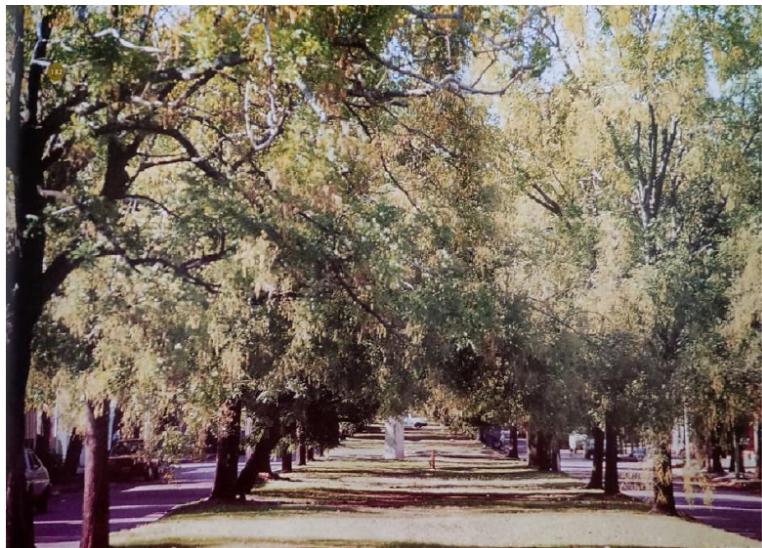


Foto 11 — Passeios Públicos

Fonte: Pesci, 2003, p. 81 e 91.

Enfim, a cidadania nasce ou morre pelos seus espaços abertos nas cidades. Estruturar as cidades para que contemplam um sistema de passeios, praças, parques e equipamentos institucionais, acessíveis cotidianamente pela população em geral, é a chave para garantir uma boa qualidade de vida e para que, através do convívio de seus habitantes, **emerge uma cidadania consciente.**

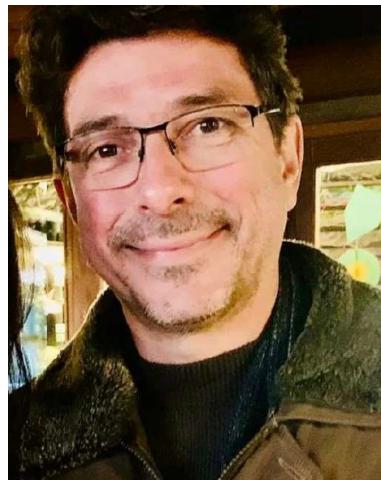


Foto 12 — Pedro Augusto Alves de Inda, Prof. Adjunto Curso de Arquitetura e Urbanismo da UCS

Fonte: Arquivo pessoal de Pedro.

A CIDADE DA INSUSTENTABILIDADE

CAPÍTULO II

Por Daniel Caporale
Reflexões finais por Cleide P. Godoy

CAPÍTULO II

A cidade da insustentabilidade

Palavras-chave:

Insustentabilidade — assimetrias — fragmentação — exclusão

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale

Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente

e-mail: danielcapo56@gmail.com

A cidade contemporânea se apresenta como resultado do modelo de desenvolvimento produtivista do século XX, cujos propósitos frequentemente não priorizaram o interesse coletivo das sociedades e, por consequência, de suas cidades e territórios.

Essa abordagem gerou assimetrias sociais evidentes, com uma clara divisão entre áreas urbanas ricas e periferias pobres, alimentando uma expansão urbana descontrolada que ameaça as potencialidades das áreas rurais e naturais. Essa situação inevitavelmente provoca uma fragmentação física nos espaços urbanos e, consequentemente, exclusão social.

Estamos diante da emergência da **cidade sem fronteiras**, sem uma identidade regional definida, uma **cidade insustentável**. Diante da crise das estratégias tradicionais para os territórios, a busca por respostas tem carecido de uma abordagem integral que possa contribuir para a compreensão da complexidade desse novo cenário e propor soluções adequadas à nova realidade.

A partir dessa breve introdução, iniciaremos agora um percurso analítico que pretende obter uma maior compreensão sistêmica da problemática, com a finalidade de apresentar caminhos de soluções concretas diante dessa cidade da **insustentabilidade**!

Como cuidar o DNA da vida em contextos coletivos?

Os modelos de desenvolvimento promovidos a partir da segunda metade do século XX resultaram na criação de polos concentrados em alguns territórios, que atraíram habitantes das áreas rurais em busca de novas oportunidades de trabalho e qualidade de vida.

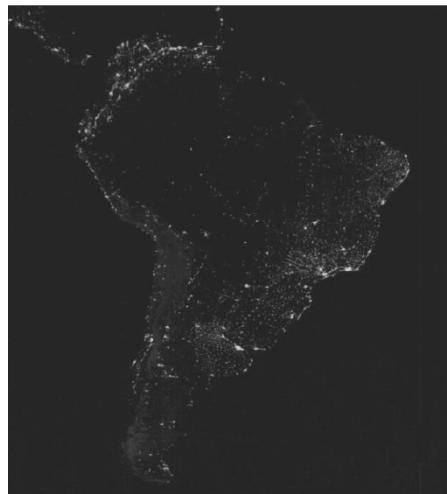
Essa dinâmica levou ao esvaziamento das áreas rurais e de seus povoados, resultando na perda do que consideramos o **DNA**, sua identidade e cultura característica,

que estão intrinsecamente ligadas à vida rural, à produção e à valorização da paisagem e dos contextos locais. Paralelamente, iniciou-se um processo migratório inverso, com uma concentração cada vez maior da população urbana, resultando em um crescimento urbano constante e descontrolado, que culmina no atual colapso social observado nas metrópoles e megalópoles, conforme descrito no capítulo anterior deste documento.

Um exemplo claro dessas assimetrias sociais, resultantes da ocupação descontrolada de territórios e regiões, são as grandes concentrações urbanas na América do Sul, como as conurbações de Buenos Aires na Argentina, São Paulo e Rio de Janeiro no Brasil, Santiago no Chile, Bogotá na Colômbia, Caracas na Venezuela, entre outras.

Em contraposição, surge um cenário rural completamente desprovido de significado, exposto a ameaças latentes de atividades e usos predatórios dos ecossistemas naturais e culturais dessas áreas.

O mapa do território sul-americano, apresentado a seguir, ilustra de maneira explícita as contradições mencionadas anteriormente, destacando a urgência de uma análise cuidadosa e preocupante sobre o futuro de nossas comunidades e sociedades.



Mapa 5 — Imagem satelital, luzes noturnas na América do Sul
Fonte: Irradiância [...] (2023).

Nesse cenário, em comparação com a **Europa**, observa-se que o fenômeno migratório ocorre posteriormente, resultado das mobilizações sociais dos últimos trinta anos,

com habitantes dos chamados países “periféricos” chegando ao território europeu em busca de uma vida de melhor qualidade.

Essa migração também está provocando a emergência de áreas marginalizadas nas periferias das grandes cidades, evidenciando sintomas de fragmentação e exclusão social.

Dependendo da origem dos novos habitantes, surgem conflitos culturais, de costumes e religiosos, como o exemplo dos imigrantes asiáticos e africanos muçulmanos.

No entanto, é possível observar que, apesar dos conflitos territoriais gerados por essas migrações, as formas históricas de ocupação das regiões europeias têm sido mais leves e descentralizadas, buscando articular o desenvolvimento de grandes centros urbanos com pequenos povoados que coexistem de maneira conectada e harmoniosa na mesma área ou região.

Exemplos disso são as regiões do norte da Itália e os Vales na Alemanha e na França, que, embora abranjam territórios maiores, demonstram uma intenção de diálogo entre as centralidades urbanas e as áreas naturais e paisagísticas.

O mapa do desenvolvimento continental dessas áreas ocupadas na Europa demonstra graficamente a eficácia de ações como as mencionadas: apesar de haver algumas concentrações urbanas nas grandes capitais europeias, a grande maioria do território, e consequentemente das regiões, apresenta uma distribuição muito mais inteligente, leve e associativa entre as principais centralidades e as complementares.



Mapa 6 — Imagem satelital, luzes noturnas da Europa

Fonte: Europe at night [...] (1992).

A partir dessa introdução referencial, quando nos concentramos especificamente nas cidades, os sintomas de insustentabilidade se tornam concretos e evidentes.

Como mencionado várias vezes, as sociedades manifestam seus comportamentos através dos lugares que habitam, ou seja, nas cidades. Atualmente, estas representam o espaço onde a maioria dos habitantes do planeta convive.

Nesse contexto urbano, os desafios e problemas que enfrentamos se tornam palpáveis. A rápida urbanização, o crescimento desordenado, a falta de planejamento urbano adequado, a degradação ambiental, a desigualdade socioeconômica e a falta de acesso a serviços básicos são apenas alguns dos muitos sintomas de insustentabilidade que podemos observar. É nas cidades que encontramos um microcosmo dos desafios globais enfrentados pela humanidade. Portanto, compreender e abordar os problemas urbanos é essencial para promover um futuro sustentável para todos.

Quais são os traços ou padrões da cidade da insustentabilidade?

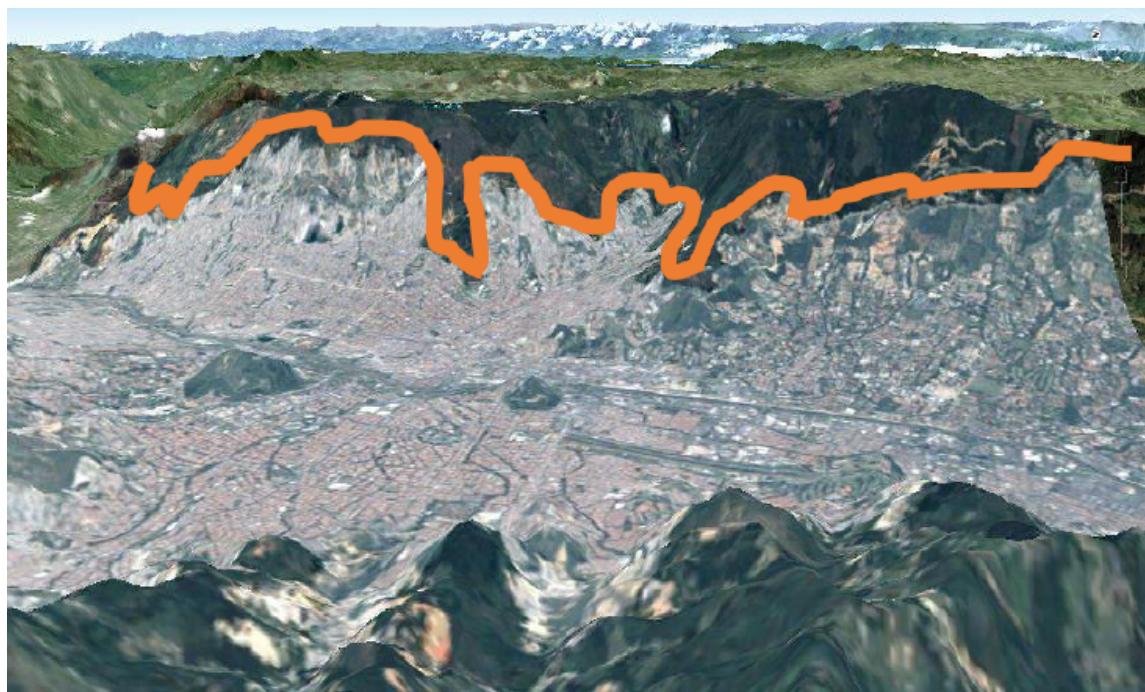
I. Cidade consumista e da exclusão; cidade fragmentada, caótica e congestionada; cidade da dispersão

Pode-se afirmar que se trata de um **tecido contínuo**, sem fim, de expansão latente, provocado pela grande demanda de consumo exacerbado das sociedades atuais, que buscam incessantemente mais e mais. Consequentemente, surge a necessidade de expansão, gerando novos espaços de crescimento ilimitado, alguns com qualidade duvidosa e outros de alto padrão. Ambos contribuem para a formação de tecidos urbanos contínuos, caracterizados por grande contraste e fragmentação social, com extrema inclusão para alguns e profunda exclusão para outros.

Esse fenômeno resulta na criação do que denominamos de **cidade caótica e dispersa**. Essas cidades são marcadas não apenas por uma expansão urbana desordenada, evidenciada por uma linguagem urbana sem muitos códigos ou normas, mas também pelo congestionamento gerado por grandes deslocamentos (a necessidade de longas viagens entre os locais de moradia e trabalho), levando a um consumo excessivo de energia e recursos materiais (mobilidade individual, sistemas de transporte público ineficientes, falta de opções de mobilidade com energias limpas, entre outros).

Um exemplo relevante é a cidade de **Medellín**, na Colômbia, uma metrópole com cerca de 3 milhões de habitantes, capital do Departamento de Antioquia, um dos mais desenvolvidos do país. De acordo com uma pesquisa realizada pela Empresa Pública de Desenvolvimento Urbano da prefeitura da cidade, a expansão urbana foi desmesurada. Em 2015, as bordas desse crescimento já estavam quase alcançando o topo do Morro de Santa Elena e, de acordo com projeções até 2023, avançariam de maneira predatória sobre as encostas posteriores desse morro.

O cenário apresentado identifica todas as características anteriormente mencionadas, que definem esses conglomerados como espaços urbanos insustentáveis: a ocupação contínua, a segregação social entre as áreas de maior e menor renda, os problemas de mobilidade constantes e todas as questões decorrentes dessa expansão ilimitada.



Mapa 7 — Cinturão Verde Metropolitano e Crescimento da população, projeção 2030

Fonte: EDU Prefeitura Medellín, 2014.

2. Cidade sem região: cidade sem limites, dissociada e sem identidade de bairros

É notório o reconhecimento de que a cidade conseguiu enfrentar algumas dessas problemáticas por meio da gestão visionária do prefeito Sergio Fajardo (2004-2007) e de um plano ambicioso de infraestrutura moderna para a mobilidade urbana, aliado a uma estratégia educativa inovadora das Bibliotecas Parque para as áreas elevadas da cidade. Nos próximos capítulos, exploraremos detalhadamente essa transformação magnífica que, de forma oportuna, foi agraciada com o Prêmio Mundial de Inovação, conferido na China.

A manifestação tangível dessa **contínua expansão urbana**, presente nas cidades atuais, reflete o que chamamos de uma **cidade sem fronteiras, sem limites**; uma cidade que devora sua maior preciosidade, o espaço rural e paisagístico. Esse cenário de ocupação incessante dos territórios não reconhece fronteiras e compromete as identidades locais, que gradualmente perdem sua essência original. Essa forma desordenada de expansão rompe com qualquer articulação física e social entre as comunidades e a matriz ecológica de cada lugar, muitas vezes resultando em intervenções prepotentes e destrutivas.

É um modo de atuação desconectado da essência original de cada lugar, que vai diluindo as identidades locais, especialmente as de bairros, vilas e povoados. Muitos afirmam que o legado do século XX, em termos de modelos produtivos instalados naquela época, se traduz nas periferias pobres das cidades no século XXI. Esse crescimento descontrolado, frequentemente impulsionado por interesses externos às próprias cidades, responde a especulações fundiárias urbanas e aproveita-se das necessidades dos setores mais carentes que migram para as metrópoles em busca de novas oportunidades.

Por outro lado, surgem os novos loteamentos de alto padrão, que buscam ocupar as melhores áreas naturais e paisagísticas, sem considerar as consequências dessas intervenções ao avançar sobre áreas rurais. Portanto, ao repensar as formas de desenvolvimento urbano, é fundamental definir estratégias integrais, com ênfase no cuidado das áreas rurais e paisagísticas como pontos cruciais para os aspectos urbanos de cada localidade.

A grande maioria das cidades apresenta características semelhantes às descritas anteriormente, cada uma com suas nuances e particularidades. A seguir, apresentaremos um desses exemplos, como uma referência entre tantos outros similares: a cidade de **La Paz**, na Bolívia, uma das capitais do país, situada na região andina de um território on-

dulado. Essa cidade continua a expandir-se sem limites sobre uma matriz montanhosa, cada vez mais ameaçada por essa ocupação desenfreada e desarticulada.

Mais uma vez, deparamo-nos com padrões de insustentabilidade urbana que evidenciam comportamentos insustentáveis, por parte tanto da sociedade civil quanto da gestão pública dos territórios, ambas cruciais para qualquer desenvolvimento efetivo e harmonioso de um local.



Foto 13 — Área da cidade de La Paz, Bolívia

Fonte: Tese de pesquisa Balcões Andinos, Arq. Javier Crespo.

3. A cidade dos guetos: polarização entre setores ricos e outros com necessidades extremas

Essas sociedades, impulsionadas pelo consumo e por interesses que não priorizam a integridade da vida coletiva, geram uma significativa fragmentação social, que se torna evidente nos próprios espaços que a cidade vai produzindo. Os espaços urbanos se tornam a expressão dessa fragmentação, em que é perceptível uma notável **polarização** ou **atomização**, resultando em **guetos ou áreas fechadas**, cada qual com seus próprios

interesses, gerando grandes contrastes não apenas sociais, mas também arquitetônicos e urbanos na forma como a cidade é construída.

Assim, esses espaços que antes promoviam a vida pública e o cuidado das sociedades como unidades coesas vão se perdendo. Anteriormente, eram entendidos como parte de um tecido social inequívoco, em que o grupo ou conjunto era o que importava, sendo cada lugar uma confluência para encontros e diálogos, promovendo a **cultura da paz**.

No entanto, esse novo cenário transformou as sociedades e os lugares de habitação em pontos de tensão e conflito entre aqueles que têm mais e buscam se proteger de qualquer tipo de agressão e aqueles que enfrentam situações extremas de necessidade. Surgem, então, os **guetos de ricos**, representados por condomínios fechados de alto padrão, contrastando com os **nichos de extrema pobreza**, como favelas ou habitações de interesse social carentes de infraestrutura e serviços adequados.

Consequentemente, a cidade, e por extensão suas sociedades desiguais e sem equidade, vivem em um **estado de confronto permanente**, resultando em fragmentação social e uma sensação de insegurança persistente, tanto para os privilegiados quanto para os menos favorecidos.

Agora, segue um exemplo marcante de contrastes da cidade de **Cartagena de Índias**, na Colômbia. Essa cidade turística de renome internacional almeja imitar o modelo de Miami, nos Estados Unidos, enquanto, ao mesmo tempo, abre a janela para uma realidade urbana paupérrima, desorganizada, congestionada e contaminada.

Dois padrões urbanos nada harmoniosos com a matriz ecológica caracterizada por córregos de água e manguezais ameaçados por essas ocupações incompatíveis com o território. A imagem a seguir demonstra claramente esses contrastes, com estruturas precárias de barracos habitados por comunidades de pescadores contrastando com os imponentes prédios de luxo que dominam a península norte da cidade, gerando um impacto visual e ambiental de grande escala.

Esse desenvolvimento imobiliário, longe de cessar, já se expande para o extremo sul da cidade em busca de novas vistas e oportunidades comerciais em praias intocadas.

Essas formas de ocupação que não respeitam os contextos nem as culturas locais transformam os lugares, convertendo paisagens deslumbrantes em espaços urbanos insustentáveis. É crucial uma abordagem integral da gestão do território, que considere

não apenas os aspectos econômicos e sociais, mas também os ambientais, para garantir o desenvolvimento sustentável de nossas cidades e sociedades.



Foto 14 — Cartagena de Índias, Colômbia

Fonte: Arquivo Pessoal D. C.



Foto 15 — Condomínio fechado, Holambra,
SP, Brasil

Fonte: Arquivo Pessoal D. C.

4. A cidade das rodovias e o consumo

O modelo baseado no consumo exacerbado, como o atual, adota uma estratégia abrangente, tanto na estrutura urbana quanto nos elementos econômicos funcionais, com o foco central na promoção de um consumo indiscriminado. Além disso, depende exclusivamente de um sistema de mobilidade urbana que facilite a chegada dos usuários a cada centro de consumo. Isso é o que se reconhece como a estratégia de **mobilidade do consumo insustentável**.

Mas por que afirmar que essa maneira de lidar com os espaços é insustentável? Trata-se de um esquema que não se preocupa em produzir espaços públicos para o encontro e as relações sociais; pelo contrário, compromete essas interfaces de diversidade e relação que poderiam estar na cidade para promover conexões. São esses os pontos de interesse para o consumo e a geração de renda, sem um propósito supremo de pensar no outro, no cidadão e, consequentemente, no público e seu cuidado.

O exemplo mais típico desse tipo de estruturas urbanas, nada acessíveis para um fim coletivo, são os *shoppings centers* de grande escala, impactantes para a paisagem urbana. Para acessá-los, são organizadas amplas avenidas ou, dependendo da escala regional, montadas grandes rodovias que atravessam as cidades com o objetivo de promover a chegada direta a esses centros comerciais. Dessa forma, constrói-se um cenário nada receptivo para a verdadeira razão de ser de uma cidade, que muitas vezes termina fragmentando-a, tanto no aspecto físico urbano como no social, produzindo marginalidade e até insegurança. Deparamo-nos com uma cidade que vai perdendo seus espaços públicos de vida coletiva e, além disso, que desperdiça muita energia, produto da mobilidade do consumo comercial de alcance massivo e indiscriminado.

Além disso, algumas vezes são incluídas nesse tipo de estratégia as grandes rodovias, estruturadas para conectar áreas residenciais periféricas da cidade (de alto padrão, mas também de assentamentos carentes) com as áreas onde se encontram as oportunidades de trabalho. Esse cenário produz, além de grandes traslados e consumo de energia, a exigência de toda uma logística da mobilidade e do transporte que ameaça os próprios espaços de encontro e relações que ainda podem restar nessas áreas do centro da cidade.

Os casos compartilhados neste documento tentam apresentar algumas das questões mencionadas que aprofundam esse cenário de insustentabilidade urbana e social. A cidade de **Guayaquil**, no Equador, exemplifica a complexidade da mobilidade urbana em um importante centro urbano. Certamente, poderíamos mencionar problemas similares em centros urbanos como **Santiago** no Chile, **Bogotá** na Colômbia ou a própria **São Paulo** no Brasil.

Outro caso apresentado é a cidade de **Houston**, Texas, nos Estados Unidos, que testemunhou grandes transformações urbanas devido às exigências de uma estratégia de mobilidade funcional para uma população que optou por morar em residências de alto padrão nas áreas periféricas, mas continua trabalhando na área central da cidade.

Esse processo migratório interno, além de provocar grandes mobilizações de veículos individuais em determinadas horas de pico, gerou um esvaziamento das residências originais da cidade, que foram substituídas por grandes estacionamentos para atender à nova logística necessária para acomodar uma grande quantidade de carros provenientes dessas áreas residenciais novas. Dessa forma, a cidade perde sua essência original e se transforma em um deserto de prédios sem contexto, sem vida social, e que apenas responde a uma necessidade de trabalho para o consumo exacerbado.



Foto 16 — Área Central de Houston, USA

Fonte: Houston ([20-]).



Foto 17 — Área de Guayaquil, Equador

Fonte: Fundação Malecon 2000.

5. A cidade do loteamento individual e da exclusão

Outro dos fatores que contribuem para a insustentabilidade das cidades é a persistência do modelo de **loteamento individual**, que tem suas raízes no conceito da casa com terreno e piscina, originado nos subúrbios dos Estados Unidos durante o século XX. Esse modelo continua sendo oferecido como um padrão de bem-estar familiar para os setores da classe média e alta da sociedade, representados pelos condomínios fechados nas áreas rurais mais nobres.

No outro extremo da pirâmide social, a possibilidade do lote individual surge como uma opção para os setores mais necessitados, embora ofereça condições precárias de habitabilidade. Trata-se de lotes pequenos, localizados em áreas isoladas das periferias urbanas, desprovidas de estrutura de saneamento básico e serviços essenciais para uma vida digna. Essa situação gera mais exclusão e marginalidade social.

Tanto uma alternativa como a outra contribuem para o crescimento da expansão urbana e, consequentemente, para o aumento permanente dos perímetros urbanos das cidades. Essas expansões avançam cada vez mais sobre as áreas produtivas e de grande valor ambiental e paisagístico, tornando-se uma grande ameaça para a sustentabilidade desses territórios.

Em outras palavras, estamos enfrentando uma crise na organização dos territórios, resultante de um manejo especulador do uso do solo urbano. Isso constitui atualmente um dos principais motivos de tensão e conflito, seja social ou econômico.

Esse padrão de ocupação, baseado em modelos que visam à baixa densidade populacional, necessita de grandes áreas para se desenvolver, o que leva à expansão sobre as áreas rurais, independentemente das consequências que essa expansão comercial possa acarretar para o equilíbrio entre o meio urbano e rural.

Serão detalhados neste documento, em capítulos subsequentes, novos modelos de uso e ocupação mais integrados com o território, inspirados na compatibilidade com a matriz ecológica e paisagística. Esses modelos propõem formas mais leves, compactas e descentralizadas de aproveitamento do solo, com o objetivo de criar cidades onde se gerem espaços de convivência capazes de promover uma vida social de respeito, dignidade e integridade.

Alguns casos serão apresentados como referência, mas é importante destacar que esses padrões de uso e ocupação são comuns em todas as cidades, não apenas do Brasil, mas em muitos países ao redor do mundo. As imagens a seguir retratam situações em grandes áreas urbanas conurbadas da América do Sul, como **Buenos Aires**, Argentina, onde o assentamento irregular conhecido como *Villa 31* se estabeleceu em uma área nobre da cidade, e na região metropolitana de Porto Alegre, Brasil, onde são evidentes os **contrastes sociais** entre condomínios fechados e áreas de extrema necessidade.

Esses exemplos se replicam em todas as grandes cidades da América Latina e outras partes do mundo, evidenciando a situação crítica enfrentada pelas sociedades devido a modelos econômicos e de organização territorial que desconsideram o valor do coletivo na vida em comunidade. Isso resulta na criação de nichos fechados de interesses individuais ou em alternativas de lotes individuais isolados do tecido urbano e social, desprovidos dos serviços e equipamentos essenciais para uma vida digna em comunidade.

É importante ressaltar a falta de políticas públicas voltadas para abordar integralmente essas questões, como um planejamento ordenado e cuidadoso das áreas mais valiosas dos territórios, que compreendem o suporte natural, áreas rurais, áreas paisagísticas de interesse e corredores naturais de grande valor ambiental.

Essa crise também se manifesta na falta de estratégias para propor habitats de valor social integral, integrados aos sistemas ativos de cada sociedade. Isso se reflete na ausência ou deficiência de abordagens por parte do Estado, em termos institucionais.

Nesse sentido, é preocupante entender essas políticas como modelos de gestão replicados na maioria dos territórios, que visam apenas resolver a necessidade habitacional sem abordar a problemática de forma abrangente. É essencial criar cidades integradas em vez de conjuntos de casas isoladas do tecido urbano e social, pensando com um senso de comunidade, oferecendo serviços, espaços de encontro, escolas, postos de saúde, espaços para lazer, entre outros.

Em resumo, compreender que as pessoas precisam morar em lugares que sejam reconhecidos como cidades, que ofereçam respostas às necessidades imediatas de abrigo e que permitam uma vida integrada em sociedade é fundamental. Todo ser humano é um ser social e, portanto, precisa de cidades acolhedoras para dignificar o sentido essencial da vida: viver de maneira integrada em uma sociedade.



Fotos 18 e 19 — Condomínios fechados amuralhados, Grande Porto Alegre, RS, Brasil

Fonte: Arquivo Pessoal D.C.



Fotos 20 e 21 — Loteamentos individuais em vazios de expansão urbana, Grande Porto Alegre, RS, Brasil
Fonte: Arquivo Pessoal D.C.



Foto 22 — Área da Villa 31, ingresso norte de Buenos Aires, Argentina
Fonte: Foto galeria Virtual Travels 360.

6. Cidade da anomia

As sociedades do hiperconsumo baseiam-se em uma hipercomunicação como estratégia central para captar seus públicos-alvo. As cidades e seus espaços urbanos não escapam desse esquema avassalador de informação, que invade fachadas de prédios, calçadas e ruas, alterando a linguagem urbana e arquitetônica de cada área.

Essa dinâmica comunicacional degrada a identidade social de um lugar e, consequentemente, os espaços urbanos de caráter público. Além disso, resulta na distorção e ameaça do perfil urbano, dificultando sua leitura e reconhecimento.

Esse cenário de confusão evidencia a perda de normas e regulamentações urbanas e edilícias, ou a omissão de sua aplicação, quando existem. Ao mesmo tempo, revela uma crise social em relação à perda de códigos de convivência, em que prevalece o individualismo tirano, voltado para a venda de produtos a qualquer custo, sem considerar as consequências que essa comunicação invasiva pode causar nos espaços públicos, como impactos negativos na paisagem urbana e problemas de segurança no trânsito.

O resultado de toda essa questão é conhecido como um processo de **anomia social e urbana**. Segundo a sociologia, especialmente o pensamento do sociólogo francês Émile Durkheim, a anomia é uma situação social produzida pelo enfraquecimento das relações sociais. Nesse caso, a hipercomunicação não consolida os vínculos entre as pessoas; pelo contrário, muitas vezes as afasta devido às relações virtuais e digitais. A anomia também ocorre quando há uma perda da capacidade da sociedade para regular e orientar o comportamento dos indivíduos, resultando em maior desordem social.

Portanto, a anomia urbana é o resultado desse caos social, dessa desorganização comunicacional e da perda de padrões éticos relacionados à responsabilidade das sociedades em cada cidade.

Diante do exposto, compartilhamos uma imagem que evidencia esse caos na linguagem urbana, típico de nossas cidades de médio ou grande porte. Nela, é possível observar o grau de confusão não apenas na comunicação, mas também na afetação da linguagem arquitetônica e seu impacto urbano. Muitas vezes, as fachadas cedem espaço para a divulgação indiscriminada de produtos de consumo massivo.



Foto 23 — Cruzamento de avenidas, Porto Alegre, RS, Brasil

Fonte: Arquivo Pessoal Fabiano Barros.



Foto 24 — Teatro Opera de Garnier, Paris

Fonte: Arquivo Pessoal Leandro C.

7. A cidade de objetos sem contexto

Para encerrar este capítulo, torna-se evidente que a questão da insustentabilidade é complexa e sistêmica, abrangendo diversos aspectos da vida social e dos territórios onde essas sociedades residem. Não basta apenas abordar alguns indicadores, comumente utilizados em empresas, relacionados a questões ambientais, sociais e de governança, embora contribuam para monitorar os processos. Falar de sustentabilidade é compreender o sistema de forma integral e constante.

Nesse sentido, é frequente afirmar que as cidades se expressam por meio de seus espaços, fornecendo uma fotografia imediata que ajuda a interpretar os comportamentos sociais e econômicos de cada sociedade. O modelo do hiperconsumo não se restringe apenas aos objetos materiais de uso individual, como tecnologia, carros, vestuário, estética pessoal, gastronomia e turismo, pois também afeta os espaços urbanos, especialmente os elementos arquitetônicos que moldam e dão forma a esses lugares citadinos.

Observa-se nas cidades a emergência de obras arquitetônicas concebidas como objetos individuais, muitas vezes pensadas como elementos artísticos isolados de seu contexto, ou que contrastam com a paisagem urbana em que estão inseridas. Pode-se dizer que estamos diante de uma **cidade “arquiteturizada”** sem contexto, ou seja, uma arquitetura descontextualizada. O caso da **Biblioteca Parque Espanha**, nos morros da cidade de Medellín, na Colômbia, poderia ser motivo dessa análise conceitual. Embora o

prédio cumpra seus objetivos funcionais de valor cultural e educativo para todo um bairro esquecido, do ponto de vista da arquitetura, é um objeto que impacta visualmente o perfil urbano do local em termos de volume, altura, formas e visual, mesmo reconhecendo que os autores tenham se preocupado em utilizar materiais locais para revestir a construção, visando à integração com o ambiente.

Essa descrição busca realizar uma análise abrangente da inserção desse tipo de processo na cidade, sem entrar em um debate crítico e específico sobre o prédio em questão, mas refletindo sobre qual seria a melhor abordagem para construir uma cidade de forma integral, considerando o contexto em que se insere qualquer construção.

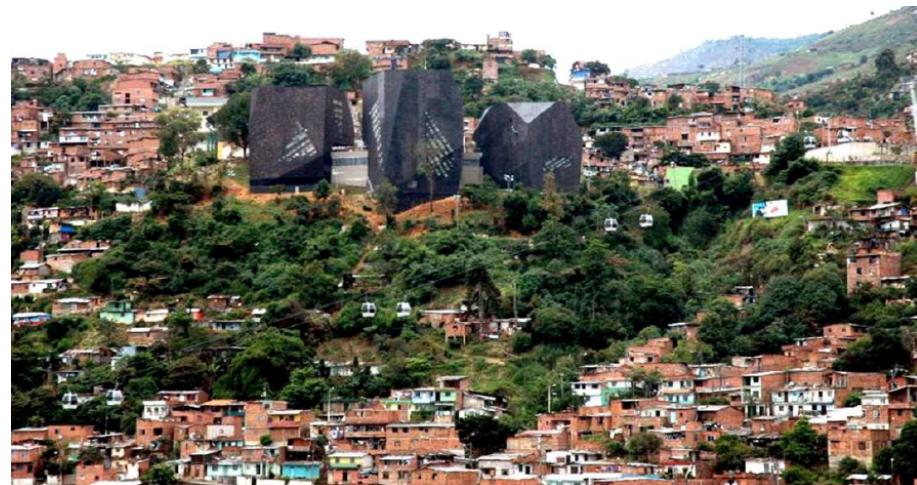


Foto 25 — Biblioteca Parque Espanha, Medellín, Colômbia

Fonte: *Prefeitura de Medellín*.

Na mesma linha de pensamento, surgem as **cidades tematizadas**, muitas vezes desvinculadas das raízes identitárias de um território ou cultura. Essas cidades começam a oferecer propostas de consumo indiscriminado, abordando temas que não têm relação com o contexto originário, ignorando questões históricas do lugar ou da sociedade e frequentemente carecendo de harmonia com a paisagem local.

Territórios e regiões com importantes tradições culturais ligadas aos seus colonizadores ou habitantes históricos estão sendo invadidos por uma série de ofertas tematizadas

que não se relacionam com a paisagem ou cultura desses lugares. Isso gera um grande impacto visual, bem como transformações nos usos e ocupações que contribuem para a confusão da linguagem urbana e paisagística.

Mais uma vez, os edifícios e sua oferta funcional se tornam objetos a serviço do hiperconsumo e entretenimento, ameaçando as identidades sociais e paisagísticas, assim como o sentido de comunidade, que é afetado por propostas que visam apenas ao lucro comercial por meio do entretenimento, sem qualquer conexão com o local ou regional.

Dessa forma, perde-se o sentido de território e sociedade em seu valor integral, social e comunitário. Embora existam inúmeros exemplos de cidades tematizadas, não se pretende desqualificar esse tipo de oferta ligada ao lazer e contemplação, mas sim alertar sobre os locais onde esses produtos devem ser instalados.

Sempre com a intenção de evitar impactos negativos diretos, é importante considerar as escalas que esse tipo de empreendimento abrange, muitas vezes apresentando conteúdo alheio aos valores identitários de um território e sua paisagem.



Foto 26 — Museu Guggenheim de Bilbao, Espanha

Fonte: Arquivo pessoal de D.C.

Cidade das catástrofes ambientais

Os eventos ambientais acontecidos no mês de maio de 2024 no sul do Brasil e durante o mês de setembro do mesmo ano na Amazônia e no Pantanal são mais uma evidência da insustentabilidade de nossas cidades. Infelizmente, ainda há dúvidas pairando:

O rio e as chuvas são os culpados pelos alagamentos dos espaços de vida de nossa sociedade?

O fogo, produto da falta de chuvas, é o único responsável pelas queimadas dos biomas?

Seria o momento de paramos para refletir:

Não estaremos ocupando de maneira irresponsável e prepotente os cursos naturais de água e as encostas dos morros, assim como alguns modelos produtivos agrícolas não nos estão conduzindo à desertificação do solo rural, em ambos os casos gerando uma ameaça latente para os ecossistemas que precisam ser protegidos?

A natureza busca preservar seu DNA, sua memória intrinsecamente ligada à matriz ecológica de um território. Independentemente das medidas preventivas e de defesa civil que devem ser tomadas para enfrentar a triste realidade de famílias afetadas por alagamentos ou deslizamentos de terra — como nos casos extremos vivenciados no Rio Grande do Sul, mas antes em Minas Gerais e na Baia, depois na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro —, É HORA de toda a cidadania, incluindo o Poder Público e a sociedade civil organizada, conscientizar-se das **causas determinantes** desses eventos.

É crucial agir com comprometimento, promovendo ações que resultem em uma gestão eficaz para resolver esses problemas, que **não são apenas naturais**, mas também de responsabilidade significativa da gestão pública.

Em outras palavras, não se trata de um **desastre natural**, e sim de um manejo irresponsável na gestão do desenvolvimento e na ocupação dos territórios, produto de um modelo econômico insustentável, carente de pensar no bem coletivo e, portanto, no cuidado da vida na Terra, que é, sem dúvidas, o bem mais apreciado!

A natureza e a mudança climática são os culpados?

Nossas sociedades devem tomar consciência da transcendência dessa questão gerada por várias causas profundas, tais como a expansão urbana descontrolada que invade as fronteiras dos espaços rurais e ameaça a paisagem e a matriz ecológica do território.

Também, nesse sentido, aparece a especulação de caráter imobiliária mobilizada pelo lucro em si mesmo, sem considerar os impactos ambientais que às vezes trazem a destruição de um ecossistema natural.



Foto 27 — Centro Histórico de Porto Alegre, maio de 2024

Fonte: Arquivo Popular Bairro Centro Histórico de Porto Alegre.

A drenagem natural dos solos e os ciclos hídricos se viram afetados, também, por políticas que promovem o uso intensivo do solo, seja este rural (aumento das fronteiras da produção agrícola) ou urbano (ocupação horizontal expansiva impactando zonas ribeirinhas, de encostas ou de áreas paisagísticas). Nesse cenário convulsivo, já manifesto em consequências terríveis nas inundações e perdas no Rio Grande do Sul, surpreende e é incompreensível que, mesmo diante dessa realidade, ainda existam iniciativas legislativas no Brasil que promovam a ocupação construtiva das beiras das praias.

Seriam iniciativas privadas de *resorts* luxuosos em espaços de grande significância pública e coletiva que, além da perda de identidade local, estariam repetindo os mesmos erros do passado em relação ao uso inadequado do território, favorecendo um desenvolvimento imobiliário que visa apenas ao lucro de setores econômicos concentrados em áreas de interesse público que deveriam ser prioritárias no cuidado, como são os núcleos naturais a serem protegidos.

Em qualquer lugar do mundo considerado digno, as margens dos cursos de água e, em especial, do litoral marítimo são tratadas como ecossistemas de valor patrimonial e cuidado natural, que devem estar sob a proteção absoluta dos Estados Nacionais. Em outras palavras: NÃO SE TOCA!



Foto 28 — Ocupação de praias por condomínios privados em Cartagena de Índias, Colômbia

Fonte: Arquivo pessoal D.C.



Foto 29 — Desenvolvimento imobiliário de alto padrão em Boca Grande, Cartagena de Índias, Colômbia

Fonte: Arquivo Pessoal D.C.

Sem inteligência social e com a ausência de uma infraestrutura verde, se está em presença do enfraquecimento dos ecossistemas, tornando difícil dar respostas resilientes à emergência climática e ambiental vigente.

Em resumo, não se trata apenas de mitigar (minimizar os problemas) e ter estratégias de adaptação ou adequação a essa nova realidade climática, mas, pelo contrário, de estar preparado com estratégias resilientes que gerem **respostas superadoras** e de caráter proativo, em prol de provocar a verdadeira transformação que esse cenário precisa.

A situação atual exige uma mudança radical de modelo de produção das cidades e territórios!

A cidade sem memórias que despreza seu processo histórico identitário

Quando deixa de reconhecer seus **lugares** de valor patrimonial (substituindo pelo avanço da “modernidade”) e, além disso, perde aquelas **imagens** que construíam lembranças memoráveis (acontecimentos de significado), a sociedade entra em um caminho que se poderia reconhecer como de **identidade difusa ou fraca**.

Esse cenário é o pior em termos de consolidação de laços históricos, pois inicia um processo de desapego pelas referências memoráveis de um lugar, de uma sociedade e, portanto, de uma cidade e seu território, seja de valor urbano, cultural ou também paisagístico.

O mundo global que arrasa com as identidades locais provoca uma **economia inconsciente**, sem fronteiras ou referências.

Há cidades que destoem ou substituem seu patrimônio arquitetônico e urbano por novas intervenções da “modernidade” que arrasam com o existente e, dessa maneira, apagam todo um processo histórico de grande valor identitário. Essa situação se pode perceber em inumeráveis e tristes exemplos que priorizam um maior aproveitamento do solo urbano sem se importar com as questões vinculadas com a preservação de prédios ou espaços urbanos de características icónicas, no que diz respeito à sua referência de valor genuíno com o local.

Claro está que essas iniciativas promovidas pela especulação imobiliária são possíveis graças a regulamentações urbanas de cada cidade que não contemplam ou propiciam

a valorização desse tipo de propriedade de valor patrimonial, deixando-a exposta a esse tipo de manobras especulativas.

A título de referência, apresenta-se um caso simbólico, como é a cidade de La Plata, capital da Província de Buenos Aires, na Argentina.

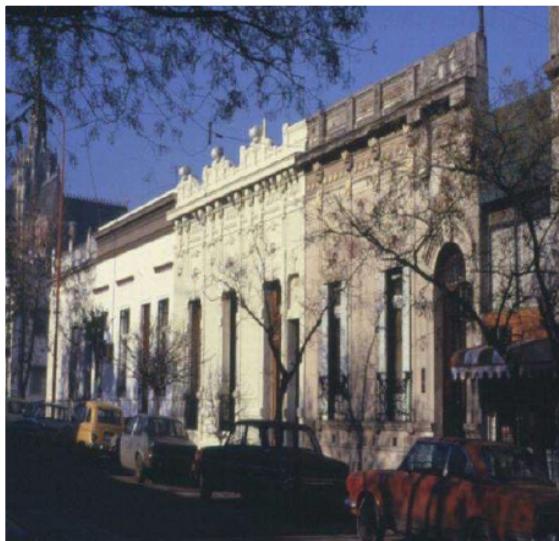
Planejada no século XIX, com grande valor patrimonial, tanto pelo seu tecido urbano como por seus prédios históricos de grande significado memorável, trata-se de uma cidade que tenta cuidar de seus espaços identitários. Teve algumas experiências que podem se apresentar como “alertas” ou ameaças contra alguns prédios ou conjuntos de construções de valor patrimonial arquitetônico e urbanístico.



Foto 30 — Catedral de La Plata, Argentina

Fonte: Arquivo Público da Cidade.

A Catedral da cidade está muito bem conservada, ao ponto de ser considerada pelo Vaticano como uma das dez catedrais mais importantes do mundo. Esse exemplo se coloca não tanto pelo próprio prédio em si, mas pelo descuido do entorno urbano adjacente, em que as regulamentações municipais permitem a construção de prédios em altura que aos poucos estão sufocando o contexto urbanístico dessa construção de grande simbolismo arquitetônico do neogótico do século XIX.



Fotos 31 e 32 — Residências privadas de estilo neoclássico

Fonte: Fundação Cepa.

Esse tipo de construções de grande valor histórico, tanto pelas suas fachadas de características neoclássicas como pelo modelo de organização interna trazida da Itália com as migrações dos séculos XIX e XX para ser aplicadas em residências particulares; estão constantemente ameaçadas para ser substituídas por prédios residenciais e comerciais em altura na área central da cidade.



Fotos 33 e 34 — Teatro Argentino La Plata, antes e depois do incêndio de 1977

Fonte: Arquivo Histórico e Concurso Público de Restauração do Teatro Argentino de La Plata — Argentina, 1980.

Como aparece nas fotos, o Teatro Argentino de La Plata constituía um dos prédios de maior valor patrimonial da cidade, que infelizmente sofreu um incêndio no ano 1977 que destruiu todo o seu interior, mas sua estrutura edilícia externa permaneceu em boas condições. A Administração Pública da época decidiu demolir todo o prédio e chamar um Concurso Público de ideias para a construção do novo Teatro Provincial, que atualmente funciona a pleno.

Sem entrar em detalhe sobre o novo prédio de características racionalistas modernas, o significante deste caso foi que se perdeu uma obra histórica de grande significado, tanto pelo seu estilo eclético de excelência como pelas próprias memórias que o prédio albergava.

Todos são casos que se apresentam como advertências, luzes amarelas, do que está em jogo quando se desmerece o sentido memorável dos espaços urbanos e de sua arquitetura de alcance patrimonial.

Nesse marco de análise, é muito importante compreender **o valor qualificado que tem a escala local** e suas relações sociais, em prol de uma mundialização das culturas (dinâmicas diversas inspiradas no local que podem se inter-relacionar entre si com a finalidade de se enriquecer e fortalecer).

Em consequência, seria falar de uma **economia consciente** de seu território e sociedade, que deveria conseguir dar respostas superadoras diante da globalização econômica sem fronteiras culturais.

O desafio será provocar a ruptura paradigmática sobre o conceito de patrimônio, a partir do novo cenário de século XXI: apresentar o **patrimônio como um indicador dinâmico da memória coletiva**, em prol da construção permanente da identidade social, pensando na vida coletiva nas cidades e territórios, sempre incluindo nessa análise o segmento econômico que deveria ser considerado dentro da equação financeira, além de técnica especializada que permita encontrar o ponto de equilíbrio (desenvolvimento de usos variados e mistos, exploração turística, isenção de taxas e impostos públicos, entre outros).

Pensamento em permanente revisão evolutiva para a identidade das sociedades.

Precisamos refletir sobre toda essa realidade que nos sensibiliza e comove ao mesmo tempo. É por isso que se torna necessário observar, duvidar e questionar esses processos, mas sempre com uma atitude proativa que nos permita pensar, criar e encontrar novas respostas capazes de superar os desafios ao longo do tempo!

As reflexões finais deste capítulo buscam nos deixar com questionamentos que nos ajudem a avançar em busca de mudanças positivas, inspiradas no valor da vida coletiva. Afinal, é disso que se trata, não é mesmo?

Por essa razão, e para continuar refletindo em conjunto sobre esta análise, foi convidada a Profa. Cleide Godoy com o intuito de poder contribuir a partir de suas experiências de convívio e questionamentos provocadores.

Existe salvação para mudar o destino?

Pela professora Cleide P. Godoy

Diretora da GB Comunica-arte

e-mail: cleidepgodoy07@gmail.com

Minha imersão neste trabalho, que transcende a mera escrita e mergulha na essência dos territórios, é uma jornada privilegiada. Desperta em mim uma curiosidade voraz, um interesse genuíno e uma sensação de responsabilidade. A cada palavra, tento capturar a magnitude dos lugares que moldam tantas existências, pois são mais do que meros cenários; são testemunhas de grandezas e dores entrelaçadas, em que o amor luta para florescer em meio às agruras da desigualdade.

Nasci na voragem urbana de São Paulo, uma metrópole pulsante com 12 milhões de seres, um universo em que cada esquina conta uma história de luta e resistência.

São Paulo, com suas grandezas arquitetônicas e feridas sociais expostas, é uma encruzilhada onde os sonhos encontram obstáculos tão imponentes quanto seus arranha-céus.

Mais tarde, me vi imersa na atmosfera tranquila de La Plata, a capital da Província de Buenos Aires. Com seus 750 mil habitantes, essa cidade de porte médio é um exemplo notável de planejamento urbano, onde a ordem e a estética se harmonizam como em uma dança.

No entanto, por trás dessa fachada de tranquilidade, La Plata também enfrenta suas próprias batalhas, suas próprias contradições, lembrando que nenhum lugar está isento de desafios.

Hoje, encontro-me em Canela, no coração da Serra Gaúcha, uma cidade que cativa com sua beleza natural e seu charme singular. Com apenas 46 mil habitantes, Canela é

um oásis de tranquilidade em um mundo agitado, uma pausa refrescante em meio ao frenesi da vida moderna. Mas, mesmo aqui, entre as montanhas verdejantes e os arroios, cachoeiras e cascatas, as sombras da desigualdade e dos conflitos sociais ainda se fazem presentes.

Esta introdução é mais do que uma mera formalidade; é o alicerce sobre o qual ergo minhas indagações e reflexões. Minhas preocupações estão intrinsecamente ligadas à busca por soluções, à aspiração de um mundo no qual as cidades e suas sociedades sejam espaços equitativos para todos os seus habitantes. É fascinante e, ao mesmo tempo, angustiante perceber que a transformação de um território pode ser a chave para mitigar as injustiças da ocupação desordenada. No entanto, é justamente essa incerteza, essa sensação de impotência diante de um desafio monumental, que nos impulsiona a buscar respostas, a lutar por um futuro em que todos tenham seu lugar ao sol.

Faço-me a pergunta incessante: **será possível**, de fato, trabalhar conforme o delineado nas páginas que percorri e, assim, **reverter o cenário desolador que se apresenta diante de nós?**

Sinto-me compelida a compartilhar estas reflexões, mesmo sendo uma leiga em assuntos da organização territorial das sociedades. Como uma cidadã que vive e respira cada espaço, carrego um fardo de dúvidas, ansiando por soluções. É angustiante observar que, apesar das escalas diferentes em que vivi — **São Paulo, La Plata e Canela** —, os padrões dos desafios persistem, como se estivessem enraizados em uma simbiose inexplicável, que transcende as fronteiras territoriais.

Quando Daniel aborda a proposição provocadora de uma prática sustentável para nossas sociedades, inevitavelmente me questiono: **será viável aplicar a terminologia “Civis Conscientes” em todas as escalas e resolver os conflitos monumentais que enfrentamos?** Retornando às três cidades em que vivi, percebo a relevância de integrar o conceito de “Civis Conscientes”. Essa expressão captura de forma precisa a ação dos cidadãos como agentes formadores da sociedade e a consciência como o catalisador para intervenções que provocam mudanças.

Partindo deste ponto, trago à tona três exemplos específicos para reflexão. Em **São Paulo**, como poderíamos evitar os recorrentes alagamentos que assolam a cidade? Embora medidas paliativas sejam adotadas para oferecer acolhimento imediato à população afetada, como seria a aplicação de “abordagens civis conscientes” para transformar esses territórios em lares verdadeiramente seguros?

Na cosmopolita **Buenos Aires**, onde a assimetria social se acentua a cada dia, como lidar com a emergente integração desordenada de populações antes marginalizadas, como as comunidades da “Villa-carenciada 31”? Apesar das tentativas anteriores de re-locá-las para bairros periféricos, essas comunidades retornam aos centros urbanos em busca de melhores condições de vida. Como poderíamos abordar essa questão de forma mais eficaz e sustentável?

E, adentrando nas encantadoras cidades serranas como **Canela e Gramado**, como podemos conciliar o desenvolvimento turístico com a preservação da identidade local e dos recursos naturais? Até que ponto as transformações massivas e a “norte-americanaização” do ambiente são benéficas para as comunidades locais e para o próprio espaço em si?

Essas perguntas ecoam em minha mente, como vozes sussurrantes nos labirintos urbanos, clamando por respostas que ainda se esquivam de nossas mãos. Mas é na busca incansável por soluções que encontramos a esperança de um futuro mais justo e equitativo para todos.

Nesse contexto abrangente, volto-me mais uma vez para a essência do livro em questão, aquele que adota uma visão holística. Refletindo sobre essas questões, questiono:

Será que a conscientização dos impactos negativos da má ocupação territorial é o ponto de partida essencial para a mudança?

À medida que tanto os cidadãos como as autoridades locais compreendem os desafios associados à ocupação desordenada, podem começar a tomar medidas concretas para corrigir essas práticas prejudiciais?

Os programas educacionais e as campanhas de sensibilização desempenham um papel fundamental ao promover uma cultura de responsabilidade ambiental e social entre os membros da comunidade? Ao educar e conscientizar, podemos cultivar uma mentalidade que valorize e colabore para o nosso ambiente e o bem-estar de todos os habitantes.

A participação comunitária, ao envolver ativamente os moradores no processo de transformação para o desenvolvimento, pode assegurar que as necessidades e preocupações locais sejam devidamente consideradas? Ao dar voz à comunidade, podemos garantir que as decisões tomadas refletem verdadeiramente as aspirações e os interesses daqueles que serão diretamente impactados.

Por fim, compreender esse percurso articulado na voz de um grande e experto profissional, Daniel Caporale, seria adotar uma abordagem integrada que combinasse todos esses elementos para seguir um caminho mais eficaz para alcançar uma ocupação territorial mais equilibrada e sustentável. Ao unir conscientização, educação, participação comunitária e outras medidas, podemos criar um ambiente urbano que promova a saúde, a harmonia e a qualidade de vida para as gerações presentes e futuras. É nesse cruzamento de ideias, nesse diálogo contínuo entre teoria e prática, que vislumbramos um futuro no qual nossas cidades sejam verdadeiros centros de prosperidade, equidade e sustentabilidade.



Foto 35 — Cleide P. Godoy, diretora da GB Comunica-arte

Fonte: arquivo pessoal de Cleide.

Que essas reflexões nos inspirem a agir com determinação e compaixão, moldando um mundo melhor para todos.

CAMINHO PARA A INTEGRAÇÃO DAS CIVIS CONSCIENTES

CAPÍTULO III

Por Daniel Caporale
Reflexões finais por Maximiliano Scarlan

CAPÍTULO III

Caminho para a integração de Civis Conscientes

Palavras-chave:
Civis Conscientes — Cívitias integradas

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale

Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente
e-mail: danielcapo56@gmail.com

Bem-vindos a uma jornada para explorar o cerne deste documento: o conceito inspirador de “**Civis Conscientes e integradas**”. Este é mais que um simples conjunto de palavras, é uma chamada para a universalização do sentido ético que guia a vida em comunidade. É o ponto de partida de uma investigação que não apenas analisará casos e exemplos como também os incorporará, moldando e refinando nosso entendimento em uma busca contínua pela verdade.

Então, o que exatamente queremos dizer quando falamos de cidadãos conscientes e integrados? Queremos incitar uma reflexão profunda nas sociedades, instigando uma mudança de paradigma em direção a uma prática mais holística e ética da vida em conjunto. Mas antes de mergulharmos nesse conceito, é essencial compreendermos o verdadeiro significado da **sustentabilidade**.

Rumo às Civis Conscientes da prática da sustentabilidade

A sustentabilidade é uma jornada em constante movimento, muito mais do que um destino estático. É uma prática dinâmica que demanda vigilância e ajustes contínuos. Ela não é apenas um objetivo, mas uma cultura em evolução que permeia todos os aspectos da vida urbana e social.

Quando nos referimos a sociedades sustentáveis, estamos falando de um compromisso holístico que abraça os princípios globais estabelecidos pela ONU. Esses princípios nos recordam de que a sustentabilidade não é apenas sobre cuidar do meio ambiente, mas também sobre promover o desenvolvimento econômico, garantir a equidade social e fortalecer a institucionalidade dos processos. Para que uma comunidade, entendida como coletivo social, seja verdadeiramente sustentável, é essencial abordar múltiplos as-

pectos, tecendo uma teia de compromissos que moldam sua identidade, em prol desse conceito dinâmico de *civis como civilizações sociais*. Estes são os pilares sobre os quais construímos nosso caminho adiante sobre a base de referência dos conceitos surgidos do Fórum Latino-americano de Ciências Ambientais (Pesci, 2007):

- ✓ **civis ecológicas** — aqui reside a responsabilidade pela saúde e integridade do nosso ambiente, buscamos promover fluxos sustentáveis de matéria e energia, mantendo a pureza de ar, solo e água, nosso objetivo é viver em harmonia com a natureza, integrando-nos suavemente com a paisagem que nos cerca;
- ✓ **civis socioeconômicas** — esta dimensão prioriza a inclusão e acessibilidade para todos, criamos uma infraestrutura urbana que favorece a acessibilidade e mobilidade sustentável, investindo em uma rede de transporte eficiente e espaços públicos inclusivos, nossa economia é construída sobre bases equitativas, impulsionada por um espírito de cooperação associativa e consciência coletiva, inspirada na responsabilidade ética;
- ✓ **civis no tempo** — a demonstração de nossa resiliência está presente ao enfrentar os desafios do presente enquanto planejamos o futuro, nosso olhar é estratégico, buscando soluções que abordem não apenas as necessidades imediatas, mas também aquelas que surgirão nas décadas por vir;
- ✓ **gestão das civis** — aqui se sustenta a base da nossa governança, a estratégia de promover modelos participativos e democráticos, em que o público e o privado trabalham juntos e integrados em busca do bem coletivo, a gestão deve ser adaptável no tempo e preparada para evoluir conforme as necessidades da comunidade.

Esses são os princípios que nos guiam enquanto construímos um futuro sustentável para todos. Juntos, moldamos não apenas cidades, mas comunidades prósperas e resilientes, nas quais cada voz é ouvida e cada indivíduo é valorizado.

Assim, uma ação de **civis sustentáveis** não apenas visa à autossuficiência do sistema urbano-rural como também promove uma cultura consciente, ética e responsável em todas as suas atividades e decisões.

Civis sustentáveis ou inteligentes?

Outra questão necessária de abordar é a diferença entre **sociedades sustentáveis e inteligentes**, sempre em termos de nos aproximar da compreensão do conceito que mobiliza este capítulo do livro: Civis Conscientes e integradas.

Trata-se de dois conceitos que são frequentemente confundidos.

Ao falar de **civis sustentáveis**, aborda-se o **sistema integral** de um coletivo social, considerando sua estrutura integral e cada um de seus subsistemas, que devem funcionar de maneira autossuficiente. Por outro lado, quando falamos de **civis inteligentes**, estamos nos referindo à introdução de soluções tecnológicas que os sistemas digitais oferecem. Isso visa aprimorar a compreensão dos cenários urbanos e rurais, facilitando a tomada de decisões estratégicas. Por exemplo, medições climáticas, qualidade do ar, monitoramento da vegetação, gestão de resíduos e monitoramento dos recursos hídricos.

Portanto, podemos considerar os **sistemas inteligentes como aliados no caminho em direção à sustentabilidade**. Eles oferecem ferramentas que podem contribuir para práticas mais sustentáveis, embora não garantam sucesso absoluto. Nesse contexto, deveríamos incluir os indicadores conhecidos pela sigla ESG (*Environmental, Social, Governance*), focados em índices que medem questões de caráter ambiental, social e de governança, preferencialmente no monitoramento de empresas.

Quando confrontado o termo “inteligente”, surge outra provocação: existem cidades “burras”? Ao afirmar que um caminho alternativo seria civis inteligentes, dever-se-ia reconhecer que existe o outro extremo, certo?

No entanto, nenhuma sociedade aspira a ser qualificada dessa maneira. É preferível abordar as **cidades e seus habitantes em termos de suas diferentes capacidades, potenciais e habilidades**. O segredo está em explorar esses caminhos como uma forma de contribuir para a prática da sustentabilidade integral.

Desafios e oportunidades, rumo a Civis Conscientes da sustentabilidade

O maior obstáculo que enfrentamos na busca pela sustentabilidade é a tendência de tratar apenas dos sintomas, sem **abordar as causas subjacentes da insustentabilidade urbana**. Por exemplo, no contexto da mobilidade, não basta investir em infraestrutura de

transporte, devemos reduzir a própria necessidade de deslocamento das pessoas. Isso significa promover centros urbanos autossuficientes, em que trabalho, estudo, lazer e residência estejam interligados, reduzindo, assim, congestionamentos e deslocamentos desnecessários.

A **expansão urbana descontrolada** é outro desafio crucial que enfrentamos, ameaçando áreas rurais e seus valores paisagísticos, culturais e produtivos. Para garantir um desenvolvimento integral e sustentável, é essencial uma **gestão consciente** do solo urbano e rural.

Para enfrentar esses desafios, precisamos colaborar estreitamente com as comunidades, promovendo conscientização e engajamento. Processos participativos de desenvolvimento podem articular diferentes interesses e encontrar consensos para uma gestão mais sustentável do território e suas sociedades.

Além disso, é imperativo estabelecer uma **agenda estratégica** de longo prazo para orientar o desenvolvimento sustentável. Isso requer um modelo de gestão integrada, envolvendo parcerias entre o setor público (prefeituras) e privado (empresas, empreendedores, organizações civis, produtores rurais) para tomar decisões que considerem aspectos urbanísticos, produtivos, socioculturais e ambientais.

Um sistema de monitoramento contínuo, baseado nessa abordagem consciente, é essencial para avaliar o progresso e ajustar as estratégias conforme necessário. Somente por meio de uma abordagem integrada associativamente e holística podemos esperar criar comunidades verdadeiramente sustentáveis para as gerações futuras.

Políticas públicas conscientes para Civis Conscientes?

As **políticas públicas** desempenham um papel crucial na promoção de sociedades sustentáveis, garantindo equidade social, cuidado ambiental e uma economia ética.

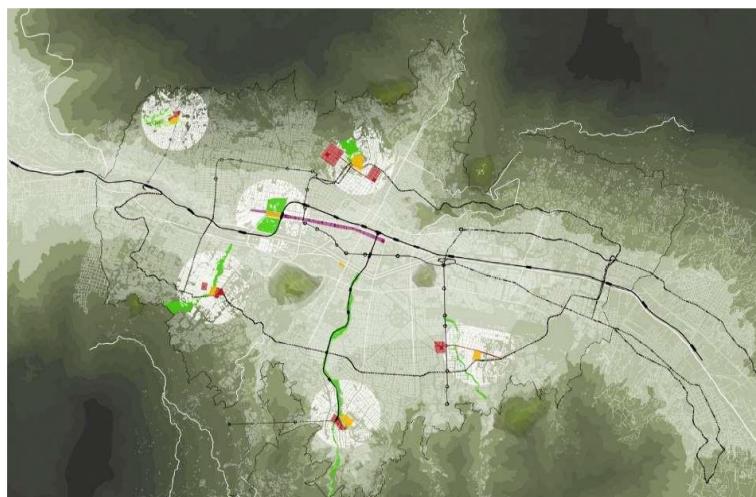
No entanto, essa abordagem não deve ser uma responsabilidade exclusiva do Poder Público.

É fundamental estabelecer estratégias colaborativas entre o governo e a sociedade civil, incluindo empresários, organizações não governamentais e educadores. Uma abordagem eficaz para promover a sustentabilidade integral requer um entendimento holístico do território, tanto público como privado, e espaços de gestão articulados que

permitam a participação consciente e responsável de todos os setores da sociedade na tomada de decisões.

Em todo o mundo, vemos **exemplos inspiradores** de cidades que implementaram políticas bem-sucedidas para promover a sustentabilidade urbana. Um desses exemplos é **Medellín, na Colômbia**, em que a Empresa de Desenvolvimento Urbano adotou uma abordagem inclusiva, envolvendo diversos setores da sociedade na formulação de políticas públicas. Isso resultou em iniciativas inovadoras de mobilidade, como o sistema de metrô aéreo e metrô de superfície, além de estratégias integradas de educação e gestão comunitária, exemplificadas pelas Bibliotecas Parque.

Esses exemplos mostram que o sucesso na promoção da sustentabilidade não é apenas possível, mas tangível, quando governo, sociedade civil e setor privado colaboram de maneira transparente e comprometida. Ao celebrarmos essas histórias de sucesso, inspiramo-nos a continuar trabalhando juntos na construção de um futuro mais sustentável e inclusivo para todos.



Mapa 8 — Medellín, a mais educada (Bibliotecas Parque)

Fonte: Prefeitura Medellín, 2015.



Foto 36 — Medellín (Metrô Cabo)

Fonte: Prefeitura Medellín, 2015.

Outro exemplo inspirador é a **Fundação Malecon 2000 em Guayaquil**, Equador, uma entidade de gestão privada com monitoramento público que revitalizou a orla do rio Guayaquil e a área central da cidade, criando espaços públicos vibrantes e acessíveis para os cidadãos desfrutarem.

Curitiba, no Brasil, também é um modelo de sucesso em políticas ambientais, com uma série de iniciativas sustentáveis que incluem parques urbanos, sistemas de mobilidade articulados e eficientes e gestão eficaz de resíduos. Essas conquistas são resultado do trabalho incansável do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, que lidera esforços inovadores para melhorar a qualidade de vida dos moradores e proteger o meio ambiente.

Esses exemplos ressaltam a importância da colaboração entre diferentes atores, públicos e privados, na busca por soluções criativas e eficazes para os desafios urbanos.



Fotos 37 e 38 — Malecon 2000 (Orla do rio Guayaquil), Guayaquil, Equador

Fonte: Fundação Malecon 2000.



Fotos 39 e 40 — Malecon 2000 (Revitalização da área histórica), Guayaquil, Equador

Fonte: Fundação Malecon 2000.

Além dos exemplos inspiradores da América Latina, sociedades em outros continentes também estão liderando iniciativas de sucesso na busca pela sustentabilidade urbana. Nos países nórdicos, como Dinamarca e Finlândia, o foco está no equilíbrio entre o ambiente e as relações humanas, resultando em cidades conhecidas por sua qualidade de vida e conexão com a natureza.

Londres e Hong Kong destacam-se como centros globais de conhecimento, impulsionando a inovação e o progresso em diversas áreas. Frankfurt é reconhecida pela sua sólida estrutura organizacional, enquanto Roma projeta sua influência cultural e histórica para além de suas fronteiras. Retornando ao Continente Americano, temos a cidade de La Plata, na Argentina, que busca preservar e promover seu patrimônio urbano único.

Um caso particularmente fascinante é a Reserva da Biosfera de Urdaibai, no País Basco, que adota uma abordagem holística e integrada, inspirada no próprio ecossistema natural. Essa iniciativa exemplifica como é possível harmonizar o desenvolvimento humano com a preservação ambiental, criando comunidades sustentáveis e resilientes.

Esses exemplos globais mostram que não há uma abordagem única para alcançar a sustentabilidade urbana. Cada região do mundo adapta-se às suas próprias necessidades e recursos, oferecendo lições valiosas e inspirando-nos a explorar novas maneiras de construir um futuro mais sustentável para todos.

A seguir, partilham-se imagens representativas desse caso do norte da Espanha, no qual a cultura rural, a produção e a paisagem dialogam e se integram de maneira articulada em uma convivência consciente da significância dos valores identitários desse lugar.



Fotos 41 e 42 — Reserva de Biosfera de Urdaibai, País Basco, Espanha

Fonte: Universidade do País Basco.

À vista de tudo disso, é conveniente nos deter um instante para dar ênfase a esses casos do norte da Europa.

O estado de “felicidade” é garantia de sociedade próspera?

Em 2024, pelo sétimo ano consecutivo, a **Finlândia** foi eleita o país mais feliz do mundo, de acordo com o Relatório Global sobre Felicidade publicado pela Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável da ONU (**SDSN**). Essa classificação vai além do simples Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* e se baseia em seis fatores determinantes: **expectativa de vida saudável, liberdade, apoio social, generosidade, percepção da corrupção e bem-estar emocional**.

Esses elementos refletem não apenas o sucesso econômico, mas também os valores éticos de respeito pela diversidade e coesão social.

Países como Finlândia, Dinamarca, Islândia, Suécia e Noruega são lembrados como exemplos de sociedades felizes e sustentáveis. Seu destaque não está apenas nos indicadores econômicos, mas também na capacidade de construir comunidades justas e equitativas. Valores como equidade, solidariedade e consciência ambiental são fundamentais nessas nações nórdicas, em que o bem-estar coletivo é tão valorizado quanto o sucesso individual.

Um provérbio finlandês central resume essa abordagem:

A felicidade é um lugar que fica entre o pouco e o excessivo.

Essa filosofia reflete o compromisso dessas sociedades em reduzir as desigualdades sociais e encontrar um equilíbrio saudável entre as necessidades individuais e coletivas.

Então, **por que essas sociedades nórdicas são reconhecidas entre as mais felizes do mundo?** Aristóteles já dizia que a finalidade da vida era a felicidade, ou seja, a “*Eudaimonia*”, procurar e conseguir a ética da felicidade através de ouvir e aprender com os sábios pensadores. Isso era ter, nessa época grega, uma vida digna, um sentido de justiça.

Por isso, quando se referencia ao sucesso das sociedades nórdicas, o segredo por trás se remonta aos tempos dos vikings, quando enfrentavam desafios extremos de clima e geografia. A necessidade de cooperação e adaptação moldou sua cultura, tornando-as resilientes e abertas à diversidade e novas culturas.

Hoje, essas sociedades são exemplos de sistemas capitalistas que priorizam como razão de ser o bem-estar social, ambiental e ético em sua constituição como Estado.

Em muitos aspectos, essas sociedades nórdicas estão em sintonia com os princípios de alguns movimentos internacionais inspirados em valores éticos em prol do bem coletivo dos ecossistemas (culturais e naturais).

Nesse sentido, fazendo um parêntese, poder-se-ia destacar movimentos ou grupos contemporâneos de perfil empresarial, como o denominado **capitalismo consciente**, que coloca o **propósito coletivo** acima do lucro individual e trabalha na formação de líderes para uma nova cultura consciente nas sociedades e cidades; ou também o movimento global empresarial que prega a **economia do bem comum**, a partir de entender que toda iniciativa de desenvolvimento deve ter uma abordagem integral, não apenas econômica, senão também social, ambiental e institucional.



Figura 10 — Capa da Revista Zine Consciente nº 79, Cidades Sustentáveis

Fonte: Capitalismo Consciente Brasil.

Em consequência e retomando o raciocínio, essas sociedades entendem que o verdadeiro progresso não é medido apenas em termos econômicos, mas também em termos de vida qualificada e bem-estar comunitário: **uma nova formação ética para a evolução civilizatória!**

Enquanto enfrentamos desafios globais como a crise climática e as migrações em larga escala, torna-se evidente que precisamos de uma abordagem mais consciente, humanista e solidária.

A ideia de **Civis Conscientes** surge como um possível caminho para isso, promovendo uma **cultura consciente**, incentivando **lideranças comprometidas** com o bem-estar e o cuidado dos ecossistemas sociais e ambientais, buscando um desenvolvimento integral dos territórios e das sociedades: **uma escola da confiança inspirada nos saberes da própria vida e da mãe terra.**

Portanto, as sociedades mais felizes do mundo nos lembram da importância de priorizar o cuidado com o ambiente, promover relações humanas baseadas no diálogo e na colaboração e cultivar uma mentalidade de resiliência e sensibilidade social.

Esses modelos de **prosperidade e felicidade** oferecem um caminho para que as sociedades não apenas sobrevivam, mas prosperem ao longo do tempo, abrindo-se ao mundo a partir de um sistema de autonomias e de estimulação para a evolução coletiva do ser humano.

Assim, **Civis Conscientes** têm o potencial de universalizar uma cultura consciente, inspirada na prática da sustentabilidade, para enfrentar os desafios do século XXI e estabelecer as condições para uma prosperidade socialmente equitativa. Em essência, é uma chamada para a ação em prol de um futuro mais justo e sustentável para todos.

A partir de nossa transformação como sociedade, o desafio será transitar essa caminhada evolutiva de maneira coletiva!

Todos esses exemplos mostram que a sustentabilidade de um lugar está intimamente ligada à integração territorial e à estratégia de associatividade funcional de conectividades e relações.

O futuro de Civis Conscientes: sustentabilidade e integração?

A sustentabilidade não é um objetivo final, mas sim uma prática contínua e uma cultura consciente. No entanto, estamos diante de desafios perturbadores que ameaçam nossos territórios e colocam as sociedades em um estado de emergência emocional. Fatores como desastres ambientais, migrações desordenadas e isolamento territorial podem levar a crises sociais e econômicas. Diante disso, algumas premissas essenciais devem ser consideradas para promover a resiliência e sustentabilidade de Civis Conscientes:

- ✓ **inspirar-se na vocação do lugar**, sendo importante entender e valorizar a identidade genuína de cada território, cultural e paisagística;
- ✓ **abordar a diversidade de escalas**, pois devemos considerar tanto os aspectos globais quanto os locais ao promover o desenvolvimento de um lugar;
- ✓ **entender a paisagem como um sistema cultural**, para integrar aspectos socioeconômicos e naturais, agregando valor à relação entre sociedade e meio ambiente;
- ✓ **promover uma linguagem consciente**, porque uma comunicação eficaz e inclusiva é fundamental para o engajamento da comunidade e a construção de consenso;

- ✓ **formar lideranças conscientes**, visto que líderes empresariais, sociais e políticos devem promover uma cultura de diálogo, colaboração e responsabilidade, rumo a uma economia regenerativa;
- ✓ **aprender a transitar na complexidade com resiliência** e desenvolver capacidades superadoras para lidar com mudanças e desafios.

Portanto, **o caminho consciente para a sustentabilidade das sociedades (civis)** é concentrar-se na construção de **sensibilidade social e resiliência coletiva e individual**.

Isso requer uma governança eficaz e uma cultura de diálogo e integração, além de investimentos em educação, tecnologia e capacidades adaptativas.

A resiliência é mais importante do que o legado e emerge como um atributo essencial para enfrentar os desafios do futuro, destacando a importância do conhecimento e da tecnologia como pilares fundamentais para garantir um mundo mais sustentável e equitativo.

Será possível uma prática consciente da sustentabilidade nas civis?

A seguir, o argentino Maximiliano Scarlan nos ajudará a devanear sobre esses aspectos tão desafiadores para o futuro das sociedades e seus territórios.

Prática consciente para uma vida em sustentabilidade das civis: a esperança do possível a partir do novo cenário e o futuro das cidades

Pelo Lic. em Economia Maximiliano Scarlan

Diretor do Grupo Utopia Urbana

e-mail: mscarlan@utopiaurbana.city

A partir do que é proposto neste documento, é relevante discutir os desafios e as transformações atuais que as cidades enfrentam devido às mudanças tecnológicas, sociais e ambientais. Nesse contexto, é crucial adaptar-se a um novo paradigma de desenvolvimento urbano sustentável e inteligente para garantir uma melhor qualidade de vida para os cidadãos.

Estas reflexões pretendem abordar vários tópicos-chave, incluindo a crescente preocupação com as mudanças climáticas, a aceleração tecnológica e o surgimento de uma nova consciência social.

Com base no que foi manifestado, também será oportuno nos questionarmos sobre quais são as tendências atuais nas cidades e a necessidade de uma nova abordagem para a gestão urbana, encerrando com a apresentação de alguns exemplos de cidades que estão liderando essas transformações.

Estamos diante de um “novo mundo”?

As rápidas e crescentes transformações na vida humana têm gerado diversas questões: a humanidade e o planeta estão em perigo? As cidades são parte do problema ou da solução? Como enfrentar os desafios crescentes da sociedade?

Nos últimos 200 anos, a humanidade passou por várias revoluções tecnológicas: mecanização, eletricidade, informática, digitalização e, atualmente, Inteligência Artificial (IA) e robótica. Essas mudanças moldaram uma nova cultura centrada no consumismo e na tecnologia, impactando a dinâmica das cidades e a qualidade de vida. Hoje, mais de 55% da população mundial vive em áreas urbanas, e esse número pode chegar a 70% em 2050. Nas cidades, consome-se dois terços da energia mundial e gera-se mais de 70% dos gases de efeito estufa, tornando crucial a ação urbana para o futuro do planeta.

Transformações globais e o Antropoceno

Estamos vivendo uma era chamada Antropoceno, na qual a espécie humana se tornou uma força motriz de mudanças planetárias em um curto período. Nos últimos 200 anos, revoluções tecnológicas transformaram a sociedade, do vapor à Inteligência Artificial (IA) e robótica, promovendo uma nova cultura de consumismo e tecnologia que impactou a forma de vida e a dinâmica das cidades, com efeitos tanto positivos como negativos na qualidade de vida.

Rumo a uma nova cidade?

A partir das tendências estruturais, surgem três grandes desafios atuais:

- **preocupação com a mudança climática** — sem mudanças nas políticas atuais, a temperatura global pode aumentar em 2,7°C até o ano de 2100, é imperativo seguir

a Agenda 2030, com objetivos de descarbonização até 2050, e buscar os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS);

- **aceleração tecnológica e impactos** — inovações disruptivas como 5G, *big data*, realidade virtual e IA criam novos desafios e oportunidades, com destaque para a IA generativa, que gera incertezas éticas e legais;
- **nova consciência social** — as gerações mais jovens (33% da população) estão adotando novos hábitos e preferências, alinhados às necessidades globais.

Essas tendências exigem um novo enfoque para a gestão urbana, baseado em consciência coletiva, participação cidadã, sustentabilidade e uso da tecnologia. Para avançar com sucesso, é necessário considerar seis eixos inter-relacionados em prol de uma proposta de cidade sustentável, inteligente e inclusiva:

- **ambiente** — estratégias públicas e privadas devem promover cidades verdes, com gestão eficiente de resíduos, economia circular, eficiência energética, uso sustentável de recursos naturais e resiliência urbana;
- **governança** — gestão ágil e transparente, com participação cidadã nas decisões-chave (governo aberto);
- **mobilidade** — foco em transporte sustentável e conectado, impulsionando eletromobilidade e transporte público eficiente e acessível;
- **território e desenvolvimento** — novo debate sobre desenvolvimento urbano sustentável, combinando conceitos inovadores (como, por exemplo, “cidade dos 15 minutos”) e tecnologia aplicada;
- **integração social** — garantir inclusão, equidade e diversidade em todos os aspectos da vida urbana (educação, trabalho, saúde e segurança);
- **tecnologia** — digitalização, conectividade e gestão de dados são cruciais, com o uso adequado de tecnologias disruptivas (IA e *big data*) para otimizar a gestão urbana.

Nessa busca por cidades com comunidades mais integradas em condições mais sustentáveis e habitáveis, é estratégico promover uma forte articulação e consenso entre os principais atores urbanos: governos, sociedade civil, setor privado (empresas, empreendimentos, entre outros) e academia, orientando a um novo perfil de desenvolvimento.

Essa lógica inclui o impulso das “novas economias” na “futura sociedade urbana”, como a Economia Circular (EC), a Economia do Bem Comum (EBC), as Economias Colaborativas, a Economia Laranja, a Economia Azul e até as Empresas B.

Exemplos de cidades pioneiras

Para encerrar, e apenas a título de referência, apresentamos algumas cidades ao redor do mundo que estão adotando novas lógicas de gestão para se tornarem mais sustentáveis e inteligentes.

- ✓ **Singapura:** Cidade-Estado que combina sustentabilidade com tecnologia, destacando-se em *rankings* globais. Utiliza sensores para monitorar energia, resíduos e água, além de promover a eletromobilidade e a IA em serviços públicos.
- ✓ **Oslo:** Destaca-se como líder em economia circular e políticas ambientais, construindo o primeiro edifício com zero emissões. Lidera *rankings* de cidades em sustentabilidade e qualidade de vida.
- ✓ **Zurique:** Destaque em sustentabilidade e inovação, liderando diversos *rankings* em termos de políticas de mobilidade inteligente e gestão pública avançada.

As cidades precisam ser os motores da transformação sustentável, centrada no cidadão e no meio ambiente. É essencial que haja um esforço conjunto da sociedade em prol de uma cultura local sustentável que adote uma visão integral, garantindo equidade e uma identidade local. O *ranking* de cidades (IMD) pode servir como um indicador da eficácia dessa transformação.



Foto 43 — Maximiliano Scarlan, diretor da Utopia Urbana
Fonte: Arquivo pessoal de Maximiliano.

AS NOVAS DIRETRIZES PARA UMA VIDA COLETIVA CONSCIENTE

CAPÍTULO IV

Por Daniel Caporale
Reflexões finais por Dóris Baldissera

CAPÍTULO IV

As novas diretrizes para a universalização de uma vida coletiva íntegra e consciente

Palavras-chave:

Vida coletiva consciente — comunidade integrada — cultura cidadã consciente

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale

Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente

e-mail: danielcapo56@gmail.com

Neste segmento do livro, estamos diante de uma oportunidade única de explorar o conceito de “**Civis Conscientes**”, especialmente no contexto da urbanização, ressaltando a importância dos contextos sociais e sua interação com um propósito coletivo integrador.

Imagine-se imerso em uma paisagem em que cada elemento ecoa uma economia consciente, uma sociedade solidária em harmonia com sua matriz natural e cultural, tudo isso guiado por uma governança participativa e integrada entre o público e o privado.

Já discutimos em capítulos anteriores a crucial participação de **líderes conscientes** em qualquer empreendimento criativo, pois são eles os verdadeiros catalisadores da transformação, os guardiões da sustentabilidade, são os **coautores** que garantem a sustentabilidade socioinstitucional ao longo do tempo.

Partindo desse ponto de vista, uma **comunidade unida**, comprometida com o bem-estar coletivo, começa a forjar uma nova **cultura cidadã** inspirada em uma nova ética para a vida coletiva de práticas sustentáveis e integrais.

Em essência, estamos diante de uma nova maneira de conceber e construir os espaços coletivos da cidade — a **urbanização**, a tessitura cuidadosa e articulada do tecido social dos civis.

Nesse contexto, apresentam-se os princípios orientadores que dão vida a esse novo conceito, visando à sua aplicação concreta em contextos diversos, em prol de uma vida coletiva mais rica e integrada para o desenvolvimento de Civis Conscientes:

- ✓ **integração territorial** para um desenvolvimento sustentável, incentivando a associação e colaboração produtiva e social entre as centralidades de uma região;
- ✓ **cuidado da qualidade ambiental e paisagística** para garantir a sustentabilidade, reconhecendo a interdependência entre produção, paisagem e cultura;

- ✓ **promoção de uma economia consciente regenerativa e uma cultura patrimonial identitária**, visando a um desenvolvimento direcionado e seletivo, resiliente e tecnocriativo;
- ✓ **desenvolvimento de uma cultura educadora**, fundamentada na sustentabilidade, no conhecimento e nas parcerias público-privadas — uma educação para a ética da vida coletiva;
- ✓ **criação de civis voltadas para os habitantes**, buscando um desenvolvimento humanizado e equitativo;
- ✓ **investimento em mobilidade sustentável, acessibilidade e logística** para promover a competitividade, incentivando a integração, concentração espacial e descentralização de serviços;
- ✓ **implementação de propostas icônicas** inspiradas na vocação do território, com iniciativas estratégicas e integradas;
- ✓ **estabelecimento de uma governança e gestão integrada**, fomentando uma nova cultura de mecanismos interinstitucionais.

Essas ideias mobilizadoras constroem consciência e oferecem respostas tangíveis às aspirações reais de uma comunidade, beneficiando o desenvolvimento de um **ecossistema** mais integral e justo para todos os envolvidos.

Nesse contexto, é crucial ressaltar o papel vital desempenhado pelos líderes conscientes na proposição de novas iniciativas integradoras, que redefinem o significado do coletivo em uma sociedade.

Estamos diante de um modelo de desenvolvimento integral que se destaca por sua abordagem holística, que considera aspectos sociais, econômicos, ambientais e de gestão *de forma integrada*. O objetivo é promover um desenvolvimento abrangente e sustentável que não apenas leve em conta os desafios específicos enfrentados por uma sociedade em um determinado contexto, mas também aspire a criar comunidades mais prósperas, inclusivas e sustentáveis em todas as suas dimensões. Em suma, esse modelo integrado não apenas busca resolver problemas imediatos, mas também construir um futuro melhor para todos, no qual o bem-estar coletivo e a harmonia com o meio ambiente são prioridades fundamentais.

Experiências inspiradoras para uma vida coletiva identitária das Civis Conscientes

A prática real da sustentabilidade em civis impacta significativamente os aspectos sociais e os econômicos. No entanto, é crucial assegurar que essas decisões não deixem ninguém para trás e promovam a inclusão social e econômica.

Quando estabelecemos diretrizes de longo prazo para o desenvolvimento sustentável, a implementação de políticas públicas alinhadas com uma cultura sustentável deve ser uma parte fundamental da estratégia de qualquer lugar. Para garantir que essas diretrizes não apenas sejam implementadas, mas também tenham um impacto positivo, real e direto, é essencial obter consenso entre todos os interesses da sociedade.

Devemos ter em mente que os resultados concretos dessas ações podem levar tempo para se manifestar, muitas vezes até cerca de 10 anos. No entanto, é necessário estabelecer um sistema de compensações entre áreas de maior qualidade e aquelas com maiores necessidades, a fim de reduzir as desigualdades sociais e urbanas.

Isso implica tomar decisões conscientes em bairros mais carentes, compensando as potencialidades ecológicas e culturais das áreas mais qualificadas da cidade. Esse direcionamento não deve ser apenas socioeconômico, mas estabelecer prioridades diferenciais e qualidades compensatórias que contribuam para a sustentabilidade como um todo.

As diretrizes públicas desse tipo requerem mecanismos integradores e formas inovadoras de gestão participativa para garantir sua continuidade e monitoramento ao longo do tempo. Isso reflete uma nova cultura consciente da importância da prática da sustentabilidade em civis, com o objetivo de **cuidar da vida coletiva em nosso planeta Terra**.



Figuras 11 e 12 — Século XXI, novo cenário

Fonte: SG C.C.C.

Com base nos grandes alinhamentos descritos anteriormente, vamos explorar cada um deles por meio de exemplos concretos, rumo à construção de Civis Conscientes.

Integração territorial no novo cenário global

Para ser **competitivo** no atual cenário global, é preciso uma estratégia integrada para a região que une o ecossistema natural, representado pela *paisagem* e pela *ecologia*, ao ecossistema cultural, incluindo *produção* e *identidade*. A criatividade é o fator que torna um lugar competitivo, não apenas sua localização. Portanto, é crucial estabelecer um sistema de compensações entre cada comunidade, equilibrando os aspectos naturais da paisagem com os aspectos culturais e econômicos.

Um exemplo inspirador é o Parque Nacional das Cinque Terre, na Itália, um verdadeiro modelo de integração, composto por cinco povoados organizados em torno da preservação e promoção da cultura vitivinícola. O Estado italiano estabeleceu esse parque nacional para revitalizar a tradição vitivinícola da região, e hoje, graças a inovações tecnológicas, as *Cinque Terre* são reconhecidas como uma das áreas de produção vinícola de melhor qualidade em todo o país.



Foto 44 — Parque das Cinco Terras, Itália

Fonte: Vernazza ([20--]).

Qualidade ambiental, patrimonial e paisagística para a sustentabilidade

Para tornar os lugares **mais atrativos**, é fundamental associar produção, cultura e paisagem. Isso requer processos contínuos, criativos e participativos, inspirados na herança da matriz ecológica e nas memórias sociais, visando construir lugares com uma identidade paisagística distinta.

O objetivo é gerar urbanidade na ruralidade, criando espaços para uma vida coletiva e social de qualidade e ruralidade na urbanidade, desenvolvendo corredores e conectores de infraestrutura verde em civis.

Um exemplo inspirador é o processo criativo de Estância Velha 2050, que delinea novos perfis espaciais e contínuos, enriquecidos com infraestrutura verde para promover a integração entre o social e o natural.

Além disso, vale ressaltar o caso de Florianópolis e suas áreas de grande valor ecossistêmico na Ilha de Santa Catarina. Nessa região, a convivência entre o social e a paisagem é exemplar, demonstrando como é possível integrar a **preservação ambiental com o desenvolvimento urbano de forma harmoniosa e sustentável**.



Foto 45 — Novo perfil para a Avenida Brasil, Estância 360°

Fonte: Relatório Final Estância 360° SG C.C.C./VB
Solution.



Foto 46 — Vila na Ilha de Santa Catarina

Fonte: Manuel ([20--]).

Economia consciente e cultura patrimonial identitária

Para ter um **modelo de desenvolvimento consciente da sustentabilidade**, é preciso ser compatível com a matriz ecológica e o patrimônio cultural do lugar, honrando tanto a natureza como a sociedade. Nesse contexto, o desenvolvimento seletivo e a capacidade de resiliência com sensibilidade social têm mais importância do que o legado em si.

É fundamental reconhecer que os conhecimentos e a tecnologia são mais importantes do que os recursos disponíveis. Portanto, a **tecnologia** do saber desempenha um papel crucial na compreensão das dinâmicas de civis e na criação de soluções sustentáveis para as sociedades.

No entanto, para alcançar uma verdadeira inovação, as comunidades devem explorar suas **capacidades criativas** e entender o valor agregado dos ecossistemas locais. Isso pode conduzir a uma abordagem inovadora e diferenciada, focada em alta conectividade, oferta diferenciada de espaços urbanos e lideranças público-privadas conscientes do novo cenário.

Algumas tecnologias emergentes com potencial para transformar o cenário de civis incluem sistemas de priorização para investimentos estratégicos, tecnologia e capital in-

telectual local, produção imobiliária inteligente associada às potencialidades do território e intervenções inovadoras que refletem a verdadeira **vocação do território**.

Exemplos notáveis incluem o modelo produtivo das *Cinque Terre*, que incorpora inovação tecnológica acompanhada de capacitação para reativar o sistema de produção vitivinícola, tornando-se um exemplo de produtividade consciente integrada à matriz ecológica e à cultura ancestral no manejo do território.

Outro exemplo é a valorização da área patrimonial da cultura germânica na cidade de Estância Velha, RS, Brasil, que integra a cultura identitária para gerar uma economia consciente.

Por último, o Sapiens Park em Florianópolis também exemplifica o desenvolvimento rumo a uma prática consciente e sustentável. Esse parque mostra uma abordagem integral nos aspectos ecológicos e de negócios sustentáveis, ambos dialogando com o conhecimento e a tecnologia.



Foto 47 — Caminho Germânico em Estância Velha, RS, Brasil

Fonte: Relatório Final Estância 360° — SG C.C.C./VB Solution.



Foto 48 — *Sapiens Park*, Ilha de Santa Catarina, Brasil
Fonte: Cepa Consultora, Arg.



Foto 49 — Trilha Eco produtiva, *Cinque Terre*, Itália
Fonte: Cepa Consultora, Arg.

Cultura educadora para a sustentabilidade

Para estar **em sintonia com o mundo**, é notório adotar estratégias e ações concretas que estejam alinhadas com os novos paradigmas emergentes do cenário global, mas com um foco específico no desenvolvimento local e microrregional, destacando a importância da consciência social do bem coletivo.

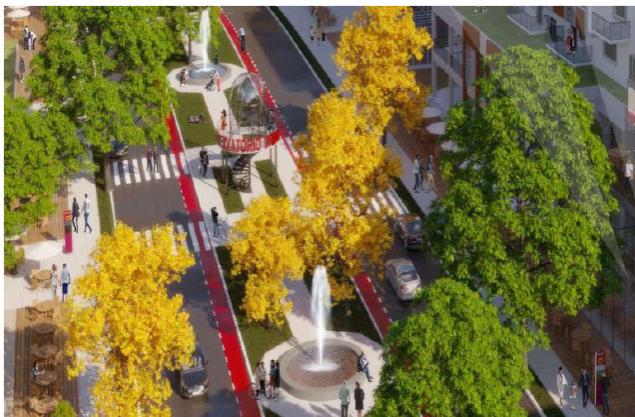
Uma educação voltada para a cultura da sustentabilidade desempenha um papel fundamental nesse processo, fortalecendo a identidade local, promovendo o conhecimento aplicado e despertando a consciência do valor da vida coletiva. Isso deve ocorrer dentro de um contexto de governança baseada em parcerias público-privadas.

A participação ativa da comunidade é essencial para o sucesso dos processos de desenvolvimento sustentável. Isso requer métodos que permitam a integração e colaboração dos setores-chave na construção de civis. É necessário um esforço coletivo e associativo que integre conhecimentos diversos — seja produtivo, técnico, cotidiano ou de gestão pública — para uma abordagem mais holística e inclusiva.

Uma estratégia eficaz para envolver os cidadãos nesse processo seria estabelecer uma nova forma de gestão, através de um órgão representativo dos interesses da sociedade que atue como mediador entre os administradores municipais e a sociedade civil organizada, facilitando a tomada de decisões conscientes em prol de civis.

As cidades têm a capacidade de se comunicar por intermédio de seus espaços públicos, que podem se tornar ambientes educativos para a sustentabilidade. A colaboração entre o **Poder Público** e a **comunidade** pode ser o caminho para soluções concretas em uma gestão verdadeiramente ética e responsável do desenvolvimento urbano.

Um exemplo notável é a iniciativa do novo Polo Digital na cidade de Estância Velha, RS, Brasil, que visa revitalizar antigos galpões de curtumes para transformá-los em espaços para negócios sustentáveis e conscientes, promovendo a gestão cooperativa e a cultura cidadã e coletiva, além do diálogo entre **tecnologia** e **arte** em espaços criativos. Da mesma forma, as Bibliotecas Parque na cidade de Medellín, na Colômbia, transformaram-se em grandes centros de cultura, arte e cidadania para todas as comunidades periféricas, valorizando esses novos espaços como atrações turísticas que contribuem para o desenvolvimento de civis.



Fotos 50 e 51 — Novos espaços educadores em Estância Velha, RS, Brasil

Fonte: Relatório Final Estância 360° — SG C.C.C./VB Solution.



Foto 52 — Biblioteca Espanha, Medellín, Colômbia

Fonte: Prefeitura de Medellín.

Civis para os habitantes, mais atrativos para os visitantes

Para que as **civis** sejam reconhecidas como um destino ideal para uma **vida de qualidade para viver bem**, é fundamental promover um desenvolvimento humanizado que reduza as assimetrias sociais e territoriais, buscando uma estratégia equitativa de distribuição de serviços culturais, econômicos e socioambientais.

Os Centros de Convivência nos bairros surgem como uma proposta multifacetada para atender às necessidades das comunidades mais carentes, oferecendo lazer, educação, saúde, cultura e oportunidades de encontro social em um único local. Iniciativas como a proposta para Estância Velha, RS, e outros lugares, como na Província de Chubut, Argentina, exemplificam esse esforço em promover **Civis Conscientes**.

O mesmo princípio pode ser observado nos centros educativos e culturais da cidade de Medellín, na Colômbia, e nos Faróis da Sabedoria em Curitiba, PR, Brasil. Todos esses casos destacam a importância de compreender civis como destinos que proporcionam uma vida de qualidade para viver bem, focando na dinâmica cultural e no bem-estar coletivo.

Essas iniciativas visam criar espaços inclusivos que atendam às necessidades variadas das comunidades, promovendo uma verdadeira **integração social e cultural**.



Foto 53 — Centro de convivência em Estânci Velha, RS, Brasil

Fonte: Relatório Final Estânci 360° — SG C.C.C./VB Solution.



Foto 54 — Espaços sociais em Medellín, Colômbia

Fonte: Prefeitura de Medelín.

Civis acessíveis e integradas para a conectividade identitária e a competitividade

Para que as **civis** sejam verdadeiramente **acessíveis**, é essencial desenvolver uma infraestrutura e logística de mobilidade integrada e equitativa. Isso envolve promover a competitividade por meio do entendimento da cultura da associatividade, buscando uma concentração de ocupação e descentralização de serviços e usos para favorecer a proximidade e reduzir a necessidade de deslocamentos, facilitando, assim, o movimento de pessoas e cargas de forma coletiva.

Essa abordagem permite que os fractais identitários e patrimoniais conectados reconstruam os contextos e, consequentemente, as paisagens urbanas.

Um exemplo é o Centro Histórico de Cartagena de Índias, que se destaca como um espaço compacto com uma variedade de atividades multifacetadas que coexistem com o uso residencial, conectado de maneira acessível ao resto da cidade. Da mesma forma, o novo Portal de Ingresso proposto para a cidade de Estância Velha, RS, Brasil, apresenta uma estratégia de acessibilidade integral para todos que desejam chegar à cidade. Essas iniciativas demonstram como uma abordagem integrada à mobilidade pode transformar civis em lugares mais inclusivos e acessíveis para todos.



Fotos 55 e 56 — Centro Histórico de Cartagena de Índias, Colômbia

Fonte: Arquivo pessoal D.C.



Fotos 57 e 58 — Portal de Estância Velha, RS, Brasil

Fonte: Relatório Final Estância 360° — SG C.C.C./VB Solution.

Propostas icônicas para Civis Conscientes inspiradas na vocação do território

Para infundir uma nova vida à **vocação das civis**, é fundamental implementar iniciativas estratégicas, identitárias e integradas de maneira consciente, que se baseiem em ativadores econômicos e atratores socioculturais de alcance duradouro. Essas propostas devem ser desenvolvidas por meio de parcerias público-privadas que liderem esses processos de forma responsável e consciente, visando consolidar os valores identitários de um local.

Um exemplo claro desse tipo de abordagem pode ser visto em Estância Velha, especialmente com o novo espaço público Canto União e a Cápsula do Tempo. Essas iniciativas representam uma tentativa de ressignificar as civis, criando novas referências memoráveis para uma sociedade em constante transformação. Ambos os projetos se destacam como exemplos identitários que contribuem para a construção de novos marcos referenciais do que significa ser Civis Conscientes.



Fotos 59 e 60 — Portal de Estância Velha, RS, Brasil (Cápsula do Tempo/Ilha Pedestre Canto União)

Fonte: Relatório Final Estância 360° — SG C.C.C./VB Solution.

Governança e gestão integrada para Civis Conscientes

Para coordenar efetivamente a **tomada de decisão nas civis**, é essencial adotar uma nova cultura de gestão consciente, que permita uma governança eficaz dos processos interinstitucionais. Isso implica pensar nas **civis sem fronteiras**, com base em um consenso para um desenvolvimento consciente e equitativo.

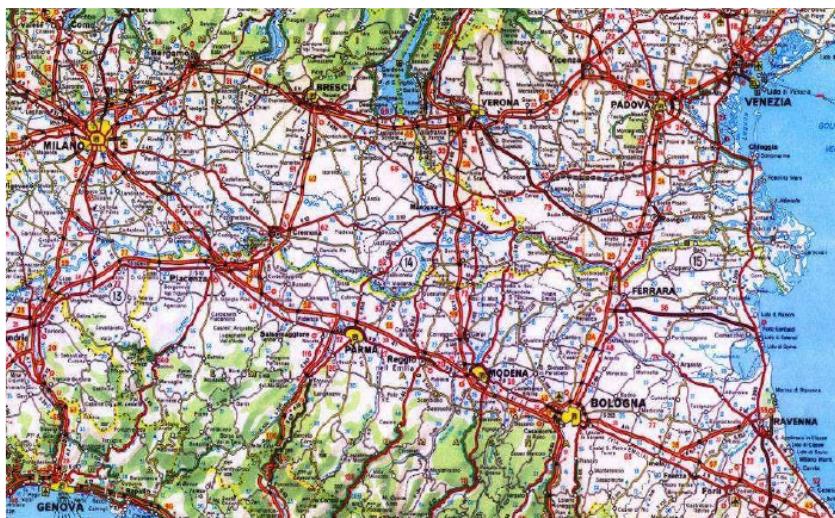
Uma maneira de alcançar isso é a partir da criação de um órgão dedicado ao desenvolvimento, encarregado do monitoramento e da gestão ativa desses processos ao longo do tempo. Esse órgão, como uma **agência de desenvolvimento**, seria formado por uma parceria entre a sociedade civil organizada e o Poder Público. A evolução desse modelo dependeria das particularidades de cada comunidade, oferecendo diferentes formas de implementação.

Exemplos inspiradores de gestão integrada para um desenvolvimento consciente do território e, consequentemente, das civis que nele habitam podem ser encontrados no **Caminho do Gaúcho**, que abrange territórios na Província de Buenos Aires, Argentina, no Uruguai e no Rio Grande do Sul, Brasil. Da mesma forma, a região do Vêneto, na Itália, é um exemplo de gestão associativa bem-sucedida entre as centralidades das civis, integrando aspectos de paisagem, produção, cultura e sociedade.



Mapa 9 — Caminho do Gaúcho,
América do Sul

Fonte: Fundação Cepa Arg.



Mapa 10 — Região do Vêneto, Itália

Fonte: Rede Flacam, Mestrado D.S.

Por uma vida coletiva íntegra e consciente

A **capacidade de resiliência** é o motor transformador que impulsiona cada um de nós, motivando-nos a superar desafios e abraçar o futuro com determinação e convicção. Com **sensibilidade social**, reconhecemos que essa jornada é **coletiva**, um esforço conjunto impulsionado por um **propósito supremo**: promover uma cultura de **sustentabilidade**, inspirada no bem-estar e na prosperidade de todos.

Lideranças conscientes para parcerias público-privadas

- ✓ **Pensar globalmente a partir de uma consciência pública** para que o mundo das cidades de comunidades se torne uma realidade tangível. Lideranças conscientes assumem um papel fundamental na construção de parcerias entre os setores público e privado, visando ao bem-estar coletivo e à sustentabilidade.
- ✓ **Alcance microrregional com investimentos estratégicos.** A atuação de atores capazes de produzir a realidade se estende para além das fronteiras locais, alcançando uma

escala microrregional. Investimentos estratégicos são direcionados para promover o desenvolvimento consciente e sustentável, criando impacto positivo em comunidades diversas.

- ✓ **Atuar localmente no marco da governança dos processos.** Gestores públicos desempenham um papel crucial na governança dos processos locais, garantindo que as decisões tomadas estejam alinhadas com os princípios de sustentabilidade e inclusão social. Atuando localmente, eles promovem uma cultura de participação cívica e responsabilidade coletiva.

Que cada passo dado e cada estratégia implementada seja um testemunho vivo do compromisso assumido, ajudando-nos a valorizar ainda mais a vida coletiva com consciência. Que o orgulho de fazer parte desta jornada épica nos fortaleça, unindo-nos em busca de um destino comum: a construção de **Civis Conscientes de maneira íntegra, articulando paisagem e sociedade em prol do valor da vida coletiva!**

Nesse sentido, a Arq. Urb. Dóris Baldissara mergulhará em conceitos de grande valor e significância, em termos de compreender o verdadeiro sentido da cidade como forma sustentável de vida política.

Civis Conscientes na vida em coletividade?

Pela Arq. e Urb. Dóris Baldissara

Diretora da Área do Conhecimento de Artes e Arquitetura da Universidade Caxias do Sul
e-mail: dbaldisl@ucs.br

Um dos fundamentos de **civis sustentáveis** é a promoção de uma cultura consciente, ética e responsável, reduzindo a necessidade de deslocamento das pessoas. Essa base nos traz o conceito de **unidade de vizinhança**, consolidado pelo sociólogo norte-americano Clarence Perry nos anos 1920. Perry propôs a escala de vizinhança, visando articular as práticas cotidianas a um território de sociabilidade da comunidade.

Em contraste com essas propostas, encontra-se o **crescimento descontrolado** das cidades. O espraiamento urbano, que frequentemente ocorre sem estudos técnicos e ambientais adequados, não considera as possibilidades de desenvolvimento urbano baseado na matriz ecológica dos territórios.

Para se pensar na cidade sustentável em relação às existentes, será necessário reinventá-las, considerando os paradigmas contemporâneos por meio da adoção de estratégias de intervenção em espaços degradados e subutilizados, advindos do abandono das áreas centrais das cidades pelas antigas indústrias. Esses lugares, dotados de infraestrutura e memória coletiva, podem se converter em espaços para o desenvolvimento local que dialoguem com as singularidades do território.

Para isso, é imperiosa a promoção de políticas públicas com o respaldo da iniciativa privada e a conscientização da população — em prol do bem coletivo e do despertar, mesmo que tardio, para a consciência ambiental coletiva.

As cidades sustentáveis são **organismos vivos e dinâmicos** que devem demonstrar sua sustentabilidade ao longo de muitas décadas. Para seu funcionamento adequado, é necessária uma mudança de paradigma na gestão pública e na atitude dos cidadãos. Essa mudança deve capacitar ambas a operar de forma eficaz, através do rearranjo das relações entre atores públicos e privados, redesenhando a gestão territorial.

O futuro reside no aprimoramento da **democracia, em cidades** que compartilham seus destinos com os cidadãos.

Utopia neste cenário do individualismo tirano?

A cidade é a **forma de vida política por excelência**. Sua melhor versão — uma cidade ideal — pressupõe uma gestão ética e responsável da sociedade e da política para seu desenvolvimento. Quem vive na cidade reflete sobre o que existe ao seu redor e imagina como sua cidade ideal poderia ser. Para alguns, a vida em comunidade e a interação entre as pessoas seriam prioridade. Outros desejariam passeios públicos mais amplos, acessíveis e arborizados. O transporte coletivo poderia ser mais eficiente, evitando horas no trânsito.

Para alguns, o princípio do capitalismo consciente, que prioriza o coletivo sobre o lucro individual, seria fundamental, medindo o progresso também pela qualidade de vida e bem-estar comunitário.

Em contraste, a **cidade real** na sociedade contemporânea é um palco no qual os interesses do sistema capitalista emergem com foco na produção de consumidores, sem considerar as condições para o estabelecimento da cidadania. Isso resulta na ruptura

das relações horizontais que antes se desenvolviam nos espaços públicos, criando um distanciamento entre os que têm acesso ao capital e os que não têm.

As **comunidades globais** não proporcionam a criação de laços sociais, pois os limites entre o urbano e o rural estão cada vez mais indistintos e a expansão dos territórios enfraquece a importância da proximidade. O bairro já não é mais o lugar das relações de amizade, e os vizinhos não são necessariamente parentes, colegas ou amigos, exceto em áreas específicas para ricos ou pobres. As trocas e os momentos de comunicação hoje ocorrem com uma infinidade de possibilidades de distância espacial e temporal, dando a impressão de que os indivíduos estão em muitos lugares ao mesmo tempo, o que resulta em um enfraquecimento progressivo das comunidades locais.

A vida contemporânea leva o homem a estar em diversos lugares diferentes para suas atividades diárias, o que impede a sensação de pertencimento a um lugar específico. A maior mobilidade e velocidade, típicas da contemporaneidade, faz com que o homem se aproprie muito pouco da cidade. A cada dia, os eventos são mais numerosos e variados, únicos em cada lugar, dificultando a inserção ativa do homem na vida local e gerando um sentimento de **desterritorialização**.

Estamos em um novo momento de desafios complexos que exigem respostas superadoras!

Para reverter esse cenário e fazer com que as cidades imaginadas deixem de ser utopias individuais, é necessário o retorno da **convivência com o lugar**. Essa vivência se traduz em **territorialidade** e ocorre em um ambiente simbólico para o homem, repleto de heranças culturais, proporcionando o enraizamento não só do presente, mas também do passado, nas formas de **fazer e ser**.



Foto 61 — Dóris Baldissera, diretora da Área do Conhecimento de Artes e Arquitetura da UCS

Fonte: Arquivo pessoal de Dóris.

COMPROVAÇÃO DOS CONCEITOS REALIZADOS

CAPÍTULO V

Por Daniel Caporale
Reflexões finais por Daniela Garcia e Hugo Bethlem

CAPÍTULO V

Comprovação dos conceitos realizados

Palavras-chave:

Comunidades transformadoras — Coautoria comunitária e liderança — Consciência social — Modelo Formativo de desenvolvimento integral

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale

Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente

e-mail: danielcapo56@gmail.com

Este capítulo apresentará os princípios dessa nova cultura cidadã que alimentam o conceito de cidades conscientes baseados em **experiências concretas e comprováveis**. Ele destaca o valor de um pensamento cidadão integrado e consciente, em colaboração com a comunidade, que se torna **coautora** do processo.

O objetivo é demonstrar a importância de uma gestão integrada e consciente, com ênfase em um novo modelo de parcerias público-privadas. Nesse contexto, uma série de entrevistas com líderes comunitários e gestores públicos será apresentada, mostrando como eles são fundamentais para alcançar esses processos e concluindo com a elaboração de um modelo estratégico formativo para o desenvolvimento integral das cidades conscientes.

Vale mencionar que a SG Cultura Consciente Cidadã (antes denominada Biohos Educa) foi uma parte integrante ativa dos casos abordados, fazendo parcerias com diversas empresas, como Cepa Consultora e Matricial Engenharia (Gramado 1^a e 2^a etapas, e Nova Petrópolis), MRibas Arquitetura (Monte Verde, Ivoi, e Gramado 2^a etapa), VB Solution, Reserva Urbana Arq. e CA Comunica-arte (Estância Velha). Muito obrigado a todos por serem parte valiosa desses processos conjuntos!

Por que dialogar? O objetivo desses diálogos é compartilhar cada situação específica a partir da visão dos próprios protagonistas de cada uma dessas iniciativas de alcance cidadão. Para isso, foi organizada uma série de perguntas motivacionais, orientadoras para o intercâmbio, cujo objetivo é tornar a conversa com cada liderança mais fluída e conectada.

Aqui estão as perguntas que foram a base das abordagens apresentadas posteriormente:

- ✓ Como surgiu a iniciativa de desenvolver esse projeto?

- ✓ Qual era a realidade que mobilizou a comunidade a tomar a decisão de iniciar o processo?
- ✓ Como a sociedade foi envolvida no processo?
- ✓ Quais foram as principais contribuições em ideias feitas pelos atores?
- ✓ Que parcerias e estratégias foram necessárias para implementar e monitorar essa iniciativa?
- ✓ Quais são os resultados esperados em termos de transformação da cidade para os próximos anos?
- ✓ Que recomendações poderiam ser deixadas para outras comunidades, em termos de aprendizagem?

É importante destacar que cada liderança respondeu de maneira diferente, de acordo com suas prioridades. Essa diversidade de contribuições enriqueceu a mensagem e o resultado final, proporcionando aprendizados valiosos para outras comunidades interessadas em iniciar processos similares de transformação cidadã, em prol de construir destinos melhores para uma vida coletiva consciente, ética e responsável, com um entendimento profundo da prática da sustentabilidade.

De atores a coautores do processo de transformação criativa

É nesse cenário que se inicia o ciclo de diálogos com os líderes de cada sociedade que tiveram a oportunidade de participar do processo criativo de pensar coletivamente o destino de seus lugares.

Nossa profunda gratidão se dirige a todas as lideranças que contribuíram com suas reflexões, compartilhando experiências e transmitindo recomendações úteis para outras comunidades.

Rebecca Cerello Wagner Ciscato **Movimento para Monte Verde** — MOVE

A primeira entrevistada foi Rebecca Cerello Wagner Ciscato, presidente do Movimento para Monte Verde de Minas Gerais — MOVE. Esposa, mãe de duas filhas, empresária

hoteleira e líder do processo iniciado em 2020 para o desenvolvimento estratégico desse distrito, pertencente ao município de Camanducaia, no qual se menciona também a gestão articuladora realizada pelo eng. Enzo Arns para estabelecer as condições para o início desse processo.

Rebecca destacou que a necessidade de criar a MOVE surgiu em 2019, com o objetivo de organizar um evento natalino que gerasse um novo atrativo turístico fora da temporada alta do inverno. Esse evento contagiou todos os empresários locais, com a finalidade central de beneficiar a sociedade de Monte Verde.

Rebecca afirmou que “Foi um processo de construção de confiança que partiu de um propósito maior: o desenvolvimento integral do lugar, em detrimento de qualquer interesse setorial”.

É importante destacar que essa grande mobilização na comunidade foi possível graças à liderança e legitimização que Rebecca possui. Ela é **uma líder com forte consciência de pertencimento ao lugar**, demonstrando “amor pelas montanhas, pelo clima frio, pelo estilo de vida qualificado e pela paisagem”.

Rebecca reitera que em 2020 a MOVE teve uma nova organização, integrando várias entidades de restaurantes e pousadas já existentes. Por isso, apresenta-se como uma **nova forma de gestão**, articulando todos os interesses do lugar, sendo **dinamizadora e catalisadora de diversas iniciativas com sentido coletivo e cuidado da paisagem**.

Nesse contexto, nota-se claramente a força e importância desses processos, tanto pela presença de **uma organização aglutinadora de alcance integral** como pela necessidade de uma líder condutora, capaz de contagiar outros com sua visão, transformando uma história em realidade.

Assim, iniciou-se um processo dinâmico que superou os desafios da pandemia e gerou uma série de atividades significativas para o futuro de Monte Verde — definição de novas estratégias para o desenvolvimento local, consolidação da organização, evento “Natal nas Montanhas” —, todas ações que colocaram a MOVE no centro da tomada de decisões para consolidar o que definem como “**um turismo consciente e sustentável**”.

Rebecca enfatiza que o novo desafio será manter vivo esse trabalho consciente, colaborando com a sociedade e o Poder Público. Ela define essa situação como uma **parceria inteligente que cria um cenário de diálogo amigável para continuar avançando coletivamente**.

Rebecca destaca ainda que a **verdadeira política é feita pela liderança empresarial responsável que, com ética, apresenta-se como uma garantia duradoura de qualquer processo**. Cada relato dessa mineira é acompanhado por um sentimento de paixão pelo território que ela tanto ama e defende, ao ponto de enfatizar que o próprio futuro de Monte Verde depende das pessoas que habitam o lugar.

Monte Verde é feito por pessoas, e seu grande diferencial são seus habitantes e a escala humanizada de seus espaços. Segundo Rebecca, o distrito foi qualificado como o destino mais acolhedor de todo o Brasil!

No entanto, Rebecca está ciente de que é preciso melhorar em vários aspectos vinculados à estrutura turística oferecida. Segundo suas observações, ainda há uma carência significativa de qualidade para projetar o destino além do estado de Minas Gerais, visando a um alcance nacional.

Para encerrar este diálogo enriquecedor, nossa entrevistada de Monte Verde deixa uma mensagem para todos, enfatizando: “Pensem sempre no coletivo, pois só assim teremos o retorno de beneficiar a sociedade como um todo e de maneira íntegra. É preciso sair da postura individual egoísta, pois vivemos em comunidade e devemos valorizar o coletivo”.

Essa grande líder destaca que a garantia de processos sociais como este está alicerçada no compromisso com valores coletivos, sejam culturais ou paisagísticos. Isso é fundamental para a construção de uma identidade sólida e constante. Assim, falar de uma líder consciente do caminho a ser seguido é inspirar-se na prática ética da sustentabilidade e no cuidado com o lugar, entendido como o habitat legítimo de uma comunidade que se inspira em seu passado para projetar seu legado para as novas gerações.

Obrigado, Rebecca, pela sua disposição, compromisso e gentileza de sempre!



Foto 62 — 63 — Rebecca Cerello Wagner Ciscato, presidente MOVE

Fonte: Arquivo pessoal de Rebecca.

**Valmor Heckler,
Movimento Nova 2050**

Na continuidade deste ciclo de conversas, traremos líderes sociais e empresariais para compartilhar suas experiências e visões. Neste momento, nosso entrevistado é Valmor Heckler, um cidadão respeitável de Nova Petrópolis. Valmor é diretor do Parque Pedras do Silêncio, presidente do Conselho de Turismo da cidade e um dos líderes do Movimento Nova 2050.

Valmor destacou que a premissa principal para a mobilização da iniciativa Nova 2050 é convocar lideranças sociais que mereçam a confiança e credibilidade da população.

Tudo começou no Conselho de Turismo da prefeitura e se espalhou para outros âmbitos da comunidade, com o lema de “**pensar e priorizar os interesses globais acima dos setoriais de cada grupo**”.

A partir desse ponto de partida, segundo Valmor, foi possível construir uma aliança estratégica entre o Poder Público municipal e a iniciativa privada, ressaltando que ambos são essenciais para movimentos coletivos que visam ao desenvolvimento de um território.

Valmor, descendente da cultura germânica e amplamente reconhecido pela sociedade por seu comportamento ético e vocação de serviço, também reconheceu que o grupo mobilizador enfrentou e ainda enfrenta desafios. Ele relata que, quando o processo começou, a Administração Pública era diferente da atual. Hoje, Nova Petrópolis tem novos administradores que mantêm uma postura mais discreta em relação ao apoio do Poder Público. Isso evidencia a necessidade de estratégias que **garantam a continuidade** desses processos coletivos, independentemente das oscilações políticas. Por esse motivo, Valmor menciona que estava prevista a criação de uma Agência de Desenvolvimento, na qual diferentes setores da sociedade organizada, junto com o Poder Público, formariam uma parceria para a tomada de decisões estratégicas. Infelizmente, devido à descontinuidade das gestões, essa implementação não foi possível. Atualmente, todas as decisões estão centralizadas na Associação Comercial, que sustenta a trajetória e o reconhecimento social da entidade. Valmor faz menção ao monitoramento setorial de cada diretriz aprovada, conduzido por grupos de trabalho comunitários constituídos para esse fim.

Valmor enfatiza com veemência a importância de um desenvolvimento ordenado para o futuro da cidade. Ele considera fundamental que o crescimento de Nova Petrópolis siga um rumo definido, baseado em um **turismo qualificado**, na preservação da paisagem e das áreas rurais.

Para isso, ele afirma: “É crucial que se construam parcerias e ações conjuntas entre o Poder Público e a iniciativa privada”.

Para encerrar a entrevista, Valmor deixa uma mensagem significativa para outras comunidades. Ele recomenda que, em processos coletivos, seja essencial contar com **pessoas-chave** da sociedade, como foi o caso de Nova Petrópolis. Destaca líderes legitimados e reconhecidos, como Solon Stahl, da Sicredi Pioneira; Cláudio Weber, da

Rota Romântica; Mário J. Konzen, da Casa Cooperativa; e Marcos Alexandre Streck, da Associação Comercial; além da gestão do prefeito Régis Luiz Hahn.

Todos esses indivíduos foram capazes de, através da estratégia de construir **parcerias público-privadas**, provocar uma transformação consensual, baseada no diálogo entre todos os interesses.

Valmor salienta ainda que “Enfrentar desafios e dificuldades é possível quando se conta com um grupo constituído com forte convicção no valor do sentido coletivo da vida. Essa visão inspiradora é crucial para nunca desistir e seguir avançando em prol do benefício de toda a sociedade”.

Agradecemos, Valmor, pela nobreza e sinceridade de suas palavras, que revelam um verdadeiro compromisso com a comunidade e a cidade de Nova Petrópolis.



Foto 64 — Valmor Heckler, colíder do Movimento Nova 2050

Fonte: Arquivo pessoal de Valmor.

**Luís Donato Dilly,
Movimento Ivoiti 100**

Dando continuidade às narrativas apresentadas, ouvimos agora Luís Donato Dilly, um dos líderes do movimento Ivoiti 100 e atual presidente da Agência de Desenvolvimento Integral para Ivoiti (ADIP), a qual surgiu como fruto do projeto impulsionado por esse movimento socioempresarial, com a visão de transformar a cidade até o seu centenário, em 2064.

Donato inicia seu relato destacando que a iniciativa Ivoiti 100 ganhou força a partir da decisão de um grupo de amigos que compartilhavam o gosto por trilhas de bicicleta. Durante essas aventuras e convívios, perceberam a necessidade de um pensamento visionário para provocar mudanças benéficas na cidade. Assim, nasceu um **sonho coletivo** ao transformar cidadãos em agentes ativos na construção do futuro de Ivoiti, desafiando a inércia de simplesmente delegar decisões aos gestores públicos e aprendendo com experiências passadas para consolidar uma parceria estratégica entre Ivoiti 100 e a prefeitura.

Donato ressalta em seu discurso que a iniciativa do projeto partiu inteiramente do grupo fundador e rapidamente contagiou a sociedade. Com muito orgulho, o presidente da ADIP comenta a importância da constituição da **agência**, que já possibilitou a realização de várias iniciativas, como a Feira da Cachaça, o projeto de revitalização da área central do Belvedere (liderado pela prefeitura), a valorização do Instituto Técnico Agropecuário e a implementação de projetos como a Cidade das Flores, com o Monumento à Flor de Ivoiti, e a Cidade das Águas, com um chafariz mecanizado na Praça Concórdia.

Donato não deixa de agradecer o fato de que o Movimento Ivoiti 100 contou com o “patrocínio master” da Sicredi Pioneira, conferindo uma credibilidade fundamental para legitimar a iniciativa perante a sociedade.

Quando questionado sobre as medidas tomadas para monitorar a implementação do projeto, Donato enfatiza a importância do **diálogo contínuo** com toda a sociedade como um elemento crucial para o sucesso do projeto. Ele confirma que esse processo é o mais efetivo para garantir a participação da comunidade, permitindo que ela se aproprie e, portanto, exerça controle social sobre cada medida a ser implementada. Isso confere legitimidade à proposta.

Donato encerra a entrevista destacando questões significativas relacionadas às expectativas futuras, assim como ressalta a importância de manter o rumo traçado por Ivoiti

100, independentemente do governo que emergir da eleição para prefeito em outubro de 2024.

“O projeto representa uma consulta e uma fonte de inspiração contínua”.

Por fim, com o intuito de transmitir um aprendizado para outras comunidades e para a própria experiência local, Donato ressalta a importância de assumir um papel proativo em processos coletivos. Ele enfatiza a necessidade de **não delegar responsabilidades**, mas contagiar o sentimento de pertencimento e construir uma **aliança deliberativa na tomada de decisões**. Essas são questões estratégicas para garantir a **sustentabilidade institucional** de todo o processo criativo e comunitário, que envolve diversos interesses de uma sociedade e cidade.

Donato termina com uma frase inspiradora: “Evite a reclamação, assuma o protagonismo e una esforços entre prefeitura e sociedade civil organizada em prol de um propósito maior de caráter coletivo”.

Agradecemos profundamente a esse líder empático da acolhedora cidade de Ivoi, destacando seu comprometimento e dedicação desinteressada em benefício da sociedade. Também reconhecemos o esforço conjunto de um grupo de visionários que levaram adiante essa poderosa iniciativa, carinhosamente identificada como Ivoi 100: Marcos A. Kern, Marcelino Anschau, Evandro Weber, César Wecker, Irene Rübenich, Vera Hoffmeister, prefeito Martin Kalkmann, vice-prefeito Marcelo Augusto Fröhlich e o responsável pela comunicação, Sr. Saul Scheid.



Foto 65 — Donato Dilly, colíder do Movimento Ivoi 100 e presidente da ADIPI
Fonte: Arquivo pessoal de Donato.

Jeferson Zatti, ex-secretário de Planejamento

Neste novo contexto, encontramos diferenças significativas, especialmente ao abordar o caso da cidade de Gramado. Diferente dos exemplos anteriores, a iniciativa em Gramado não surgiu de um grupo de líderes da sociedade, mas da área de planejamento da prefeitura, durante a gestão do secretário Jeferson Zatti (2017-2018), que vislumbrou a necessidade de pensar na cidade com uma visão de longo prazo. Nesse sentido, é de agradecer a gestão realizada por duas reconhecidas pessoas da sociedade local, Adriane Brocker e Luis Américo Guimarães, por oportunizar o cenário para que essa experiência seja possível, em benefício da cidade e do seu desenvolvimento.

Neste capítulo, cujo objetivo é partilhar diferentes experiências, é importante trazer o caso de Gramado, pois ele responde a um perfil sociológico específico, com características mais **cosmopolitas**, apesar de sua população de aproximadamente 40 mil habitantes. A comunidade foi mobilizada a participar posteriormente, a partir da convocatória iniciada por um setor do Poder Público municipal da época.

A particularidade deste caso foi a constituição de uma **Comissão ad hoc**, integrada por representantes da sociedade técnico-empresarial, com a finalidade de servir como referência e orientação para o desenvolvimento de trabalhos técnicos.

É necessário mencionar que, durante parte do processo, estivemos no contexto desolador da pandemia, lembrando como isso representou um desafio em termos de medidas de segurança sanitária. Nesse sentido, destaca-se a enorme contribuição desses integrantes, que articularam uma interface responsável com a sociedade.

Em suma, trata-se de um modelo de organização social diferenciado, tanto pela situação emergencial da pandemia global como pelas características de uma **sociedade mais corporativa** na maneira de manifestar seus interesses.

Para finalizar, agradecemos novamente o compromisso desses dirigentes que dedicaram tempo e esforço sinceros, compartilhando sua experiência e fazendo contribuições técnicas de grande valor para a concretização da iniciativa. Por isso, é justo reconhecer os técnicos municipais da época, bem como figuras como Ricardo Peccin, do empreendimento Casa da Montanha; Victor Ferrari, presidente do Conselho de Meio Ambiente da época; Eng. Derson Casagrande, representando o Agacei desse momento; e Eng. José C. Silveira, presidente do Conselho do Plano Diretor naquele período, entre outros.



Fotos 66 a 70 — Jeferson Zatti, Victor Ferrari, José Silveira, Ricardo Peccin e Derson Casagrande — Comissão de Trabalho Municipal

Fonte: Agenda Estratégica e arquivos pessoais dos integrantes.

**Eduardo Cansi,
Movimento Estância
360°**

É com a mesma energia que encerramos este capítulo, agora destacando um dos grandes líderes de sua comunidade: Eduardo Cansi, carinhosamente conhecido em Estância Velha como “Duda”.

Eduardo é mais do que um megaempresário de sucesso — ele é o diretor-geral e cofundador da APTA Resinas Termoplásticas, além de presidir o Instituto Pró-Estância Velha (IPEV) e ser uma das figuras centrais no Movimento Social Estância 360°.

Esse movimento foi o catalisador de uma transformação significativa em Estância Velha. Com a elaboração do Modelo Estratégico de Desenvolvimento Integral, que visa os próximos 30 anos (projetando até 2050), o movimento tem conduzido uma grande mudança na cidade.

Eduardo revela que a iniciativa do movimento surgiu de uma “vontade genuína” de buscar novos rumos para a sociedade, com foco em melhorar a qualidade de vida para todos, mas, acima de tudo, para os mais vulneráveis.

O relato é inspirador. Um grupo de **empresários visionários** de Estância Velha, cientes da perda da antiga matriz econômica dos curtumes e da migração massiva devido aos loteamentos populares, decidiu se unir e liderar um processo de mudança. O objetivo era redefinir a razão de ser da cidade e, consequentemente, de sua sociedade.

Assim nasceu o **IPEV**, criado por três líderes empresariais locais, cujos esforços contagiantes mobilizaram outras lideranças e convocaram a comunidade. Posteriormente, o movimento **Estância 360°** foi fundado, com o propósito de transformar a cidade em 360 graus. Eduardo se destacou como o líder desse processo, apoiado por parceiros e amigos que foram essenciais desde o início, como os empresários Diogo Leuck e Gilberto Muller, o prefeito Diego Francisco e sua equipe, a articuladora Letícia Bauer, entre outros. Vale destacar a gestão articuladora feita por César Wecker para aproximar este grupo de líderes com nossa empresa.

O propósito supremo do grupo de dirigentes foi **deixar um legado para as próximas gerações**, construindo uma identidade forte baseada em uma sociedade solidária e recíproca, em benefício da vida coletiva. Esse processo envolveu centenas de estancienses, com oficinas públicas que contaram com a participação de 80 a 120 pessoas cada. Ao longo do tempo, o compromisso de todos os mobilizados consolidou a apropriação social e ajudou a definir novas diretrizes estratégicas para a cidade.

Eduardo destaca a importância de formar **parcerias sólidas** para o sucesso de iniciativas desse tipo. Ele sublinha a relevância da aliança com a Administração Municipal, tanto no Poder Executivo como no Legislativo, para dar um caráter institucional ao projeto. Ressalta também a essencialidade da parceria com o empresariado local, que é o motor da dinâmica econômica da cidade, e com a comunidade, cujas contribuições e participação foram cruciais para a apropriação da iniciativa.

Durante as conversas com Eduardo ao longo do desenvolvimento do projeto, ficou evidente a capacidade contínua de **inovação e criatividade** necessárias para responder às oscilações da realidade complexa. Ele enfatiza a necessidade de desenvolver **lideranças com autoridade**, capazes de articular e integrar outros líderes — do Poder Público, Civil e Econômico.

O grupo de líderes sociais demonstrou habilidades notáveis de gestão ao articular a iniciativa com a Câmara de Vereadores, conseguindo a aprovação unânime da proposta. Eduardo também destaca a importância de uma **estratégia financeira inteligente**, além de uma **comunicação e articulação social eficazes**, para manter a sociedade informada e envolvida e para proteger as boas ideias dos interesses setoriais que podem tentar desviar o foco.

Quando se trata das expectativas, Eduardo é bastante pragmático. Ele destaca que o Estância 360° será incluído no orçamento público a partir de 2025/26, sustentado por suas doze ideias-força e por **lideranças descentralizadas**. Como ele mesmo ressalta, o projeto é uma escolha clara: “**ame ou deixe**”.

Para concluir, é importante afirmar que esse processo proporcionou um grande **aprendizado**, que poderá ser utilizado em futuras experiências criativas. A **resiliência** dos líderes e da comunidade organizada, junto com as inovadoras formas de gestão aplicadas, foram essenciais para o desenvolvimento das ideias elaboradas pela própria sociedade de Estância.

Eduardo ressalta a criatividade de “**reinventar**” o IPEV como uma nova forma de articulação, que permitirá que o projeto aprovado na Câmara de Vereadores seja viável e monitorado ao longo do tempo. Ele enfatiza a importância de um **caráter “deliberativo”**, que permita à comunidade não apenas decidir, mas também acompanhar a implementação concreta.

Na mensagem final de Eduardo, ele se dirige a outras comunidades, destacando a importância de “**começar certo**”, focando no bem coletivo e deixando de lado os interesses particulares. Ele recomenda a formação de um grupo multidisciplinar que, embora não precise ser grande, deve ter uma capacidade alinhada de planejamento e gestão para colaborar efetivamente com as forças públicas e privadas da sociedade.



Foto 71 — Eduardo Cansi, Líder do Movimento Social Estância 360°, presidente do IPEV e diretor da APTA
Fonte: Arquivo pessoal de Eduardo.

Agradecemos sinceramente a todo o grupo de verdadeiros líderes conscientes pela enriquecedora experiência compartilhada que, sem dúvida, servirá de referência para outras comunidades que aspiram a transformar positivamente suas cidades.

Como conclusão, a partir da narrativa de cada líder, surgem questões mobilizadoras que podemos capitalizar como aprendizagens das experiências aqui apresentadas. Vale a pena destacar:

- **consciência social das lideranças**, a importância de provocar uma mudança de destino com visão de longo prazo e o objetivo de deixar um legado para as futuras gerações;
- **coautoria das lideranças**, a apropriação comunitária da iniciativa, que garante a sustentabilidade socioinstitucional do processo ao longo do tempo;
- **comunidades transformadoras**, o papel das comunidades em promover o bem-estar coletivo e ver a cidade como o lugar legítimo para a vida íntegra da sociedade;
- **modelo formativo de desenvolvimento integral**, um caminho viável para canalizar todas as iniciativas da sociedade, representando a verdadeira manifestação da inteligência social de um lugar.

Como corolário deste capítulo, teremos a contribuição de dois grandes líderes do Movimento Capitalismo Consciente, Daniela Garcia e Hugo Bethlem. Eles ajudarão a identificar padrões comuns entre esses casos tão enriquecedores, fornecendo um aporte proativo para novas experiências coletivas com alcance social.

As lideranças conscientes a partir de propósitos coletivos serão a fórmula para uma nova cultura consciente?

Por Daniela Garcia, Estrategista em ESG/Negócios

CEO Capitalismo Consciente, Brasil

<https://ccbrasil.cc/sobre-associacoes/>

A atuação de **lideranças conscientes** na gestão e transformação das comunidades é essencial para promover uma cultura cidadã integrada e impulsionar cidades mais sustentáveis. Como CEO do Capitalismo Consciente Brasil (CCB), destaco que as lideranças mencionadas neste capítulo possuem uma **visão holística** das necessidades das

comunidades em que vivem. Elas consideram aspectos econômicos, sociais e ambientais na articulação de ações voltadas para a sustentabilidade, tornando-se catalisadoras de mudanças que beneficiam a todos, não apenas interesses individuais.

Essas características elevam essas lideranças à categoria de lideranças conscientes, especialmente por **envolverem a comunidade** em todas as etapas do processo de transformação — da concepção à implementação e monitoramento —, por meio da formação de grupos de mobilização. Dessa forma, além de fortalecerem o senso de **pertencimento e responsabilidade**, garantem maior apoio e sustentabilidade das ações.

A gestão consciente desses grupos favorece a criação de **soluções inovadoras e eficazes** para os desafios comunitários e promove a colaboração entre os setores público e privado, estabelecendo uma cultura diferenciada de cooperação.

Os exemplos trazidos por Rebecca Cerello Wagner Ciscato (MOVE — Monte Verde, MG), que exemplifica a importância de uma liderança legítima e comprometida com o desenvolvimento integral da comunidade; Valmor Heckler (Nova 2050 — Nova Petrópolis, RS), que demonstra como a credibilidade e a confiança nas lideranças locais são fundamentais para o sucesso de iniciativas comunitárias; Luís Donato Dilly (Ivoti 100 — Ivoti, RS), que ressalta a importância do pensamento visionário e da formação de alianças entre o movimento social e o Poder Público; e Eduardo Cansi (Estância 360° — Estância Velha, RS), cujos empresários visionários mostram como a resiliência e a capacidade de inovação são cruciais para superar desafios e promover uma transformação significativa, muito nos honram como movimento que busca capacitar lideranças para agir de forma consciente.

Alinhando-se com o novo propósito do Capitalismo Consciente Brasil, que é “aceitar a transformação cultural das empresas e garantir que lideranças conscientes guiem a mudança nos negócios”, afirmo que a atuação de **lideranças conscientes é vital para a gestão e transformação das comunidades**. Essas lideranças, quando bem capacitadas, têm o potencial de criar parcerias eficazes, promover um pensamento cidadão integrado e garantir que as iniciativas de desenvolvimento sustentável sejam mantidas a longo prazo.

Portanto, **lideranças conscientes, fundamentadas em propósitos coletivos, são a fórmula para uma nova Cultura Consciente**. Elas têm a capacidade de unir diferentes setores da sociedade em torno de objetivos comuns, promovendo um desenvolvimento sustentável e equitativo que beneficia toda a comunidade. Ao agir com visão holística

e compromisso com o bem comum, essas lideranças pavimentam o caminho para um futuro mais consciente e colaborativo.

Convido todas as lideranças que desejam aprender a liderar com consciência a se juntarem ao Capitalismo Consciente Brasil. Associe sua empresa e faça parte desse movimento transformador, promovendo uma mudança positiva e sustentável em nossas comunidades e em nosso país.

Juntos, podemos criar um futuro melhor e mais consciente para todos! Afinal, SUA CONSCIÊNCIA MUDA O MUNDO!



Foto 72 — Daniela Garcia, CEO Capitalismo Consciente, Brasil

Fonte: Capitalismo Consciente Brasil.

Gratos pela valiosa contribuição desta grande líder em empresas e de negócios, de alcance nacional.

Por Hugo Bethlem, Conselheiro em ESG/Empresas

Presidente do Conselho Capitalismo Consciente, Brasil
<https://ccbrasil.cc/sobre-associacoes/>

Vamos começar analisando a definição de **liderança**: “habilidade de influenciar e orientar pessoas em um determinado grupo para direcionar ações e alcançar objetivos

comuns. Na prática, vai muito além de um simples comando. Trata-se de inspirar, motivar, engajar e gerenciar as pessoas de um time" (Michelly Silva, Linkedin 2024).

Para evitarmos a questão de gênero, trataremos a liderança como a capacidade de gerar valor para os outros, e não para si mesmo. Da mesma forma que as árvores não fazem sombra para elas mesmas, a liderança deve ser um exercício de servir aos outros.

Uma **liderança consciente** não se limita a carregar as pessoas nas costas e fazer as coisas por elas, pois é preciso levá-las no coração, mostrando o caminho a seguir e oferecendo *feedbacks* corretos, com a sincera intenção de ajudar e promover a evolução. Deve proporcionar algo maior do que apenas tarefas às pessoas para quem serve; deve oferecer um propósito, algo em que elas possam acreditar.

A liderança começa com uma mentalidade de "dono". Agir como um dono significa assumir o estresse de tomar decisões e ser responsável por elas, tanto para o bem como para o mal. Para isso, é necessário considerar todas as variáveis fundamentais da decisão, como questões legais, éticas, transparentes e econômicas, e analisar todas as interações com os diversos públicos, que na empresa chamamos de *stakeholders* ou partes interessadas, incluindo colaboradores, clientes, fornecedores, concorrência, comunidade, governo, bancos, cadeia de suprimentos (*supply chain*), investidores e os próprios acionistas.

Idealmente, busca-se um ganha/ganha/ganha com todos, tentando evitar compensações ou trocas, conhecidas como "*trade-offs*", para que nenhuma parte saia prejudicada no processo.

A liderança deve, então, se preocupar em fazer três coisas.

Primeiro, identificar de maneira clara e transparente o que deve ser feito. Isso nem sempre é fácil, muitas vezes não temos a resposta ou temos dúvidas sobre a melhor decisão. A liderança pode ser solitária, mas isso não impede que o líder ouça atentamente, baseie-se em estudos, considere os impactos em todos os *stakeholders* e chegue a uma conclusão sobre o que deve ser feito, não o que é mais fácil, mas o que é certo.

Baseada na solução identificada no ponto anterior, a liderança deve tomar a decisão de agir, sendo responsável por suas escolhas e preparada para críticas.

Por último, a decisão deve ser tomada com um único objetivo: gerar valor para os outros.

Apenas identificar o que deve ser feito e agir, sem considerar a geração de valor para os demais, não é liderança. Grandes lideranças tomam decisões sempre visando ao bem coletivo, seja na família, empresa, associações, comunidades ou condomínios, multiplicando essa atitude pelo exemplo.

É por isso que o **conceito de liderança ultrapassa a visão corporativa ou política**. Grandes lideranças podem e devem estar onde forem necessárias, mesmo sem um colaborador sequer, como um pai ou uma mãe, um líder de associação, numa viagem em grupo, num condomínio ou numa comunidade. Por outro lado, é possível que alguém em uma posição de liderança em uma empresa com 50 mil colaboradores simplesmente não exerça essa liderança se não estiver focado no bem comum.

Tanto na vida corporativa como na vida de cidadão, a liderança deve se preocupar em **formar novas lideranças** que multipliquem os princípios de identificar o que deve ser feito, tomar a decisão de agir e gerar valor para outras pessoas.

Na comunidade, encontramos inúmeros exemplos de liderança consciente, como bombeiros, enfermeiros, médicos e líderes comunitários, entre outros.

Entenda-se **liderança consciente na sociedade** como o **definido aqui no livro pelo autor como “Civis Conscientes”**. Mesmo sem hierarquia, essas pessoas chamam para si a responsabilidade de saber o que deve ser feito, agir para realizar, sempre pensando no impacto positivo para outras pessoas.

Essas lideranças podem organizar mutirões de limpeza de praças, adoção de animais para tirá-los das ruas, acolhimento de moradores em situação de rua, segurança comunitária, arrecadação de doações, reciclagem, distribuição de cestas básicas e outros produtos para ações sociais. Vamos nos lembrar daqueles que, em nossa comunidade, decidiram o que deveria ser feito, tomaram a atitude de agir e pensaram no bem dos outros durante a pandemia de Covid-19.

Esses **“Civis Conscientes” fazem a diferença na comunidade**, principalmente quando pensamos em **soluções de proximidade**, como, por exemplo, ter emprego ou estudos onde se mora ou trabalha, compras de necessidades básicas a uma distância a pé, etc. Muitas soluções vieram da necessidade, como numa liderança comunitária e servem de exemplo para várias outras ações.

Lideranças conscientes reconhecem que é preciso incluir todas as dimensões, “do ser ao fazer”. Comprometem-se pessoalmente, com coragem e engajamento, encontram

apoio entre pares e se articulam em rede para servir às diferentes necessidades dos negócios e da sociedade.

Fica aqui um convite para o leitor se transformar numa liderança consciente na sua empresa, na sua família, na sua rua, no seu bairro, na sua cidade, no seu país. O primeiro passo é querer, pois é trabalhoso (e muito!), mas a sua recompensa e o seu sucesso serão retratados no modo como você impactará positivamente a vida das pessoas.



Foto 73 — Hugo Bethlem, presidente do Capitalismo Consciente, Brasil

Fonte: Capitalismo Consciente Brasil.

Nosso profundo agradecimento a este grande líder, tanto pelos seus aportes conceituais, quanto por partilhar suas considerações sobre a ideia de liderança a partir de sua valiosa experiência!

AS RECOMENDAÇÕES SURGIDAS DA APRENDIZAGEM

CAPÍTULO VI

Por Daniel Caporale
Reflexões finais por Vinicius Barreiro

CAPÍTULO VI

As recomendações surgidas da aprendizagem

Palavras-chave:

Aprender fazendo e refletindo — Associatividade — Propósito coletivo — Pensamento evolutivo

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale

Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente

e-mail: danielcapo56@gmail.com

Chegou o momento de refletir sobre as aprendizagens obtidas a partir dos casos concretos e testemunhos apresentados no capítulo anterior, como forma de verificar o desenvolvimento dos conceitos discutidos neste documento. O objetivo é consolidar um processo de pensamento evolutivo e permanente, inspirado por um propósito central que visa a vida coletiva nas cidades, promovendo a equidade e a justiça.

Por se tratar de um pensamento em construção permanente, surgem algumas questões conclusivas, que à primeira vista têm **valor atitudinal e formativo** e que seriam convenientes de compartilhar para continuar enriquecendo este processo criativo de diálogo de saberes.

Qualquer conceito deve ser corroborado na própria prática.

Não servirá de nada formular uma série de conteúdos idealizados se estes não puderem ser aplicados e constatados na realidade. Por essa razão, afirma-se que esses processos são retroalimentados constantemente a partir do “aprender fazendo”, como a única maneira de verificar conceitos na prática: refletir sobre o acontecido, analisar e ajustar o necessário, reformulando o pensamento em um ciclo contínuo de produção social do saber.

Em outras palavras, trata-se de um **pensamento evolutivo e transformador**, provocado por uma dinâmica da realidade que é incerta, pois é aberta e viva. Esse tipo de processo exige novas habilidades para a atuação, independentemente das disciplinas e profissões, que podem ser traduzidas em capacidades e competências preparadas para navegar a incerteza dos acontecimentos.

Por esse motivo, é necessário um **trabalho de caráter associativo e colaborativo**, uma abordagem em rede mobilizada por um **propósito coletivo**, entendido como o fim

supremo orientador desses processos, pois sempre se tratam de iniciativas de caráter social e de alcance integral.

O desafio pela frente é grande e provocador.

Civis Conscientes poderão ser um **caminho viável** para encontrar as respostas necessárias para uma **prática sustentável das sociedades?**

À luz das experiências relatadas e das conclusões comuns a cada um dos casos, surgem certas considerações que valem a pena ser compartilhadas, como reflexões para um aprendizado constante desses processos.

Durante o desenvolvimento dos conteúdos deste documento, o sentido transcendente do **cuidado da vida coletiva para a convivência em sociedades** apareceu como uma **premissa central** na construção de Civis Conscientes.

Por conseguinte, é notável destacar as sociedades que, ao longo do tempo, podem servir de referência para esse caminho, ajudando-nos a compreender o valor de sermos civis conscientes, com base em princípios focados na **razão de ser das comunidades**.

Será possível que nossas sociedades promovam uma vida íntegra em coletividade?

É necessário retomar um tema importante. Neste mesmo documento foi mencionado que, por vários anos seguidos, as nações nórdicas são consideradas as mais felizes. Além dos indicadores medidos para essa avaliação, aparece um padrão histórico interessante de ser mencionado aqui, especialmente quando a questão é promover uma vida coletiva íntegra.

Essas sociedades valorizam o **sentido de grupo em detrimento dos comportamentos individuais**. Essa premissa, que surge originalmente por uma razão de necessidade (devido aos territórios pouco generosos do ponto de vista climático e da fertilidade da terra), construiu nesses povos uma capacidade de resiliência tão grande que, atualmente, são considerados algumas das sociedades mais felizes.

Por essa razão, em termos de **Civis Conscientes**, podemos destacar que a **necessidade faz as sociedades mais conscientes e, portanto, mais criativas para encontrar respostas superadoras a qualquer adversidade**.

Ainda mais neste cenário de hiperconsumo e hipercomunicação em que vivemos atualmente, no qual existe uma **atitude tirana do individualismo** que ameaça o sentido social de grupo, podemos ser conduzidos a sociedades que perdem esse espírito de comunidade, tão importante para a convivência e articulação social.

Outra questão interessante a ser considerada — quando se apresentam algumas conclusões surgidas do aprendizado das experiências vividas, mas também dos processos históricos — está vinculada aos comportamentos de outras sociedades provenientes do Oriente.

Em geral, a cultura oriental se inspira em uma questão de **ordem, disciplina e respeito** pela estrutura organizacional dessas sociedades. Essa abordagem tem uma história milenar que surge com o pensador e filósofo Confúcio e se estende até nossos dias.

Por que se faz menção a essa premissa?

Nesses povos orientais, a cultura consciente surge a partir de premissas inspiradas em **princípios éticos e morais** que orientam e **norteiam** essas sociedades até os dias de hoje. Por isso, são considerações que, em certa medida, devem ser levadas em conta quando se fala desse novo caminho de Civis Conscientes.

Nesta narrativa reflexiva, foram abordadas duas premissas:

- ✓ questões vinculadas aos **comportamentos atitudinais** das sociedades; e
- ✓ questões relacionadas aos **princípios éticos** que inspiram a razão de ser dos povos.

É o momento de incorporar novas orientações, capazes de contribuir para a formação de Civis Conscientes, a partir do conceito de **territorialidade**.

Nesse sentido, ao longo do documento resgatamos a importância do manejo da **escala diversa** para ser trabalhada e a sua relação com o lugar de vida e referência identitária, capaz de gerar esse espírito de Civis Conscientes. Portanto, surge o conceito de **núcleos autossuficiente e multipropósito** e de **escalas que mantenham a relação humana**, eixo central desses novos lugares entendidos como **destinos para o bem viver**.

Depois de uma série de entrevistas enriquecedoras com diferentes líderes sociais, é muito importante para esses processos a presença de **lideranças conscientes** legitimadas diante das comunidades que envolvem dinâmicas coletivas.

Essa afirmação implica que a legitimação dessas lideranças esteja sustentada na autoridade do **saber da experiência**, a partir da **promoção da cultura do diálogo** e do **consenso** para a **produção social dos conhecimentos**. Esse mecanismo permite mobilizar outras

lideranças e contagiar os atores sociais, fazendo-os sentir parte, colaborar e promover a aprendizagem, para finalmente se transformarem em **coautores** dos próprios processos.

Para finalizar essas reflexões conclusivas, é importante destacar que todos os conceitos e ações envolvidos só serão possíveis a partir de novas **formas de gestão**, de caráter participativo e representativo das forças vivas da sociedade. Órgãos institucionais mistos (públicos e privados) são necessários para exercer uma democracia participativa e eficaz, mas ao mesmo tempo pragmática nas suas decisões, resultando em ações concretas.

O caso de Ivoi 100, com a constituição da Agência de Desenvolvimento Integral da cidade, pode ser considerado uma tentativa formal de transitar para esses modelos de articulação socioinstitucional. O tempo poderá verificar sua eficácia real, mas já indica um caminho e uma direção que, com certeza, serão aperfeiçoados a partir de sua própria atuação.

Como demonstrado neste documento, o caso Estância 360° avançou no mesmo sentido, propondo um novo órgão gestor para a implementação da iniciativa concreta. O aspecto peculiar desse caso é que, em vez de criar uma entidade a partir do “zero”, trabalhou-se na reinvenção de uma instituição já existente, o Instituto Pró-Estância Velha (IPEV).

Civis Conscientes: a aprendizagem recíproca do processo criativo

A inovação proposta neste ponto foi mostrar a adequação da entidade para albergar as novas missões relacionadas aos desafios de uma abordagem tão ambiciosa quanto o desenvolvimento da cidade ao longo do tempo.

Nova 2050, em Nova Petrópolis, está seguindo esse mesmo caminho, canalizando todos os esforços de gestão a partir de uma entidade forte e reconhecida na sociedade, a Associação Comercial.

De maneira concisa, busco dimensionar todo o processo em que a participação de autores e coautores trouxe tantas e tão significativas considerações conclusivas. Estas se traduzem em uma aprendizagem recíproca, refletida em um processo criativo e contínuo de construção e consolidação de conceitos e respostas que enfrentam o novo cenário dinâmico e incerto que se descontina diante de nós.

Encerro com estas palavras:

É essencial tomarmos consciência de que devemos, a partir de uma mudança de atitude, revisar nossos comportamentos éticos para o cuidado da vida. Inspirados pelo valor da superação constante do coletivo nas sociedades e focando na escala humana das relações sociais e no respeito pela diversidade dos seres, devemos reconhecer o protagonismo das lideranças conscientes. Essas lideranças, legitimadas pela sociedade, são sustentadas pela autoridade do saber genuíno e pela criatividade transformada em formas de gestão resilientes e adaptáveis, capazes de oferecer respostas simples à complexidade da realidade.



Foto 74 — Daniel Caporale, diretor da SG Cultura Cidadã Consciente, conselheiro CC (2023-24), RS, Brasil

Fonte: Arquivo pessoal de Daniel.

CIVIS CONSCIENTES: um pensamento evolutivo e transformativo sustentado em uma visão integral da realidade. Que o conteúdo deste documento provoque reflexões profundas em cada um de nós, assim como no Poder Público, que tem responsabilidades inquestionáveis para cuidar do bem coletivo; e, claro, na sociedade civil organizada, composta por entidades sociais, mundo da produção e do comércio e academia como instituição formativa de excelência.

O sonho de promover Civis Conscientes é um desafio íntimo de cada um de nós, mas sem esquecer que a caminhada será sempre coletiva, visando garantir a paz e a harmonia em todos os níveis da vida em sociedade.

Nessa sintonia, partilhamos as reflexões do amigo Vinicius Barreiro.

A caminho de uma sociedade consciente

Pelo Arq. Urb. Vinicius Barreiro

Diretor da VB Soluções Integrais

e-mail: viniciusbarreiro@hotmail.com

Ao longo deste livro, exploram-se maneiras de pensar o território de forma integrada e consciente. Para concluir, refletiremos sobre o princípio de nos tornarmos **Civis Conscientes** de maneira integrada. O termo vem do latim “*civis*”, que significa “cidadão” — pessoas vivendo juntas em comunidades organizadas. A palavra “**consciente**” refere-se ao estado de estar ciente, de compreender profundamente a realidade ao nosso redor. A combinação desses termos sugere uma comunidade de cidadãos que não apenas comprehende, mas também valoriza o ambiente em que vive. Jan Gehl (2010), um renomado urbanista, disse: “A cidade deve ser feita para as pessoas”. Nesse sentido, podemos refletir: **como usamos o espaço que nos foi dado para nosso desenvolvimento?** Quando pensamos em uma cidade, estamos considerando o território de forma ampla, e a longo prazo teremos resultados significativos em todo o território. Essa palavra, “**território**”, também vem do latim, “*territorium*”, e se refere a uma extensão de terra sob uma jurisdição específica. Nossa relação com o território deve ser de cuidado e respeito, reconhecendo que é um espaço compartilhado. Assim, o território é desenvolvido para e por pessoas.

Essa reflexão nos leva a considerar a responsabilidade que temos na maneira como usamos e moldamos nosso ambiente. A metáfora de que a “cidade é um organismo vivo”, amplamente utilizada por urbanistas e sociólogos, reflete essa ideia. Um organismo vivo é composto por várias células que trabalham juntas para o bem-estar do todo. Similarmente, nossa consciência e ações coletivas são essenciais para que o território funcione harmoniosamente.

Existem exemplos inspiradores, já mencionados neste livro pelo próprio Daniel, no qual o foco sempre é uma abordagem sustentável da cidade, a partir da valorização do ser humano em ambientes mais conscientes e ecológicos.

Milton Santos (2000), renomado geógrafo brasileiro, destacou que a transformação da **consciência das pessoas é crucial para a transformação do território**. Essa mudança começa em cada um de nós, ao reconhecermos nosso papel como agentes de mudança e promotores do bem comum. Em tempos de profunda transformação, o planejamento urbano integrado e consciente torna-se imprescindível. Sem essa abordagem, corremos o risco de exacerbar desigualdades sociais, degradação ambiental e colapso da infraestrutura urbana. A colaboração entre diferentes áreas — econômica, ambiental, social, entre outras — é essencial para garantir um desenvolvimento urbano sustentável e a longo prazo.

O arquiteto e urbanista Jan Gehl (2010), em seu livro *A cidade para as pessoas*, nos lembra: “Primeiro moldamos as cidades, então elas nos moldam”. Ele nos leva a refletir sobre a importância do planejamento e seus impactos duradouros. Uma abordagem participativa e integrada é crucial para esse processo. Nossa abordagem ao planejamento urbano deve refletir essa interconexão e promover valores como justiça, equidade e solidariedade. A participação ativa na sociedade é fundamental para construir um território consciente.

Nosso papel é promover encontros, diálogos e ações que fortaleçam o senso de comunidade e a conexão entre todos. Devemos reconhecer que somos todos interconectados e ver a cidade como um organismo vivo, em que cada cidadão é uma célula vital para o funcionamento do todo.

A consciência é a atitude que tomamos para garantir que esse organismo opere de forma integrada, beneficiando o corpo urbano e social — o bem comum. Como Milton Santos destacou, a transformação do território depende da transformação da consciência das pessoas.

Este é o grande desafio e a proposta deste livro, “**Civis Conscientes**”: ser a chave para essa tomada de consciência. Cada um de nós tem um papel importante no desenvolvimento de um território consciente. Pequenas ações podem fazer uma grande diferença: participar de reuniões públicas, apoiar e criar iniciativas sustentáveis e inclusivas e aprofundar-se sobre questões urbanas são apenas algumas delas. Essas ações têm o potencial de gerar um impacto significativo a médio e longo prazo. Juntos, podemos transformar o território em um espaço no qual vivemos de forma única e consciente, como células integradas para o bom funcionamento do nosso corpo e da nossa comunidade.



Foto 75 — Vinicius Barreiro, diretor da VB Soluções Integrais

Fonte: Arquivo pessoal de Vinicius.

MENSAGEM CONSCIENTE NO TEMPO

POSFÁCIO

Por Daniel Caporale

Reflexões finais por Everton Augustin e Eliane Davila

POSFÁCIO

Mensagem consciente no tempo

Palavras-chave:

Cidade — Cidadania — Coletividade — Educação

Apresentação Preliminar

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale

Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente

e-mail: danielcapo56@gmail.com

Como dizia o literário italiano Ítalo Calvino, em seu livro póstumo *Seis Propostas para o Novo Milênio*, o segredo de qualquer narrativa está na arte de saber iniciar um relato e, ao mesmo tempo, encerrá-lo. Por essa razão, o posfácio deste documento se entende como uma mensagem final, compartilhada com terceiros, sempre com a intenção de continuar promovendo a aprendizagem baseada na capacidade permanente de uma reflexão crítica.

À vista disso, e fazendo ênfase que este livro foi concebido a partir de uma **construção coletiva e de múltiplas ideias, pensamentos e reflexões**, inspirado em conceitos que articulam a cidade e sua relação com a cidadania, tivemos clareza permanente de que a finalidade foi abranger o sentido comunitário do bem social e público das sociedades, manifesto nos espaços urbanos e no território.

Qual foi o caminho proposto para transitar um caminho firme de resoluções e respostas concretas?

Como já comentado ao longo deste documento, as sociedades e suas cidades foram perdendo o sentido de comunidade, fragmentando-se em microculturas ou tribos urbanas, como comumente se reconhecem esses agregados de fragmentação social.

Desse modo, como comenta Solon no prefácio deste livro, as sociedades, através do tempo, passaram do “**modo sobreviver**” ao “**modo viver**”, e na atualidade poder-se-ia afirmar que, como produto do novo cenário de hiperconsumo e hipercomunicação, mas perdendo o espírito de comunidade, parece que estamos voltando ao individualismo isolado que reorganiza os grupos sociais em microssociedades, apenas com a necessidade de entrar novamente no “modo de sobreviver”, diluindo o significado de identidade.

Solon também afirma que “**as cidades devem ser entendidas como espaços de convivências**”, ou seja, como **ecossistemas integrados e interligados coletivamente**. Por essa razão, Civis Conscientes propõem uma tomada de consciência da importância e necessidade da prática da sustentabilidade para as sociedades. Essa proposição implica estratégias de orientação, educação e formação em prol de produzir uma mudança coletiva de enfoque e padrões que atinjam os comportamentos sociais, mas também as formas de ocupação e uso dos territórios em todo seu alcance integral e integrado.

Por esse motivo, e para encerrar este documento que pretende se apresentar como uma contribuição nesta busca por um novo pensamento transformador para o cenário do século XXI, foram convidadas duas pessoas de ampla trajetória profissional e valor humano para partilhar suas mensagens finais e, portanto, reflexões, partindo de um ponto de vista analítico sustentado na educação e na tomada de consciência.

Agradecemos pelas mensagens finais de grande significação, tanto do professor e gestor educativo Everton Augustin, ex-diretor do prestigioso Instituto Educativo Ivoi, como da mentora e pesquisadora, PhD em Cultura, Eliane Davila, colíder do Capitalismo Consciente, Filial RS.

Pelo Prof. Gestor Escolar Everton Augustin
Ex-diretor do Instituto Educativo Ivoi RS
e-mail: everton.augustin@gmail.com

Uma cidade é tão somente o que são os seus cidadãos. O cidadão é aquele que, habitante de um lugar, carrega direitos e deveres com relação a esse espaço. A questão é saber como, em suas estruturas, uma cidade contribui para a formação de seus cidadãos, afinal de contas todo esse investimento tem retorno imediato para o desenvolvimento de uma urbe, que precisa ser muito mais do que um aglomerado humano.

Precisa ser espaço de exercício de cidadania.

Nesse contexto, em 2021, conheci o professor e mestre Daniel Caporale, diretor da SG Cultura Cidadã Consciente. Era necessário pensar, de forma participativa, uma nova estratégia para a cidade em que vivi até o final de 2023. As premissas de elaboração de um programa de desenvolvimento iam justamente ao encontro do envolvimento daqueles que compõem a cidade, com o propósito de identificar as forças já presentes e potencializá-las a partir de ações estratégicas a serem desenvolvidas em um espaço de tempo determinado. Engajar a sociedade civil e o Poder Público era uma necessidade. A

ação foi um sucesso, e hoje o Ivoi 100 é uma lei municipal de compromisso com aquela cidade no sentido de pensar no seu desenvolvimento sustentável tanto social como ambiental e economicamente até o ano de 2064, quando o município completará seus 100 anos de emancipação. Vejam as semelhanças entre os indivíduos de uma sociedade e o desenvolvimento dos municípios. Somos também resultado dos vínculos que estabelecemos durante a nossa existência. Com as cidades não é diferente.

O seu desenvolvimento será melhor quanto maior for a sua conexão com outras cidades (*urbes*) e com o mundo (*orbe*).

Regionalmente, hoje percebe-se uma atenção maior ao futuro de cada município. Há várias cidades conectando-se à ideia de criar suas estruturas de desenvolvimento, cientes de que, em conexão com outros municípios, o sucesso da intenção será uma certeza. Assim como cada cidadão de uma urbe, cada cidade possui suas características que determinam sua identidade. A **diversidade**, nesse sentido, pode e deve gerar uma complementaridade importante para um desenvolvimento macrorregional.

Ao revisar meu artigo, lembro-me da **catástrofe ambiental ocorrida em maio de 2024, no Rio Grande do Sul**. Uma enchente, sem precedentes registrados na história, flagelou mais da metade dos municípios do estado. Lamentavelmente, muito do que aconteceu poderia ter sido evitado se os cidadãos, comprometidos com seu lugar, tivessem um olhar mais atento e comprometido com o bem comum. A estrutura de uma cidade deve ser inclusiva e beneficiar todos os seus habitantes, sem distinção. Essa “propriedade de todos” exige que ninguém se exima da responsabilidade por suas ações ou pela falta delas.

Nas adversidades, temos uma enorme oportunidade de buscar lugares melhores para os cidadãos, ativando seu compromisso com o lócus que habitam.

É necessária uma aldeia inteira para educar uma criança.

Esse pensamento de origem africana tem me acompanhado intensamente nos últimos tempos. Como professor, percebo o compromisso da aldeia com suas crianças. Elas aprendem por meio dos exemplos de cada um que integra a aldeia.

Como cidadão, independente da função exercida, sou sempre educador. Vejam que tipo de sociedade construiremos se considerarmos que educamos por meio de nossa contribuição social.

Parafraseando: “*diga-me como educas e direi quem és*”.

Por fim, uma **cidade** só tem a ganhar com os **cidadãos** que educa. Tem-se aí um ciclo virtuoso de desenvolvimento individual a partir da **coletividade**. Aliás, é a coletividade o maior desafio dessa **educação**.



Foto 76 — Prof. Everton Augustin

Fonte: arquivo pessoal de E. Augustin.

Cidades boas são aquelas que entendem que sua coletividade educada é o maior triunfo em favor do desenvolvimento sustentável em todos os aspectos.

Agradeço ao educador Daniel Caporale e sua equipe pela oportunidade de participar desta auspíciosa iniciativa de melhorar cidades e sociedades por meio de seus próprios cidadãos. Foi um privilégio escrever sobre essa visão de uma urbe, em termos de cidadania, para um mundo mais digno.

“*Urbi et orbi*”, diz o Papa Francisco em sua bênção, referindo-se à cidade de Roma e ao mundo.

Caminhando juntos para uma cultura cidadã consciente

Pela PhD em Cultura Eliane Davila

Pesquisadora CEO da Inspire Global Group, colíder do Capitalismo Consciente, Filial RS
e-mail: contato@elianedavila.com

Ao chegarmos ao final deste livro, somos chamados a refletir profundamente sobre a jornada que empreendemos juntos. A riqueza dos conceitos, as histórias inspiradoras e as reflexões profundas apresentadas até aqui nos convidam a imaginar e construir um futuro pautado pela “cultura cidadã consciente”. Este é um momento de **transformação**, no qual a universalização de ideias e práticas sustentáveis é mais urgente do que nunca.

Vivemos em um mundo no qual a **complexidade** e a **interconectividade** definem nossas experiências diárias. Esse cenário exige uma revisão total da nossa maneira de compreender e abordar a realidade. Precisamos **abandonar nossas zonas de conforto** e embarcar em um processo contínuo de reaprendizagem.

A cultura cidadã consciente não é uma meta estática, mas um movimento dinâmico e evolutivo.

A universalização de uma vida coletiva íntegra é um sonho, embora ambicioso, absolutamente necessário. A educação e a cultura consciente são pilares fundamentais nesse processo de transformação. Elas oferecem as ferramentas e a base para comunidades conscientes e integradas, capazes de enfrentar os desafios contemporâneos com **sabedoria e solidariedade**.

A natureza temporal de nossas escolhas e ações desempenha um papel crucial na formação de nossas sociedades. Este livro nos lembra de que cada decisão tomada hoje molda o futuro que desejamos para as próximas gerações. A **adoção de uma nova ética**, em que a **vida coletiva e a sustentabilidade são prioridades**, é essencial para a construção de comunidades resilientes e justas.

O processo de construção e transformação de uma cultura cidadã consciente exige colaboração contínua e comprometimento com a aprendizagem. Aprender fazendo, refletindo e colaborando é uma prática que permite nossa evolução e adaptação às necessidades emergentes. Essa abordagem participativa fortalece a integridade das nossas ações e promove um senso de responsabilidade compartilhada.

Comunidades conscientes são aquelas que reconhecem e valorizam a diversidade, promovendo inclusão e respeito mútuo. Elas compreendem que a verdadeira força reside

na colaboração e na coautoria. A construção de um modelo estratégico de desenvolvimento integral, fundamentado em princípios de sustentabilidade e consciência, depende dessa mentalidade coletiva.

A universalização de uma cultura cidadã consciente demanda uma integração efetiva entre os setores público e privado. O reconhecimento das identidades regionais e a gestão participativa são essenciais para essa transformação. Este livro oferece exemplos concretos de como essas práticas podem ser implementadas, demonstrando que é possível construir um futuro mais equitativo e sustentável.

Como colíder do Movimento Capitalismo Consciente do Rio Grande do Sul, empreendedora e pesquisadora, acredito firmemente que a mudança começa dentro de cada um de nós e se expande para nossas comunidades. **A arte, a cultura e o propósito são forças poderosas de transformação**, capazes de inspirar ações significativas e duradouras. Por meio da universalização desses valores, podemos criar uma sociedade em que a equidade, a justiça e a sustentabilidade sejam as bases do progresso.

Este é um chamado para que todos **reimaginemos nossas cidades e comunidades como espaços de relações significativas e diversidade**. A cultura cidadã consciente nos desafia a enxergar além das fronteiras físicas e a valorizar as conexões humanas. É um convite para adotar uma visão holística, em que o desenvolvimento urbano e rural ocorre em harmonia com a natureza e com as necessidades humanas.

Ao concluir esta leitura, deixo um convite para que cada um de nós se torne **coautor dessa transformação**. Que possamos, juntos, construir um futuro no qual a integridade, a justiça e a sustentabilidade sejam as bases de nossas sociedades. Que possamos aprender fazendo, refletindo e colaborando, sempre guiados pela integridade e pelo compromisso com o bem-estar coletivo.

O tempo para a evolução da cultura cidadã consciente é agora. Cada um de nós tem um papel vital a desempenhar nesse processo. Ao abraçar a educação e a cultura consciente, estamos plantando as sementes para um futuro no qual comunidades conscientes e integradas prosperem. Este é o momento de agir com coragem, sonhar grande e trabalhar juntos para tornar esses sonhos realidade.

Com gratidão e esperança.



Foto 77 — Eliane Davila, CEO da Inspire Global Group e colíder do Capitalismo Consciente, Filial RS.
Fonte: Arquivo pessoal de Eliane.

Para encerrar este ciclo

Pelo Me. Arq. Urb. Daniel Caporale

Diretor da SG Cultura Cidadã Consciente

A partir das piores experiências, é possível se reencontrar e aprender para encontrar a superação. Uma das muitas frases dos estoicos, uma grande escola de pensamento grega anterior a Cristo, nos ensina que estamos diante de um grande desafio, mas, ao mesmo tempo, de uma grande oportunidade para encontrar caminhos superadores.

Com o passar do tempo, outro filósofo e pensador, o alemão Arthur Schopenhauer, nos provoca ao afirmar que *os problemas são uma oportunidade para superar medos e inseguranças.* O transcendente está em saber interpretar a mensagem que cada experiência nos deixa.

Por isso, de maneira muito humilde e sincera, este documento pretende compartilhar experiências baseadas na aprendizagem acumulada ao longo de 40 anos, com grandes mestres, e desenvolver conceitos e reflexões a partir das comprovações surgidas da própria aplicação na realidade.

Espero que os conteúdos apresentados aqui, que formam apenas parte de um processo em construção — sempre coletivo —, tenham sido comunicados com clareza e simplicidade. Como afirmava o impressionante pensador do final do século XIX, o alemão Friedrich Nietzsche, *quem conhece profundamente se esforça para ser claro*.

A rápida e veloz sociedade da hipercomunicação nos coloca em um mundo narcisista do espetáculo e das redes sociais, no qual *acabamos sendo espectadores de nossa própria vida*, como nos alertava o cineasta francês Guy Debord no século passado.

Vivemos em uma sociedade que se isola cada vez mais em um individualismo egoísta, que nos devora e faz perder o sentido de viver em comunidade — a verdadeira razão de ser de uma sociedade, especialmente se considerarmos que somos seres gregários e, portanto, sociais.

Baseado nisso, e como bem afirmava meu mentor e amigo Rubén Pesci, diante dos novos cenários desta realidade em constante mudança, *devemos nos preparar para sermos bons pilotos, capazes de navegar na incerteza*.

A mensagem que este documento pretende transmitir é que, quanto mais **Civis Conscientes** formos e quanto mais inter-relacionados estivermos, como uma grande rede, mais eficazmente trilharemos um caminho coletivo rumo a uma **nova cultura voltada para a paz**.

Nosso objetivo deve ser a construção de espaços cada vez mais justos e democráticos, promovendo o cuidado integral dos ecossistemas dos quais somos parte ativa.

A justiça trará paz ao país e, consequentemente, tranquilidade ao povo, possibilitando a resposta adequada a todas as inquietações (Confúcio, séc. VI a.C.).



Foto 78 — Moeda imperial chinesa, símbolo de justiça, paz e tranquilidade

Fonte: Arquivo pessoal de D.C.

AUTOR E COAUTORES

MINIBIOGRAFIAS

MINIBIOGRAFIAS

Autor

Daniel Caporale

Pessoal: argentino com residência definitiva no Brasil, em Canela, RS, marido de Cleide e pai de Leandro (22 anos) e Giuliano (18 anos).

De formação: arquiteto e urbanista (Universidade Nacional de La Plata, Argentina), com Pós-Graduação em Leituras Programadas de Áreas Metropolitanas (Universidade de São Paulo, Brasil), mestre em Desenvolvimento Sustentável (Universidade Nacional de Lanús, Argentina), *máster em Desenvolvimento Sostenível* (Universidade Politécnica de Catalunha, Espanha).

Experiência em coordenação de equipes de desenvolvimento urbano e territorial, de caráter participativo, durante quase 40 anos de atuação profissional.

Competências: em idiomas português e espanhol (nativo); foco de estudo no cuidado da vida coletiva.

Cargos de destaque: diretor da S.G Cultura Cidadã Consciente, organização de atuação formativa para o pensamento integral das cidades, inspirado no cuidado da vida coletiva (2015–antes Grupo Biohos | 2018–vigente SG C.C.C.). Líder do grupo Bem Col., Aliança Internacional para o Bem Coletivo dos Territórios e Cidades (2018–vigente). Professor internacional em formulação, gestão e liderança de projetos de desenvolvimento integral, com ênfase em sustentabilidade/resiliência/prática consciente, Universidades de América Latina e Espanha (2010–vigente). Embaixador do Movimento Capitalismo Consciente Brasil, conselheiro da Filial C.C. Rio Grande do Sul (2023–2024).

Cargos Anteriores: secretário executivo institucional da rede FLACAM — Fórum Latino-Americano de Ciências Ambientais (2006–2015). Responsável pelo enfoque conceitual e metodológico do Comitê Acadêmico da Especialização e Mestrado em Desenvolvimento Sustentável da UNLa, Argentina, e Universidades Parceiras de AL (2006–2015) e professor em ambas as carreiras durante os períodos indicados anteriormente. Secretário técnico acadêmico da Cátedra Livre em Políticas de Sustentabilidade, UNLP (2013–2015). Coordenador acadêmico e professor da Escola de Talentos e Liderança de Projetos (2012–2015). Professor em Filosofia e Sociologia, Colégio das Hortênsias — Copec, Canela, RS, Brasil (2015–2023).

Publicações mais significativas: livro *Cidadania, Ambiente e Sustentabilidade* (EDUCS, 2016), autor do Capítulo 17, “As Holo Cidades, um caminho para promover a paz com os territórios”, disponível no link: http://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-cidadanomeioamb_3.pdf); livro em espanhol *La Plata, desde histórias vizinhas* (Editora ABA, da Associação Brasileiro Argentina da Cultura e o Ambiente, 2001); tese *Patrimônio Social, índice da identidade* (Universidade Nacional de Lanús, 2005); publicação sobre Agenda Estratégica de Gramado, RS, Brasil, 2018–2019; relatórios da Agenda Estratégica de Gramado e Nova Petrópolis, RD (2018–2020); Agenda Estratégica Preliminar de Monte Verde MG (2020–2021); Matriz Estratégica de Desenvolvimento Integral de Iboti, RS (2021–2022); Modelo Estratégico de Desenvolvimento Integral de Estância Velha, RS (2022–2023).

LinkedIn: <https://www.linkedin.com/in/daniel-caporale-b4a85b33/>

Site: www.sg-ui.com.br

Instagram: @sg_unintegra

E-mail: danielcapo56@gmail.com

Facebook: <https://www.facebook.com/danielcaporale9/>

Coautores

Valneide Luciane Azpiroz

Apresentação

Pessoal: brasileira, mora em Caxias do Sul, mãe e líder por natureza.

De formação: licenciada e doutora em Letras (Universidade de Caxias do Sul, Brasil), pós-doutora em Retórica (Universidade Politécnica de Cartagena, Espanha).

Cargos de destaque: coordenação do ingresso ao Ensino Superior da Universidade de Caxias do Sul, responsável pelos processos seletivos (até 2022). Diretora da empresa Comunicação assertiva: Dicção e Oratória Ltda., a qual se dedica a oferecer cursos de qualificação profissional, além de produzir conteúdo no Instagram (2023—vigente).

Cargos anteriores: docente na Universidade de Caxias do Sul por 37 anos, sendo responsável, entre outras, pelas disciplinas Estratégias de Comunicação Oral e Comunicação assertiva: o empoderamento pela palavra (até 2022).

LinkedIn: linkedin.com/in/valneide-azpiroz-2b90ba244

E-mail: profa.valneide@gmail.com

Solon Stappassola Stahl

Prefácio

Pessoal: brasileiro de 53 anos, casado com Luciana, mora em Nova Petrópolis, pai da Isabela (14 anos) e da (Joana 7 anos).

De formação: graduado em Administração de Empresas na Feevale (Novo Hamburgo, Brasil), com Pós-Graduação em Cooperativismo pela Univates, MBA em Gestão Empresarial e pós-MBA em Inteligência Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas, pós-MBA na FIA (São Paulo, Brasil), Programa Avançado de Gestão Executiva na Fundação Dom Cabral (Belo Horizonte, Brasil) e Programa de Direção Avançada pelo ISE/IESE (São Paulo, Brasil, e Barcelona, Espanha). Um dos sete no Brasil com Certificação Avançada Nível 4 em Capitalismo Consciente pelo Instituto Capitalismo Consciente Brasil. Formação em Gestão Contemporânea pela Nortus. Também fez cursos internacionais de cooperativismo na cidade de Mondragon, Espanha, e na ADG (Academia das cooperativas alemãs), em Montabaur, Alemanha. Estudan Teologia na Faculdade Luterana de Teologia. Embaixador do Instituto Capitalismo Consciente (ICCB). Membro e colíder da Filial RS do Instituto Capitalismo Consciente Brasil.

Cargos de destaque: 38 anos de experiência em instituição financeira, sendo 24 em cooperativa de crédito. Desde 2012 é diretor-executivo da Sicredi Pioneira RS.

Cargos anteriores: na cooperativa, desempenhou as funções de gerente de agência (inaugurando a agência de Novo Hamburgo), assessor, GRD, superintendente até a função de diretor-executivo. Conselheiro convidado do Instituto Hélice (2021), conselheiro fiscal da Casa Cooperativa Nova Petrópolis (gestão 2020–2023), embaixador do Instituto Capitalismo Consciente Brasil, colíder regional da filial RS do Instituto Capitalismo Consciente Brasil (outubro 2021–julho 2024).

Hobby: livros (qualquer estilo, mas preferencialmente sobre gestão, negócios conscientes, teologia, história e propósito), filmes e seriados.

Áreas de interesse: propósito, cooperativismo, cultura organizacional, inovação, estratégia, ESG, capitalismo consciente, teologia e história. Recentemente tenho gerado conteúdo em alguns desses temas, escrevendo artigos e participando de *lives*, fóruns e palestras.

Competências: em idioma português (nativo).

LinkedIn: solon-stapassola-stahl

Facebook: solon.stahl

Instagram: solonstahl

E-mail: solon_stahl@sicredi.com.br

Pedro Augusto Alves de Inda

Capítulo I, reflexões finais

Pessoal: brasileiro, mora em Porto Alegre.

De formação: arquiteto e urbanista (Universidade Federal de Rio Grande do Sul), desenhista de arquitetura e técnico de edificações (Escola Técnica de Parobé), mestre em Arquitetura — Teoria História e Crítica (Universidade Federal de Rio Grande do Sul), especialista em Gestão do Ensino Superior (Universidade de Caxias do Sul) e doutor em Educação (Universidade de Caxias do Sul).

Cargos de destaque: professor adjunto do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul (2003–vigente).

Cargos anteriores: coordenador do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul (2007–2012, 2017–2024), diretor em 3C Arquitetura e Urbanismo (2000–2003, 2008–2011), professor substituto de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Rio Grande do Sul (2000–2002).

Conhecimentos e destrezas: ensino universitário e projetos de arquitetura.

Competências: em idioma inglês e português (nativo).

LinkedIn: linkedin.com/in/pedro-inda-6b7b8486

Cleide Paiva Godoy

Capítulo II, reflexões finais
e revisão

Pessoal: brasileira, casada, mora em Canela, RS, com a família (o esposo Daniel e seus dois filhos, Leandro, de 22 anos, e Giuliano, de 18 anos).

De formação: licenciada em Língua Portuguesa pela UNINTER (Centro Universitário Internacional), com Pós-Graduação, Especialização no Ensino do Espanhol como Língua Segunda e Estrangeira (ELSE) (Universidade Nacional de La Plata, Argentina), licenciada

em Educação Física (Organização Santamarense de Educação e Cultura de São Paulo, Brasil), professora de Magistério para turmas de Ensino Fundamental I (Colégio Batista Brasileiro de São Paulo, Brasil), com Certificado Internacional de Língua Portuguesa, Nível Superior (Universidade de Caxias do Sul, Brasil), Certificado Internacional de Língua Espanhola, CELU, Nível Superior (Universidade Nacional de La Plata, Argentina), Certificado de Língua Espanhola, 4º Nível (Escola de Línguas Universidade Nacional de La Plata, Argentina), Pós-Graduação em Medicina do Esporte (Faculdade de Medicina da UNLP/CESALP).

Cargos de destaque: professora de Língua Portuguesa e Língua Espanhola no Colégio Cidade das Hortênsias (2015–vigente), professora de natação na Academia Fitwell, Canela (2015–vigente), diretora da GB Comunica-arte (2022–vigente).

Cargos anteriores: presidente e coordenadora pedagógica da Associação Brasileiro-Argentina da Cultura e Ambiente em La Plata, Argentina (1995–2013), assistência técnico-profissional na Consultoria Prof. Nuno Cobra em São Paulo, Brasil (1990–1993), profissional do Parque Ecológico Municipal de La Plata, Argentina (1998–2002), professora em Língua Espanhola no Colégio Marista Imaculada, Canela, Brasil (2016–2018).

LinkedIn: linkedin.com/in/cleide-paiva-godoy-ba309b30

E-mail: cleidepgodoy07@gmail.com

Maximiliano Scarlan

Capítulo III, reflexões finais

Pessoal: argentino, mora em La Plata, casado, tem dois filhos.

De formação: licenciado em Economia (Universidade Nacional de La Plata — UNLP), com estudos de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico Local (Universidade Nacional de General Sarmiento — UNGS) e em Cidades Inteligentes e Desenvolvimento Sustentável (Instituto Tecnológico Buenos Aires — ITBA). Candidato a Mestrado em Relações Internacionais (UNLP).

Cargos de destaque: diretor da Utopia Urbana, mídia digital, e de consultoria sobre cidades inteligentes, sustentáveis e inclusivas, que interage com atores urbanos da América Latina.

Cargos anteriores: professor de Economia Regional na carreira de Economia (Universidade Católica de La Plata — UCALP), *senior advisor* e consultor na consultora argentina ABECEB em temas de sustentabilidade e inovação, lidera projetos para empre-

sas, câmaras e organismos internacionais, orientados a diagnóstico setorial e regional; avaliação de cadeias de valor e competitividade; análise de mercados; detecção de oportunidades de desenvolvimento, investimento e negócios; elaboração de cenários e estratégias para o setor público e privado. Participou de diversos livros e como *speaker* em eventos de sua especialização.

Outras competências: economista sênior especializado em temas de sustentabilidade, inovação, mobilidade e questões urbanas com mais de 20 anos de experiência, combinando capacidades técnicas e comerciais para a geração e gestão de projetos locais e internacionais.

LinkedIn: linkedin.com/in/maximilianoscarlan

E-mail: mscarlan@utopiaurbana.city

Site: <https://utopiaurbana.city/>

X: x.com/maxscarlan (*personal*)

Dóris Baldissera

Capítulo IV, reflexões finais

Pessoal: brasileira, mora em Caxias do Sul, RS.

De formação: mestre em Planejamento Urbano e Regional (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), especialista em Paisagismo e Meio Ambiente (Universidade Luterana do Brasil) e arquiteta e urbanista (Universidade do Vale do Rio dos Sinos).

Cargos de destaque: coordenadora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul (5 anos). Diretora da Área do Conhecimento de Artes e Arquitetura (2022–vigente), professora e coordenadora de TCC do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul (1997–vigente).

Cargos anteriores: durante 15 anos, técnica da Fundação Estadual de Proteção Ambiental na análise de projetos urbanísticos e de infraestrutura, coordenando diversos grupos de análise de EIA-RIMA; membro do Núcleo Docente Estruturante e do Colegiado do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UCS, da Comissão do Tombamento do Campus 8 da Universidade de Caxias do Sul e do Conselho de Planejamento e Gestão Territorial (CONSEPLAN). Arquiteta autônoma e consultora em trabalhos técnicos com ênfase nos seguintes temas: paisagem cultural, requalificação de paisagem e impactos de vizinhança.

LinkedIn: linkedin.com/in/doris-baldissera-78878b60

E-mail: dbaldis1@ucs.br

Daniela Garcia

Capítulo V, reflexões finais

Pessoal: brasileira, mora em São Paulo.

De formação: mestre em Comunicação e Sociedade 5.0 (HSM University), Programa Avançado em ESG, Administração e Negócios (Escola de Negócios Saint Paul), Comunicação e Jornalismo (Faculdades integradas Alcântara Machado).

Cargos de destaque: CEO do Capitalismo Consciente no Brasil (2022–vigente), diretora de Operações e Expansão Nacional em São Paulo (2017–vigente), sócia em Ordo Comunicação e Posicionamento de Marcas (2010–vigente).

Cargos anteriores: diretora em Relações Institucionais e Parcerias da ONG Banco de Alimentos (2015–2019); diretora comercial de Novos Negócios do Portal Tempo de Mulher (2011–2013); diretora de Vendas e Prospecção de Novos Negócios Digitais da AD Dialetô (2010–2011).

Outros conhecimentos e destrezas: 30 anos de experiência em operações B2B2C, atuando nos três setores da economia. Diretora de vendas e atendimento digital por duas décadas, especialista em estratégias digitais desde 1996. Estrategista focada em *Customer Experience* e ESG. Articuladora de negócios entre segundo e terceiro setor, especializada em desenho de projetos de impacto socioambiental.

Peculiaridades: sempre entusiasmada em continuar a jornada criando experiência e soluções inovadoras e socialmente responsáveis.

LinkedIn: [inkedin.com/in/dgarciaoliveira](https://www.linkedin.com/in/dgarciaoliveira)

E-mail: daniela@ordo.com.br

Site: [ccbrasil.cc \(professional\)](http://ccbrasil.cc)

Hugo Bethlem,

Capítulo V, reflexões finais

Pessoal: brasileiro, mora em São Paulo, casado, pai, avô que gosta de esportes, leitura, viagens e descobertas.

De formação: formado em Administração de Empresas e Ciências Contábeis (Centro Universitário FMU/FIAM FAAM São Paulo); executivo em Programas (Stanford University,

Escola de Negócios); Especialização Organizacional (Escola de Negócios, Oxford University); Especializações na Escola de Negócios Saint Paul, Harvard, Cambridge, Oxford, IMD, Babson e Cornell, Life Long Learner.

Cargos de destaque: chairman, presidente do Conselho do Capitalismo Consciente Brasil (2020–vigente); sócio-diretor de Consapevole Serviços Administrativos (2017–vigente); conselheiro do Instituto para Desenvolvimento do Varejo (2013–vigente); consultoria em propósito, visão estratégica e impacto social além de projetos de sustentabilidade (vigente).

Cargos anteriores: diretor geral C.C. Brasil (2017–2020); sênior *business advisor* (Helppi, 2022–vigente); sênior *business advisor* para varejo Alvarez e Marsal (2024–vigente).

Outras destrezas: conselheiro de empresas familiares e ONGs, cujos principais aprendizados e contribuições são a escuta, a visão estratégica, o *modus operandi* das famílias empresárias, a análise do mercado, os desafios na retenção e motivação de talentos, a formação de equipes ágeis e comprometidas, a transformação digital e a implantação de pilares que garantam uma boa governança, um cuidado com o social e uma proteção ao ambiental. Consultor e *advisor* em ESG, mentor de *startups*, palestrante e professor convidado.

Competências: nos idiomas português, inglês, francês e espanhol.

Outras competências: vivência de 35 anos como executivo C-Level de CFO a CEO, majoritariamente no varejo, responsável por diversas operações e M&A no GPA e Carrefour, entre outras. Com visão inovadora na estratégica dos negócios, prática empreendedora com resultados e implantação de gestão e sustentabilidade. Prêmio Equilibrista IBEF SP 1991.

Publicações: livros *A estratégia do varejo sob a ótica do Capitalismo Consciente* (autoria) e *A hora e a vez do ESG* (coautoria).

LinkedIn: linkedin.com/in/hugobethlem

Site: ccbrasil.cc (*professional*)

Vinicio Barreiro

Capítulo VI, reflexões finais

Pessoal: brasileiro, marido de Taciane e pai de duas filhas (Maria Clara e Alice), mora em Canela, RS, oriundo de Ribeirão Preto, SP.

De formação: arquiteto e urbanista (Centro Universitário Moura Lacerda), com Pós-Graduação em Ciências Humanas (Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul).

Cargos de destaque: diretor da VB Soluções Integrais (2024–vigente), parceria estratégica com a SG Cultura Cidadã Consciente (2022–vigente).

Cargos anteriores: diretor da VB Solution — Soluções de Arquitetura e Urbanismo (2017–2024).

Outras destrezas: criação de ambientes que promovam o bem-estar humano, integrando funcionalidade e inclusão.

Competências: no idioma português.

LinkedIn: linkedin.com/in/vinicius-barreiro-b54b9189

E-mail: viniciusbarreiro@hotmail.com

Everton Augustin

Posfácio

Pessoal: brasileiro, marido e pai, mora em Teutônia, RS.

De formação: técnico tradutor intérprete e pré-teológico (Instituto Ivoi), licenciado em Letras Português-Alemão (Unisinos/IFPLA — Instituto de Formação de Professores de Língua Alemã), especialista em Língua, Cultura e Didática da Língua Alemã, Prática de Ensino de Língua e Cultura Alemã (Kooperative Gesamtschule Schinkel, Osnabrück, Alemanha), especialista em Gestão Escolar (Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro), Conceitos e Práticas de Gestão (Fundação Dom Cabral, São Paulo).

Cargos de destaque: diretor geral e diretor do Instituto Ivoi (2016–2024), diretor do Colégio Humboldt/Deutsche Schule, São Paulo (2008–2015),

Cargos anteriores: coordenador e vice-diretor do Colégio Cruzeiro — Centro, Rio de Janeiro; professor no Colégio Sinodal, São Leopoldo, Fundação Evangélica, Novo Hamburgo, Colégio Martin Luther, Estrela, Colégio Evangélico Alberto Torres, Lajeado (anteriores).

Outros conhecimentos e destrezas: planejamento estratégico e estratégia empresarial.

Peculiaridades: apaixonado por música, toco violino e viola. Integrei a Orquestra de Câmara Jovem de Ivoi, a Orquestra do Teatro São Pedro e a Orquestra de Concertos de Lajeado. Criamos o Quarteto de Cordas e Flauta e integrei o trio Piano, Cello e Violino em

Lajeado. Este, por vezes, era enriquecido por um quarto instrumento, uma flauta transversal. Adoro escrever, colaboro para o Grupo Sinos, Novo Hamburgo, e o Grupo Popular, Teutônia. Já produzi mensagens para o programa Um Olhar para o Vale da Rádio União de Novo Hamburgo e uma crônica para o jornal O Vale da Vale TV (Rodrigo Steffen).

LinkedIn: linkedin.com/in/everton-augustin-60174343

Site: [humboldt.com.br \(professional\)](https://humboldt.com.br)

E-mail: everton.augustin@gmail.com

Eliane Davila

Posfácio

Pessoal: brasileira, casada, mora em Novo Hamburgo, RS.

De formação: doutora e mestre em Processos e Manifestações Culturais, administradora de empresas (Universidade Feevale) com Pós-Graduação em Gestão de Serviços e Marketing e em Gestão de Pessoas (Universidade do Vale do Rio Sinos).

Cargos de destaque: colíder da Filial RS do Capitalismo Consciente (2021–vigente); apresentadora do programa de TV “As pessoas inspiram”, da Vale TV Novo Hamburgo (vigente).

Cargos anteriores: consultora, mentora de carreira e negócios; CEO & Founder — Inspire Global Group; conselheira da Associação dos Administradores do Vale dos Sinos.

Outras competências e destrezas: professora, pesquisadora do empreendedorismo e palestrante; 23 anos na área corporativa financeira em gestão de pessoas e gerenciamento de clientes; membro do INOVA-RS, do IDG-RS e do MOVI.

Peculiaridades: acredito no poder da arte, da cultura e do propósito no mundo dos negócios. Sou apaixonada pela vida e por viagens e uma eterna aprendiz.

LinkedIn: linkedin.com/in/elianedavila

Site: [linktr.ee/ElianeDavila \(Linktr.ee\)](https://linktr.ee/ElianeDavila)

E-mail: contato@elianedavila.com

Leandro G. Caporale

Comunicação

Pessoal: argentino e brasileiro, solteiro, mora em Canela, RS.

De formação: bacharel em Relações Internacionais (Centro Universitário da Serra Gaúcha — FSG), com certificação international English Language Testing System (British Council, Inglaterra) e Doulingo English Test.

Cargos de destaque: diretor de Comunicação SG Cultura Cidadã Consciente (2020–vigente); revisor da agência O Observatório (2021–vigente).

Cargos anteriores: assistente de Comércio Internacional da Câmara de Comércio de Caxias do Sul (2022–2023).

Competências: nos idiomas espanhol e português (línguas nativas), inglês e francês.

Outras peculiaridades: membro voluntário da UNICEF Direitos Humanos (2024–vigente); membro do World Youth Alliance (2022–vigente).

LinkedIn: linkedin.com/in/leandro-caporale

E-mail: leandrogcapo@gmail.com

BIBLIOGRAFIA E FONTES DIGITAIS

MATERIAL DE CONSULTA

GLOSSÁRIO

BIBLIOGRAFIA E FONTES DIGITAIS

Material de consulta

- BENYUS, Janine. *Biomimética*. [s.l.]: Amazon, 2003.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. França: Antropologia Social, 2002-2003.
- CAPORALE, Daniel. As “holocidades” — da sustentabilidade à reinvenção holística das cidades evolutivas: um caminho para promover a paz com os territórios. In: DE OLIVEIRA, Marcia Maria Dosciatti et al. *Cidadania, meio ambiente e sustentabilidade*. Caxias do Sul: EDUCS, 2017.
- CAPORALE, Daniel et al. Modelo estratégico de desenvolvimento integral de Estância Velha. *Estância 360°*, RS, Brasil, 2022-2023.
- CAPRA, Fritjof; LUISI, Pier Luigi. *A visão sistêmica da vida*. São Paulo: Cultrix, 2014.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHOAY, Françoise. *O urbanismo*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- CONOCE EL PLAN integral de Oslo para reducir los contaminantes. *Utopia Urbana*, 19 jun. 2022. Disponível em: utopiaurbana.city/2022/06/19/conoce-el-plan-integral-de-oslo-para-reducir-los-contaminantes/
- ¿CUÁLES SON LAS ciudades más inteligentes del mundo en 2023? (ranking IMD). *Utopia Urbana*, 4 oct. 2023. Disponível em: utopiaurbana.city/2023/10/04/cuales-son-las-ciudades-mas-inteligentes-del-mundo-en-2023-ranking-imd/
- DIAMOND, Jared. *Colapso*. [s.l.]: Amazon, 2005.
- DURKHEIM, Émile. *Anomia Social*. 2009. Disponível em <https://ibero.mx/>, Revista de Ciências Sociais da Universidade Ibero-americana de México. Artigo de Maríadel Pilar López Fernández.
- EUROPE AT NIGHT, SATELLITE IMAGE. *Science Photo Library*, 1992. Disponível em: <https://www.sciencephoto.com/media/1290752/view/europe-at-night-satellite-image>
- FAJARDO, Sergio. *Medellín a mais educada*. Medellín: Prefeitura de Medellín, 2004-2008.
- FLASSPOHLER, Svenja. *Sensibilidade Moderna e os limites do razoável*. [s.l.]: Herder; Amazon, 2021.
- FLORIANÓPOLIS entrega pacote de ações de regularização fundiária do Floripa Regular e planejamento urbano. *Portal Norte da Ilha*, Florianópolis, 3 abr. 2024. Disponível em: <https://portaldnortedailha.com.br/noticia/5578/florianopolis-entrega-pacote-de-acoes-de-regularizacao-fundiaria-do-floripa-regular-e-planejamento-u.html>
- FELBER, Christian. *A economia do bem comum*. Lisboa: Grupo Editorial Presença, 2017.
- GEHL, Jan. *Cidades para pessoas*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- HAN Byung Chul. *A hiperculturalidade*. Barcelona: Editorial Herder, 2018.
- HAN Byung Chul. *A desaparição dos rituais*. Barcelona:Editorial Herder, 2020.
- HOUSTON. Marvel/DC Fan Fic Wiki. *Fandom*, [20--]. Disponível em: <https://marveldcfanfiction.fandom.com/wiki/Houston>
- INSTITUTO CAPITALISMO CONSCIENTE BRASIL. *Princípios Centrais*. Filial Rio Grande do Sul, 2022-23.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2000.

- LE CORBUSIER. *Urbanismo*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LE CORBUSIER. *A carta de Atenas*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- LERNER, Jaime. *Acupuntura urbana*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MANUEL, Jose. Brasil, los mejores lugares para visitar. *Living Viajes*, [20-]. Disponível em: <https://livingviajes.com/brasil-los-mejores-lugares-para-visitar/>
- PARCO NAZIONALE DELLE CINQUE TERRE. *Deliberazione di Consiglio Direttivo nº 30, de 29 de junho de 2020*. Cinque Terra: Parco Nazionale delle Cinque Terre, 2020. Disponível em: <https://www.parconazionale5terre.it/amministrazione-trasparente.php?l1=6&l2=2>
- PERRY, Clarence. *Plano Regional de Nova Iorque (Unidade de Vizinhança)*. USA, 1929.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Objetivos do Desenvolvimento Sustentável*. Disponível em: <https://www.un.org/sustainabledevelopment/>
- OSLO, la ciudad que más ha hecho para descarbonizar la movilidad en Europa. *Utopia Urbana*, 10 mar. 2022. Disponível em: utopiaurbana.city/2022/03/10/oslo-la-ciudad-que-mas-ha-hecho-para-descarbonizar-la-movilidad-en-europa/
- PESCI, Rubén. *La ciudad de la urbanidad*. La Plata: Fundación CEPA, 1999.
- PESCI, Rubén. *La Plata, ciudad patrimonio*. La Plata: Fundación CEPA, 2003.
- PESCI, Rubén. *Ambitetura e projetar a ambitetura*. La Plata: Fundación CEPA, 2007.
- PESCI, Rubén *et al.* *Projetar a sustentabilidade*. La Plata: Fundación CEPA, 2007.
- PESCI, R.; CELEClA, J. El fenómeno urbano y el programa MAB de Unesco. *Revista Ambiente Digital*, n. 96, 2006. (Un resurgimiento esperado, las Reservas de Biosfera en ambientes urbanos).
- REVISTA ZINE CONSCIENTE 79. Disponível em: <https://ccbrasil.cc/zine-consciente/cidadessustentaveis>
- SADIN, Eric. *A era do individualismo tirano*. 2022. Editora Amazon.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. 2000. Editora Record.
- SAÑUDO VELEZ, Luis Guillermo. *A casa como território*. Medellín: Editora Iconofacto, 2013.
- SG CULTURA CONSCIENTE CIDADÃ. Página inicial. Disponível em: www.sg-ui.com.br
- SINGAPURA. *Utopia Urbana*, 10 mar. 2022. Disponível em: utopiaurbana.city/2023/12/11/en-que-se-destaca-singapur-como-ciudad-inteligente-sustentable-e-innovadora/
- TALEB, Nassim. *Antifrágil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- UTOPIA URBANA. Página inicial. Disponível em: www.utopiaurbana.city
- VERNANZZA. *Cinque Terre Tourist Association*, [20-]. Disponível em: <https://www.cinquerterre.it/pt-br/as-cinco-terrassvernazza/>
- ZULOAGA, Luís *et al.* *Projeto Malecón 2000*. Guayaquil: Prefeitura de Guayaquil, 1999.
- ZURICH, una de las ciudades más ordenadas e inteligentes del planeta. *Utopia Urbana*, 28 sep. 2022. Disponível em: utopiaurbana.city/2022/09/28/zurich-una-de-las-ciudades-mas-ordenadas-e-inteligentes-del-planeta/

GLOSSÁRIO

Representa o conjunto de termos que constituem um vocabulário e seus significados que, devido a sua especificidade (técnica ou de conhecimento), precisam ser esclarecidos. A seguir, apresentam-se as expressões ou palavras que se entendeu necessário deixar explícita sua definição, tanto por serem terminologias muito temáticas ou por constituírem neologismos.

Agência estratégica

Órgão de gestão inovadora, de caráter participativo (público e privado), que tem como finalidade a promoção do desenvolvimento integrado da cidade.

Agenda ou modelo estratégico

Representa um acordo entre a sociedade pública e privada para definir o destino e desenvolvimento da cidade, concebido a partir de um cenário de diálogo entre os coautores.

Ambiente consciente

Ecossistema dinâmico, vivo, aberto, de transformações permanentes, baseado nas relações e a diversidade, que exige a tomada de consciência como fundamento da vida em coletividade e o cuidado da vida na Terra.

Anomia social

Situação social produzida pelo enfraquecimento das relações sociais que ocorre quando há uma perda da capacidade da sociedade para regular e orientar o comportamento dos indivíduos, resultando em maior desordem social, desorganização comunicacional e perda de padrões éticos relacionados à responsabilidade das sociedades em cada cidade.

Antifrágil

Reage às crises a partir do aprendizado gerado pela dor, ampliando sua consciência, adotando novas práticas, estabelecendo a retomada da atividade em um patamar superior ao anterior à crise.

Antropoceno

A espécie humana como a força motriz de mudanças planetárias, promovendo uma nova cultura de consumismo e tecnologia, impactando a forma de vida e a dinâmica das cidades, com efeitos positivos e negativos na qualidade de vida.

Biomimética

Inovação inspirada pela natureza, a partir de uma visão ecológica e sustentável das cidades.

Capitalismo consciente

Movimento global originado nos Estados Unidos que tem como objetivo elevar a consciência das lideranças para práticas empresariais baseadas na geração de valor para todo o ecossistema envolvido (cultural e natural).

Catástrofe

Registro o cadastro da fé, ou seja, da comprovação convicta de um pensamento diante uma crise.

Centralidades urbanas

Agrupamentos urbanos de mediana escala, de caráter funcional multipropósito (residência, trabalho, lazer, comércio, educação, saúde).

Cidade tematizada

Cidades ou áreas urbanas que dão ênfase a temas diversos como dinamizadores econômicos, muitas vezes sem considerar a matriz genuína dessa sociedade, seja cultural ou natural, questão que expõe as cidades a ameaças de descontextualização que colocam em risco as próprias identidades sociais.

Civis Conscientes

O termo “civis” vem do latim “civis”, que significa “cidadão” — pessoas vivendo juntas em comunidades organizadas. É a ideia sociológica de sociedade, civilização e indivíduo, através da interseção entre o espaço urbano (*urbis*), a civilidade das relações sociais (*civis*) e os mecanismos institucionais que articulam esses laços (*polis*). A palavra

“**consciente**” refere-se ao estado de estar ciente, de compreender profundamente a realidade ao nosso redor. Para alcançar esse modelo, é essencial cultivar novas lideranças com consciência e ética social, capazes de moldar uma nova realidade em benefício do bem coletivo das sociedades. A combinação desses termos sugere uma comunidade de cidadãos que compreendem e valorizam o ambiente em que vivem.

Comunidade

Um agrupamento social que se reúne a partir da união comum de afinidades, sejam culturais, sociais, de interesses econômicos, artísticos, esportivos ou de simultaneidade diversa.

Contexto

Conjunto de textos, entendido o termo não apenas de maneira literária, senão integral; portanto, poder-se-ia considerar um entorno físico ou de situação (política, histórica, cultural ou de outra índole) no qual se considera o fato ou acontecimento.

Corporativo

Relativo à corporação, que é uma associação de pessoas com fins ou interesses profissionais ou econômicos comuns a todos os envolvidos.

Cultuar

Tratar como objeto de culto, tributar culto a alguém ou algo; venerar, idolatrar.

Cultura cidadã consciente

Construção social em termos de cidadania e com alcance consciente de princípios inspirados na ética de uma prática da sustentabilidade e no cuidado da vida coletiva.

Civilização

Conjunto de aspectos peculiares à vida intelectual, artística e moral que se expressam a partir de manifestações materiais de uma época, região, país ou sociedade.

DNA

Sigla de ácido desoxirribonucleico, material que contém a informação hereditária dos seres humanos e de outros organismos.

Economia do Bem Comum

Movimento global empresarial inspirado na confiança, cooperação, democracia, reciprocidade e empatia, com a finalidade de fortalecer as relações dos ecossistemas (cultural ou natural) e o cuidado do bem coletivo.

Economia Consciente

A boa administração da casa grande, a partir de uma prática consciente e regenerativa, inspirada na ética de um desenvolvimento responsável para um território ou sociedade.

Escala macro, média e micro

Sucessão organizada de valores diferentes de uma mesma qualidade, em termos de contexto socioterritorial de alcance global (macro), regional (intermediário) e local (micro).

Ecossistema

Sistema integral que inclui seres vivos e ambiente por manter características e relações entre ambos.

Eros

Modelo social inspirado na cultura do diálogo, do consenso, que respeite as diversidades e as diferenças.

Eudaimonia

Conceito de Aristóteles baseado na ética da felicidade, da boa vida e do bom gênio, a partir do sucesso moral e espiritual.

Expansão urbana

Crescimento ou aumento físico de uma área que se gera de maneira horizontal e que vai ocupando espaços do solo de maneira indiscriminada, aumentando permanentemente o perímetro urbano de uma cidade e deixando ameaçada sua área rural e paisagística.

Feedback

Retroalimentação em relação a um ponto de vista ou análise de algo.

Governabilidade

Formas estratégicas de manejo dos cenários políticos, sustentados na arte possível das negociações de poder entre as forças de uma sociedade.

Governança

Formas estratégicas de articulação dos processos sociais, inspirados na cultura do diálogo pela paz entre o social e o territorial.

Guetos

Setores de caráter social que se agrupam de maneira fechada, respondendo a afinidades culturais, econômicas, religiosas, mas também que podem gerar áreas marginalizadas ou automarginalizadas pela sociedade, chegando a se converter em verdadeiros setores de segregação etnocultural, seja de ricos ou de pobres.

Hipercomunicação

Era conhecida a partir da sociedade da informação e da comunicação, produto das novas tecnologias digitais que tem gerado um processo de saturação da comunicação (internet, redes sociais, sistemas de comunicação digitais).

Hiperconsumo

Ato de consumir de forma exagerada e compulsiva, pretendendo encontrar satisfação inconclusiva, e não felicidade, a partir da compra de objetos de consumos ou contratação de serviços.

IA (Inteligência Artificial)

É a capacidade que uma máquina tem de reproduzir competências semelhantes às humanas (raciocínio, aprendizagem, entre outras).

Iconofacto

A construção de um produto a partir de uma elaboração digitalizada de superfícies impressas em 3D.

Identidade

Construção social que se estrutura a partir das memórias culturais de valor significativo, trazidas ao presente para interagir com a realidade, sendo projetadas ao futuro, em termos dinâmicos.

Loteamento

Forma de dividir o solo ou terra para convertê-la em terrenos ou unidades individuais que têm como finalidade a construção de casas individuais.

Matriz ecológica

Suporte ou estrutura de base de um ambiente, representado por um tecido produto genuíno da essência de uma paisagem natural; incluindo corredores ou conectores, fragmentos e bordas.

Mindset

São os conhecimentos e saberes, assim como sentimentos e emoções, produto da construção de nossa mente, que determinam nossas decisões na vida.

Orbi

Origem latina, significa órbita, círculo, mundo.

Paisagem

País de paisanos, camponeses que dão significação a um lugar ou território, seja natural ou antropizado, para se transformar em uma paisagem.

Paradigma

Modelo mental de pensamento baseando em uma construção cultural de uma sociedade. Em geral, surge de um modelo produtivo e depois se espalha por todas as dimensões (sociais, educativas, artísticas, entre outras).

Patrimônio

Índice da identidade social de uma comunidade, representado através de seus valores memoráveis de caráter material (arquitetura, urbanismo) ou imaterial (costumes, gastronomia, música e arte, literatura, entre outros).

Resiliência

Capacidade de dar respostas superadoras a qualquer perturbação.

Shopping center

Centro comercial de grande escala surgido na era do consumo (séculos XX e XXI) que reúne lojas de produtos e serviços variados e espaços para lazer, todos com a única finalidade de consumir de maneira ilimitada.

Skateholders

Pessoas ou grupos envolvidos no ecossistema de uma empresa ou projeto.

Supplychain

Termo inglês que significa cadeia de suprimentos, relacionado com processos diversos.

Sustentabilidade

Autossustentação a partir de uma prática permanente de valores de respeito por cuidado ambiental, desenvolvimento econômico responsável e consciente, equidade social e gestão integrada. A sustentabilidade pode ser abordada através de diferentes campos de atuação, tais como a regeneração, a recuperação ou restauração, a inovação, a conservação e, por último, o monitoramento de todos os processos com a finalidade de poder ajustar os desajustes constantes.

Tecnologia

Estudo das técnicas e teorias que possibilitam a aplicação prática do conhecimento adquirido.

Tecido urbano

Estrutura de uma cidade constituída pela trama de edifícios, terrenos, parques e ruas, assim como todas as vias de circulação e conexão.

Território

Vem do latim “*territorium*”, que se refere a uma extensão de terra sob uma jurisdição específica.

Thanatos

Cenário ilusório de destruição e atomização social, de falta de confiança com os líderes locais, de ameaça das próprias instituições representativas de uma sociedade manifestas nas suas cidades.

Trade-offs

Está relacionado com a necessidade de fazer uma escolha entre opções determinadas.

Unidade de vizinhança

Conceito consolidado pelo sociólogo norte-americano Clarence Perry nos anos 1920 que propõe a escala de vizinhança, com o objetivo de articular as práticas cotidianas a um território de sociabilidade de determinada comunidade.

Urbi

Conceito grego que representa a ideia de cidade, em termos físicos, acompanhado dos outros dois conceitos de *civis* (forma cívica de uma sociedade) e *polis* (forma política de gestão das cidades).

Urbitetura

Neologismo sobre a ideia global de compreender a abordagem da arquitetura da cidade, ou seja, a maneira de modelar de forma articulada as interfaces que constituem o tecido urbano, a textura espacial de uma cidade.

Vikings

Povos originários dos países nórdicos que se destacavam pela sua capacidade de resiliência, em razão de morarem em um território inóspito que os obrigou a procurar outros lugares e, com isso, trocar experiências enriquecedoras com outras culturas, o que gerou um comportamento de desapego característico até hoje das culturas nórdicas.

A Editora

A Editora da Universidade de Caxias do Sul, desde sua fundação em 1976, tem procurado valorizar o trabalho dos professores, as atividades de pesquisa e a produção literária dos autores da região. O nosso acervo tem por volta de 1.600 títulos publicados em formato de livros impressos e 600 títulos publicados em formato digital. Editamos aproximadamente 1.000 páginas por semana, consolidando nossa posição entre as maiores editoras acadêmicas do estado no que se refere ao volume de publicações.

Nossos principais canais de venda são a loja da Educs na Amazon e o nosso site para obras físicas e digitais. Para a difusão do nosso conteúdo, temos a publicação das obras em formato digital pelas plataformas Pearson e eLivro, bem como a distribuição por assinatura no formato streaming pela plataforma internacional Perlego. Além disso, publicamos as revistas científicas da Universidade no portal dos periódicos hospedado em nosso site, contribuindo para a popularização da ciência.

Nossos Selos

-  **EDUCS/Ensino**, relativo aos materiais didático-pedagógicos;
-  **EDUCS/Origens**, para obras com temáticas referentes a memórias das famílias e das instituições regionais;
-  **EDUCS/Pockets**, para obras de menor extensão que possam difundir conhecimentos pontuais, com rapidez e informação assertiva;
-  **EDUCS/Pesquisa**, referente às publicações oriundas de pesquisas de graduação e pós-graduação;
-  **EDUCS/Literário**, para qualificar a produção literária em suas diversas formas e valorizar os autores regionais;
-  **EDUCS/Traduções**, que atendem à publicação de obras diferenciadas cuja tradução e a oferta contribuem para a difusão do conhecimento específico;
-  **EDUCS/Comunidade**, cujo escopo são as publicações que possam reforçar os laços comunitários;
-  **EDUCS/Internacional**, para obras bilíngues ou publicadas em idiomas estrangeiros;
-  **EDUCS/Infantojuvenil**, para a disseminação do saber qualificado a esses públicos;
-  **EDUCS/Teses & Dissertações**, para publicação dos resultados das pesquisas em programas de pós-graduação.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code.

Civis Conscientes se habilita como uma guia para lideranças que apresenta, explica e provoca um novo *mindset*.

Um imenso agradecimento pela confiança depositada em nós, de todas as empresas patrocinadoras que acreditaram no conteúdo deste documento!

PATROCÍNIO



ENG. JOSÉ CARLOS SILVEIRA

